

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
CURSO DE FILOSOFIA

ANA P. SCHEFFER

A TEORIA DE ~~TUDO~~ NADA
uma hipótese acerca dos “movimentos” do pensar

PASSO FUNDO

2023

ANA PAULA SCHEFFER

A TEORIA DE ~~TUDO~~ NADA

uma hipótese acerca dos “movimentos” do pensar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Filosofia, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta.

PASSO FUNDO

2023

~~“Pense fora da caixa”~~

RESUMO

Dependendo de suas associações, talvez, ao ler o título você tenha sido reportado a ideia de uma teoria que almeja explicar o universo. Isso porque a palavra tudo é comumente associada a ideia de cosmo, além de que “A teoria de tudo” é o nome de um filme baseado na vida do físico conhecido por teorias acerca do universo, Stephen Hawking. Mas, não se engane, a palavra ~~tudo~~ está devidamente taxada por alguns bons motivos. O primeiro deles, visa reconhecer a minha limitação ou até mesmo incapacidade de compreender tudo; o segundo, visa questionar o que seria tudo? E o terceiro, pretende orientar que, talvez, a resposta da segunda pergunta se limite ao nosso sistema de linguagem. Aqui chegamos no subtítulo: “uma hipótese acerca dos “movimentos” do pensar” e o resumo propriamente dito: uma teoria da linguagem que visa investigar quais são os movimentos que acompanham o pensamento e como eles participam da nossa forma de compreender e se relacionar com o mundo. O divertido aqui foi descobrir que, muito além de imagens e vozes, o modo como pensamos pode revelar compreensões importantes acerca de ideias como: espaço, tempo, lógica, números, palavras, sentido e até mesmo a verdade – e as devidas mentiras contadas sobre ela. De outro modo, a palavra “tudo” tem origem do latim e significa inteiro ou que não é dividido em partes, e portanto, por mais que exista a tendência de inserir este trabalho em uma caixinha chamada “filosofia”, podemos dizer que ele é um esforço para transcender os limites e unir filosofia, física, ciência, espiritualidade e a cotidianidade da vida. Os ingredientes fundamentais e fresquinhos de nossa teoria de nada!

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da linguagem; Wittgenstein; Espaço-tempo; lógica; Física.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO (OU UM CAPÍTULO?)	6
2. PERCEBENDO A PERCEPÇÃO!	11
2.1 ESPELHAMENTO, ESPELHAMENTO MEU!	12
2.2 LÓGICO, ALIÁS LÓGICA!.....	15
2.3 ASSOCIANDO ASSOCIAÇÕES!	16
2.3.1 TENDÊNCIA ASSOCIATIVA	18
2.4 ALGUMAS COISAS SOBRE O SER PÃO!.....	19
2.4.1 TODO MUNDO IGUAL: OS PADRÕES.....	20
2.4.1.1 COR: UMA OBJETIVIDADE SUBJETIVA!	23
2.4.2 OBJETIVIDADE X SUBJETIVIDADE (FAÇAM AS SUAS APOSTAS!)	25
2.4.3 CATEGORIAS (AS CAIXAS)!.....	29
2.4.3.1 CATEGORIA DA CATEGORIA DA CATEGORIA	31
2.5 HIERARQUIA.....	33
2.5.1 ROBUSTEZ (FORÇA COM UM NOME BONITO).....	37
2.6 IDEIA, A FILHA DO CONCEITO!	38
2.6.1 ESPAÇO (a b)!	41
2.6.2 A VERDADE: E AS SUAS MENTIRAS.....	46
2.7 CONCEITO: A MÃE DA IDEIA!	51
2.7.1 PALAVRAS... “APENAS”	54
2.7.2 É TEMPO DE COMPREENDER O TEMPO!	61
2.8 NÚMEROS (“O QUE É, O QUE SÃO, O QUE DIZEM SOBRE VOCÊ?”)	69
2.9 SENTI(N)DO O CAMINHO.	73
3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	83
REFERÊNCIAS	87

1. INTRODUÇÃO (OU UM CAPÍTULO?)

A palavra ciência¹ deriva do latim e significa *conhecimento*, teórico, mas também prático. Resumindo bastante, podemos compreendê-la como uma espécie de conhecimento, mas, organizado, segundo o que diz o *Novum Organum*², com base no que eu entendi do que li, escrito por Francis Bacon, apelidado como o fundador da Ciência Moderna.

Sobre a Ciência, resolvi deixar a história, digamos **objetiva**, um pouco de lado, e fazer algumas considerações pessoais, assim mesmo, em primeira pessoa. Quando digo considerações pessoais, digo falar o que **sinto**, vivendo em pleno século XXI, com a devida ressalva de meu recorte contextual, cultural e até mesmo **subjetivo** ou de meu foco (coisas que veremos melhor no decorrer desta teoria).

Há uns cinco anos, a minha religião era a ciência. Eu era do tipo descrente³ e cegamente crente (ao mesmo tempo). Descrente, quando me recusava a acreditar em qualquer explicação que se fundamentasse na **ideia** de Deus. Quando alguém me dizia: tente fazer isso (geralmente, algo místico sem, aparentemente, tanto fundamento) e você irá melhorar! Logo na sequência, eu perguntava o porquê e, se a pessoa não me desse uma explicação minimamente fundamentada na Ciência, eu nem perdia o meu tempo.

Eu idolatrava a Ciência de tal modo que, o que era científico, era lei. Sem perceber que o comportamento de cegueira sistêmica que eu mais repudiava em algumas pessoas era o meu também, mas, com outro foco. Até que, aos poucos, a vida foi me escancarando algumas coisas de tal modo que precisei apenas do mínimo de bom senso para constatar.

Como, por exemplo, quando elaborei um artigo e, ao conversar com um professor para publicar, ele me disse algo do gênero: “Ana, até podemos trabalhar nele para publicação, mas, como você não tem doutorado, precisaremos colocar o meu nome primeiro, caso contrário, ele nem será aceito”.

Aquela era uma prática que eu já conhecia, a novidade era que o artigo era na área da Filosofia. Ou seja, uma área que deveria ser conhecida por se despir dos preconceitos, dos rótulos, um paradoxo ou a prova de que alguma coisa de errado não estava certa!

Claro, podemos observar que **otimizar** tempo é um processo natural e, assim como eu rejeitava as soluções místicas sem ao menos tentar, a revista fazia o “mesmo” selecionando os doutores, a hipótese segue uma: poupamos **tempo e energia** e aumentamos a probabilidade de acertos. O único “porém” é que venho observando que, com o tempo, possuímos uma certa tendência em *relevar o irrelevante irrelevando*⁴ o relevante, dependendo de nossas experiências passadas com o objeto de análise.

¹ Sobre a etimologia da palavra, devo confessar, que optei por digitar no Google “etimologia da palavra tal” e ver o que encontrava na web. Fiz esse movimento com todas elas, ao mesmo tempo que refletia se, para mim, aquela representação do termo fazia sentido ou não (Até porque latim e grego, são “grego” para mim!). Diante do exposto, o que eu desejo evidenciar, por aqui, é o movimento consciente de procurar encontrar um sentido, mais do que uma busca por objetividade, mais do que uma busca pela verdadeira ou real origem da palavra.

² Bacon, 2000.

³ Na época eu me considerava Agnóstica, ou seja, para um Agnóstico, é impossível saber se Deus existe ou não, pois, se acredita que Deus transcende a realidade e a lógica. Em outras palavras, eu não contava com Deus para resolver os meus problemas, para mim a sua existência ou inexistência não mudava muita coisa!

⁴ Essa palavra não existe, ou melhor, não existia! Tal movimento de empregar novas palavras se chama neologismo.

Credo, Ana. Como assim? Parece ser mais um fenômeno de otimização que adota como base as referências passadas para moldar as referências presentes. Se preferir, podemos até mesmo chamar isso de preconceito⁵. Sem discernimento, caímos na armadilha e podemos aprovar muita porcaria, até mesmo na ciência!

A icônica Rita Lee⁶ já nos alertava quanto a esse, digamos, fenômeno:

“Porque nem toda feiticeira é corcunda, nem toda brasileira é bunda, meu peito não é de silicone (eu resolvi tirar), sou mais macho que muito homem! ♪ ♪”⁷

E aí, se você conhece a música, também leu a frase ouvindo a voz da Rita Lee em sua “cabeça”? Já se perguntou como esse movimento é possível? É o que também investigaremos por aqui!

Mas, voltando a discussão... o fenômeno acontece, por exemplo, quando olhamos mais para quem está escrevendo, do que o que ela está escrevendo ou quando você só valida uma opinião, se a pessoa tiver doutorado⁸ ou fundamentação científica! É o que o Bacon previu como os “ídolos” ou certas noções que bloqueiam a mente!

Que absurdo, Ana, como você pode falar mal da Ciência, ela faz tanto por nós! Bem, se você pensa assim, bem-vindo a minha antiga religião, a Ciência. Perceba como não podemos, ou como é incomodo, criticar determinados expoentes! E sabe o que é ainda mais curioso? Que tanto Deus como a Ciência possuem a fama de carregar a **verdade!** (com as devidas disputas do campo). Ou seja, dependendo da crença, se o seu expoente, como Deus ou a Ciência, disse, tá falado! Quem sou eu, mero mortal, para duvidar, não é mesmo?

E graças a Deus que eu duvidei, se não fosse pelo meu senso crítico, estaria, possivelmente, dopada de medicamentos para TDAH, bipolaridade, ansiedade, depressão e tudo mais, que eu já ouvi de figuras do alto escalão **hierárquico**, que vivem nos rotulando. Representantes da dita ciência que se atreveram a me fazer acreditar que eles sabiam mais do meu corpo que eu mesma!

O problema é que, com a nossa tendência em reconhecer **padrões**, criar **categorias**, e acreditar que pela frequência de reconhecimento isso é uma **verdade** (única e objetiva), muitas vezes, relegamos ou até mesmo deturpamos a subjetividade humana e, com ela, a possibilidade de uma compreensão mais “ampla”. O que sinto é que o que recorrentemente a dita Ciência faz é calcular a média e colocar as pessoas em caixinhas e vender outras caixinhas (medicamentos - isso que eu vou me conter para não entrar na problemática dos interesses por trás da Ciência, se não a introdução viraria uma monografia!).

A média pode ser compreendida como a cama do Procusto⁹, reza a lenda que:

Procusto era um bandido que vivia escondido em uma floresta. Todas as pessoas que passavam por perto de seu habitat, eram sequestradas, e colocadas em uma cama. Das pessoas

⁵ Trabalhei a questão do preconceito com maior profundidade neste [vídeo](#), caso tiver interesse!

⁶ A Autoria é da Rita e da Zélia Ducan.

⁷ Dica: toda vez que você ver algo azul, clique nele e confira as sugestões de conteúdo que complementam a teoria!

⁸ Deixo aqui um beijo para os meus avós, que não tem nem o ensino médio, mas sabem muito mais que tantos, a respeito de determinadas questões.

⁹ Eu fiquei sabendo da cama do Procusto no livro Antifrágil do Taleb. Ele também questiona a efetividade da média, então, vale como dica de leitura.

que eram muito compridas, ele cortava as pernas, e das que eram muito pequenas, Procasto as esticava (eu seria esticada). O tamanho da cama era o padrão que ele utilizava.

Ou seja, quando calculamos a média, deixamos muitos “**números**” de fora! E você, assim como eu, pode ser um desses. Mas, a resposta talvez se encontre nas **cores**. Em um mundo que reconheça a diversidade que se esconde por trás de toda objetividade.

É por essas que eu duvido, porque acredito que a dúvida não deveria ser vista como algo desrespeitoso¹⁰ (como talvez lhe ensinaram na infância), mas, saudável ao processo de aperfeiçoamento. É justo reconhecer que há uma porção generosa de coisas boas que aconteceram graças as **associações** que criamos de nossos expoentes. E há também coisas horrorosas que precisamos refletir a respeito.

O porém, é que: como iremos aperfeiçoar algo que acreditamos ser **perfeito**? (e o que seria perfeito?). Com esse movimento, criamos um péssimo hábito de colocar essas determinadas **ideias** em um pedestal. Lá em cima, muito longe de nossa realidade, intocáveis. E, assim, cometemos um erro crasso ao esquecer que a Ciência é feita por seres humanos, assim como, dizem por aí, fazemos parte de Deus.¹¹ Mas, eu lhe entendo, então, se você não se sentir confortável em duvidar deles, você pode pensar que estamos duvidando de algumas formas humanas de compreender essas ideias! Porque é exatamente isso que estamos fazendo!

Falando em compreensão de ideias! (lá vem mais uma história da Ana, e você vai encontrar muitas delas por aqui). Eu tive uma experiência fazendo mestrado. E o que eu mais senti? Uma busca desenfreada por publicar artigos o tempo todo, que, muitas vezes, pouquíssimas pessoas iriam ler, com uma linguagem técnica que era muito semelhante ao padre rezando a missa em latim.

O questionamento que segue é: estamos fazendo isso direito, se a nossa **prioridade** ou até mesmo objetivo maior for algo parecido com o que o Bacon estipulou como “*utilia in vita hominum*”? (viu só como falar em latim complica as coisas...) vamos traduzir para: torna-se útil a vida da humanidade!

Eu vivi nesse mundo até parar um pouco para olhar para o vazio que habitava dentro de mim e questionava: Ciência para quê? Para elevar meu índice H ou para melhorar a vida dos seres? (é claro, pode ser os dois, desde que, cá entre nós, não seja apenas a primeira opção). E sabe o que andou me indignando ainda mais? Que aos poucos eu fui percebendo que a filosofia estava seguindo um caminho muito parecido.

Colaborando com a minha indignação, vinham as perguntas: Ana, você está fazendo a sua monografia em quê? Qual é o seu autor base? Em **nada**, em nenhum, eu respondia. Estou propondo uma teoria (às pessoas me olhavam meio estranhas). Por vezes, a impressão que eu tenho é que tudo de bom que poderia ser escrito já foi, e agora nos resta revisitar o passado, tem até um ar de Renascimento Romântico (ressalva: isso é bem diferente de valorizar o que já temos!).

Será mesmo que estamos pensando fora da caixa? (e o que seria a caixa?) Bem, apontamentos, ou melhor, desapontamentos feitos! Vamos descobrir do que se trata tal teoria

¹⁰ Eu trabalho essa problemática da dúvida como desrespeito neste [episódio](#). Vale a pena conferir, principalmente, se você for um educador, ou alguém com dificuldades de duvidar.

¹¹ Uma vez me falaram que dentro de Deus, existia eu! (entendeu? Deus) – mas, só se você fala Português, obviamente!

(já que a introdução demanda que eu faça isso, e ao menos isso eu vou obedecer – mas, porque é importante que você saiba!).

Por mais que o título já deve ter lhe dado um *spoiler*, e **tudo** o que conversamos até aqui também (recomendo reler a introdução depois do fim - se é que existe fim), de fato, a teoria em questão visa tratar de um esforço sobre investigar um fenômeno presente e, talvez, um dos mais influentes em nossas vidas: o pensamento, ou melhor, pensaremos sobre o pensar! (se há algo mais filosófico que isso, eu desconheço!).

E para fazer isso, é impossível pensar dentro da caixa! Falando nisso, devo alegar que a tentativa de pensar fora da caixa é uma ideia um pouco perigosa, senti na pele o desconforto e quase fiquei cega, aliás, louca! (de fato, essas críticas, logo de cara, em uma monografia, que ainda carecerá de julgamento, não parece ser um movimento de muito juízo, não é mesmo? Essa será a minha desculpa, ou melhor, a defesa: louca!). Isso me faz pensar que, manter as coisas dentro de um contexto **lógico** e, portanto, que faça **sentido**, é um mecanismo fundamental a nossa sobrevivência, ou melhor, sanidade mental.

Aliás, mecanismo é uma palavra relativamente equivocada nesta teoria, isso porque dá ideia de algo mecânico (simples e fragilista demais, eu me atreveria a dizer); e é sempre válido recordar: não somos máquinas! Somos organismos - orgânicos! Que deriva do latim *organicus* e significa “relativo a instrumento musical” (vou fazer muito essas relações no decorrer do texto, vai se acostumando!). E essa definição faz sentido para você? E se pensarmos na música como uma metáfora que precisa de vários instrumentos, ou notas, ou um conjunto de algo preferencialmente harmônico para se tornar o que ela é? Conseguiu sentir o que um organismo significa?

É por essas que, por aqui, o mecânico será substituído pela **palavra movimento**, algo muito mais complexo, que só pode ser compreendido pela totalidade. O que isso quer dizer? Sim, eu sei que a filosofia está recorrentemente associada ao uso da razão, mas, como eu mesma aleguei estar ficando louca, por aqui, aprenderemos a pensar também com os sentidos (é o que nos resta).

“Viu, Ana! É por essas que a ciência prima pela objetividade, olha quanto você está enrolando!” Aliás, devo alertar que não será apenas a introdução que será escrita em primeira pessoa, será o texto inteiro. *“Por que tanta revolta em um corpo tão pequeno, Ana Paula¹²?”* Não se trata de uma revolta, se trata de uma tentativa de aproximar as pessoas da Filosofia, da Ciência e quem sabe até mesmo de Deus! Esse último, inclusive, alegam que não pode ser pensado, apenas sentido (pensaremos mais, aliás, sentiremos mais a respeito).

Isso tudo que conversamos até aqui pode, em um primeiro momento, parecer “enrolação”, mas, posso alegar que cada palavra foi escolhida com muito esmero. Além de que, eu pretendo fazer as coisas ganharem sentido no decorrer desta teoria. Portanto, nada de latim, nada de impessoalidade, e sim de pessoalidade, de nós (de eu e você) conversando e refletindo juntos!

E algumas piadas para deixam o texto mais descontraído (mais uma quebra de paradigma: as coisas não precisam ser sérias para serem sérias!). Porque o meu principal

¹² Ana deriva do Hebraico e significa cheia de graça, já Paula deriva do latim e significa pequena. Resumindo: eu sou uma pequena cheia de graça! Por que eu estou falando disso aqui? Para você refletir que o seu nome já carrega um significado antes mesmo de você nascer. Pior mesmo no meu caso, que deu bem certo, ainda mais com a estatura!

propósito com essa teoria é que você a compreenda, recorde-a com carinho, e que de alguma forma, você possa **espelhar** ela em sua vida, tornando-a melhor e consequentemente de todos à sua volta!

Ah, falando em todos! Mais uma ressalva, ao invés de focar em um autor específico, resolvi utilizar o conhecimento que me foi repassado ao longo desses anos de curso, assim como todas as leituras que já fiz na vida, bem como todas as observações que a empiria foi capaz de me fornecer, a fim de elaborar esta teoria. É por essas que quando eu disse “a minha teoria não se fundamenta em nada”, podemos pensar que de algum modo, o nada, significa tudo!

Portanto, se for para criticar, pode recorrer ao meu nome (lembre-se de fazer isso educadamente, de tal modo que eu possa utilizar a sua crítica para aperfeiçoar o trabalho, tudo bem?), mas se for para elogiar, tenha em **mente** que essa não é uma construção apenas minha, é nossa!

Ademais, *“o quanto meus esforços coincidem com os de outros filósofos, não quero julgar. Com efeito, o que escrevi aqui não tem, no pormenor, absolutamente nenhuma pretensão de originalidade¹³”* (O Witt - genstein).

Antes que me matem: Parece-me ser natural evidenciarmos o que as coisas têm de ruim, até mesmo mais do que as boas (chamamos a isso como o viés da negatividade). E, sim, é esse movimento que coloca em cheque certas ideias a fim de testarmos a sua sustentabilidade e, se for necessário, promover mudanças - e as mudanças sempre incomodam (a história está aí para me apoiar e Thomas Kuhn¹⁴ também!).

Noto que, com certa frequência, quando a gente crítica algo, parece que há um movimento inconsciente que nos coloca do outro lado, como se fôssemos inimigos, e não é bem isso que estou tentando fazer aqui (não é uma batalha, enxergue mais como uma dança!). Pode existir uma parte da Ciência, da Filosofia, da ideia de Deus, que parece estar carecendo de aprimoramento, mas, isso não anula uma outra parte que é muito boa e que também merece destaque!

Ressalvas feitas, agora, sim, vamos comer pão!

¹³ Em uma aula de filosofia da arte, meu professor comentou que, na Idade Média, não era comum as pessoas assinarem as suas obras. Na época eu achei aquilo um absurdo, porque considerava que o esforço individual deveria ser reconhecido. Hoje, eu entendo que o esforço individual não existe sem o conjunto, e que um nome é apenas a representação de algo “maior”.

¹⁴ Para fundamentar a problemática da mudança, sugiro a leitura do livro: *Em busca de nós mesmos* (Barros & Calabrez, 2017), especificamente o capítulo “A transição da Antiguidade e Idade Média e A Revolução Copernicana”.

2. PERCEBENDO A PERCEPÇÃO!

A palavra perceber deriva do latim e significa trazer à consciência pelos sentidos. Aqui, compreenderemos a percepção como um movimento amplo que envolve desde a captação de informações por intermédios de nossos sentidos, processos racionais, emocionais e até mesmo os contextos culturais. Neste trabalho, em específico, nos ateremos a teorizar sobre uma fração da percepção que se relaciona a identificar os movimentos que estão por trás de nosso pensamento e que nos auxiliam a dar sentido ao mundo.

Falando em sentido, quando falarmos sobre **o amplo sentido**, estaremos nos referindo ao conjunto disponível de sentidos de uma pessoa. Isso porque, apesar de os diferenciarmos, como: tato, visão, olfato, paladar e audição (entre outros¹⁵), a palavra percepção foi significada, justamente, para enfatizar um processo dinâmico e **sem muitas fronteiras**, onde a maioria desses sentidos interage de modo a captar o maior número de **informações** possíveis e de **forma integrada**.

A palavra informação deriva do latim e significa delinear ou conceber uma ideia. Podemos pensar em informação, como um ato, ou como aquilo que informa algo e, portanto, um movimento. Em teoria, um objeto é composto por um conjunto considerável de partículas. Quando focamos em algo, coletamos informações dessas partículas por intermédio de ondas. Tal onda é captada pelos nossos sentidos, chegando até o cérebro, acionando uma partícula correspondente àquela informação. Na Imagem 1 está representado o ato de informar.

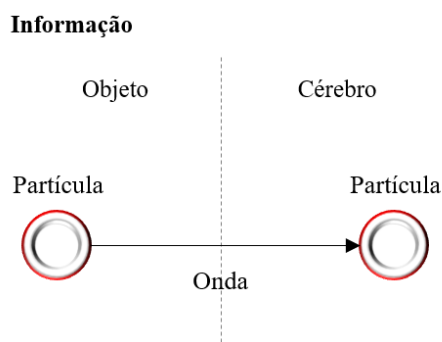


Imagem 1. Informação. Fonte: Autora.

Podemos alegar também que um conjunto de informações percebidas de um pão (objeto), participa da elaboração de seu conceito e de sua ideia e que, portanto, contribui para a sua delimitação ou formação (como veremos mais adiante).

A fim de facilitar as coisas, vamos a um exemplo. O bebê do vídeo que você verá na sequência (ao final do parágrafo, escaneie o QR Code) está se relacionando com o que parece ser um pedaço de pão. Talvez, ele ainda não possua uma ideia bem delimitada do que um pão signifique, mas, eu gostaria que você percebesse que, por meio do amplo sentido, o seu corpo está captando um conjunto significativo de informações.

¹⁵ Dizem que são cinco, os sentidos. Eu desconfio que quanto mais nos percebermos, mais encontraremos sentidos, acesse [aqui](#) e descubra mais dois.



Vídeo 01. Fonte: Freepik.com

A textura, o gosto, as cores, o barulho, o cheiro do pão e o que mais conseguirmos perceber por intermédio do amplo sentido. Agora imagine que tudo isso está sendo captado e espelhado no cérebro do bebê neste exato momento. Esse movimento de captar informações não é de todo passivo. Ou seja, necessitamos direcionar o amplo sentido em um objeto para captar informações.

No caso do desenvolvimento humano, considero que, quando muito pequenos, somos mais reativos a determinados estímulos, assim como o nosso cérebro se comporta como uma espécie de “esponja”, aberto a captar o maior número de informações possíveis ao mesmo tempo que iniciamos o nosso processo de compreensão do mundo. Mesmo assim, precisamos focar para fazer tal percepção e, portanto, podemos considerar que exista, talvez, uma certa intencionalidade, mesmo que ainda primitiva.

Antes de prosseguir, uma ressalva: não devo me ater às fases do desenvolvimento humano e seus respectivos modos de funcionamento cerebral. O exemplo do bebê, visa retratar uma ideia inicial do processo. Diante do exposto, gostaria que a seguir, você imaginasse que os movimentos que estão sendo elucidados, se constituem como parte de um cérebro adulto, por mais que tais movimentos se iniciem na infância.

2.1 Espelhamento, espelhamento meu!

No entanto, como aquilo que sentimos¹⁶ de algum modo é arquivado em nosso cérebro de tal forma que consigamos rever, ou melhor, lembrar apenas pelo movimento de pensar? Bem, por aqui já compreendemos que, antes, é preciso coletar informações para poder estabelecer associações. Mas, não só isso, parece-me que o processo de espelhamento é fundamental para que as efetivemos e memorizemos. Mas, que processo seria esse?

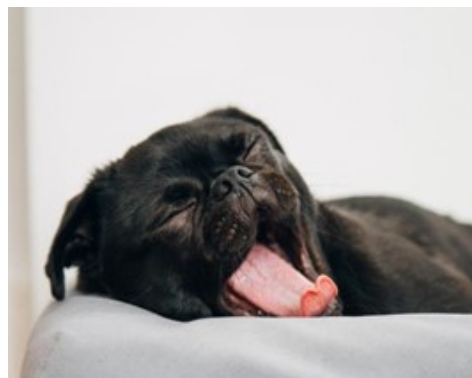


Imagem 2. Bocejo. Fonte: Unsplash Charlesdeluvio.

¹⁶ Sentir neste caso se refere ao que captamos pelos sentidos, ou seja, aquilo que vemos, ouvimos, cheiramos e etc.

Já aconteceu com você de olhar para uma pessoa bocejando e bocejar também? Essa é a representação da influência dos neurônios espelho.

Os neurônios espelho desempenham uma função crucial para o comportamento humano. Eles são ativados quando alguém observa uma ação de outra pessoa (...). Se alguém faz um movimento corporal complexo que nunca realizamos antes, os nossos neurônios-espelho identificam no nosso sistema corporal os mecanismos proprioceptivos e musculares correspondentes e tendemos a imitar, inconscientemente, aquilo que observamos, ouvimos ou percebemos de alguma forma (Lameiral et al. 2006).

A abrangência dos neurônios espelho ainda não está bem delimitada, ou seja, ainda há dúvidas quanto ao alcance de suas funções. Diante do exposto, a teoria que defenderei a seguir se apropria do movimento de espelhamento, talvez, provenientes dos neurônios espelhos, para efetivar as nossas memórias. Vejamos como isso é possível.

*Modelo: a fim de facilitar o entendimento, iremos nos ater a um recorte de um sistema muito mais amplo e complexo, mas que, no entanto, parece ser ordenado pelo mesmo modo de funcionamento, em diferentes escalas. Como dizem que diria Sócrates “conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses”. Feitas as ressalvas, vamos optar por exemplificar, trabalhando apenas com um sentido, a **visão**. Agora, eu preciso de uma ajudinha sua. Imagine que o único sentido que funciona em seu corpo é a visão. E você está olhando para um pão!*



Imagem 3. Pães. Fonte: Unsplash, César Guel.

Toda vez que olhamos especificamente para algo, é como se fizéssemos um recorte da realidade, simplesmente, porque não temos capacidade de enxergar tudo. Olhar, nesse sentido, pode também significar **focar**, enquadrar ou objetivar. Para facilitar, podemos imaginar o nosso olho como uma câmera fotográfica, composta por uma objetiva, ou seja, uma lente que foca, produzindo uma imagem, que nada mais é que um recorte de uma cena, possivelmente, infinita.

Para os mais curiosos, a palavra objetiva deriva de objeto que tem sua origem do latim e significa “o que é posto diante”, ou o que está na frente de nossos olhos! Diante do exposto, vamos nos referir a **objeto**, não necessariamente apenas como um “objeto” no sentido comum do termo, algo mais material, como também um recorte de análise, como, por exemplo, uma paisagem que estamos contemplando pode ser, nesse caso, um objeto.

Falando em câmera, o princípio de funcionamento de uma câmera fotográfica é muito semelhante ao princípio de funcionamento do olho. O que acontece é que basicamente, a luz

bate no objeto, e em contato com o olho ou uma câmera, ela é espelhada de forma invertida. No caso do olho, a retina recebe essa luz, converte e envia a informação para o nervo ótico, que por sua vez leva a informação até o cérebro, que reconhece, decodifica, compreende e arquiva o que o olho vê (essa última, é a parte que nos difere da câmera, por enquanto).

Utilizando como base o nosso modelo, imagine que, depois de você focar no pão, o seu cérebro reconheça apenas “uma” informação percebida pela visão: a “cor” do pão. Essa informação pode ser compreendida como uma luz, que é percebida no pão e espelhada em nossa mente. É como se o pão fosse o emissor e nós, o receptor de uma informação. A Imagem 4 simboliza esse movimento.

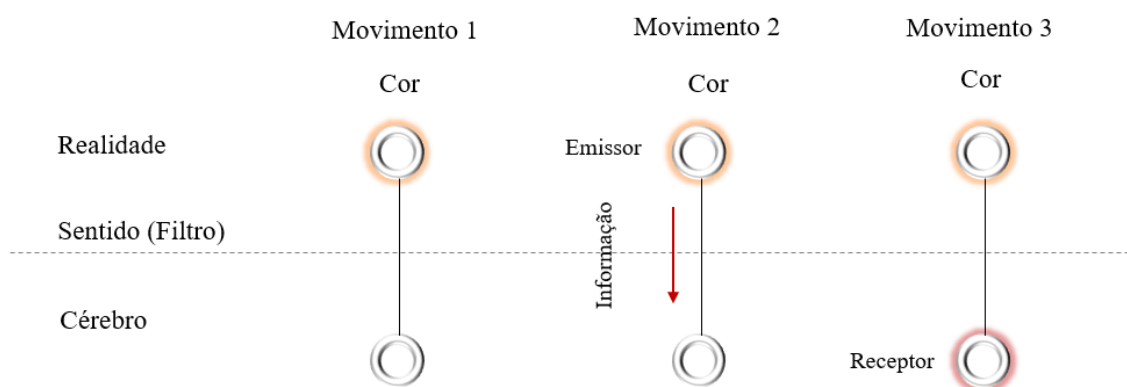


Imagem 4. Espelhamento. Fonte: Autora.

Aqui vale uma ressalva sobre o termo espelhamento. Por associar ele ao espelho, eventualmente o relacionamos com algo idêntico. A palavra espelho deriva do latim e significa curiosamente olhar, que como vimos, se constitui por um processo de receber informações do meio, codificando-as de acordo com o nosso filtro.

Por exemplo, uma vez, eu queria compreender como é possível que o nosso celular toque uma música. Ficava pensando se a música viajava por ondas e chegava nele (pode rir à vontade!). Descobri que esse mecanismo é bem mais inteligente. Na verdade, o que viaja são informações, códigos ou ondas, que acionam no próprio aparelho os mecanismos necessários para que ele reproduza a música. É como se alguém tocasse a música em um violão, a gente ouvisse, identificasse as melodias, e replicasse tocando-a com o nosso violão e o nosso corpo, incluso as nossas habilidades (ou, no meu caso, a falta delas). Resumindo, por mais que seja a mesma música, não vai ser a mesma música!

No caso do pão, duas pessoas podem olhar para o mesmo pão e vê-lo de uma forma diferente. Um míope pode ter dificuldade de visualizar a sua forma, um daltônico, vai enxergar uma cor completamente diferente do que a maioria das pessoas. Ainda assim, mesmo que duas pessoas enxerguem amarelo, graças a unicidade de seus receptores, ousar dizer que o amarelo enxergado nunca será igual.

O que fica para todas elas é o fato de conseguirem receber a informação de um emissor e tal informação seguir caminhos muito semelhantes, por mais que ela reverbere de forma subjetiva. Eis o espelhamento, que só existe graças a lógica!

2.2 Lógico, aliás Lógica!

“Já foi dito que Deus poderia criar tudo, salvo o que contrariasse as leis lógicas.”

(Witti, 2017).

Certa vez eu me questionava se ingerir dois medicamentos ou até mesmo suplementos ao mesmo tempo, não poderia ocasionar uma reação química, quando quebrados e misturados em meu estômago, me causando certo dano. Considerava que a interação medicamentosa ocorria em função disso. E eu até acho que pode, quando penso no exemplo da Coca-Cola com o Mentos! (dá um “Google” aí).

Até que, um dia, eu ouvi um especialista explicando melhor a questão. O que acontece é que o nosso organismo possui receptores específicos para cada nutriente (informação) ingerido. Por exemplo, digamos que você resolveu comer um pão e ele é composto apenas pelos seguintes nutrientes: açúcar (A), vitamina B1 (B), e Cloreto de Sódio (CS).¹⁷

Até mesmo um pouco antes de colocar comida em nossa boca, começamos a produzir saliva, que possui a função de quebrar o alimento em moléculas menores que serão digeridas mais adiante. Para tais informações terem função em nosso organismo, por exemplo, para o açúcar virar energia, precisamos que ele entre no receptor correto e siga um caminho específico!

A sorte nossa é que não precisamos indicar tais receptores, porque eles foram feitos um para o outro! Conforme evidencia a Imagem 5, é como se cada conjunto desses fosse uma fechadura e uma chave específica, isso significa dizer que para abrir a porta, você precisa ter a chave correta, caso contrário, nada feito.

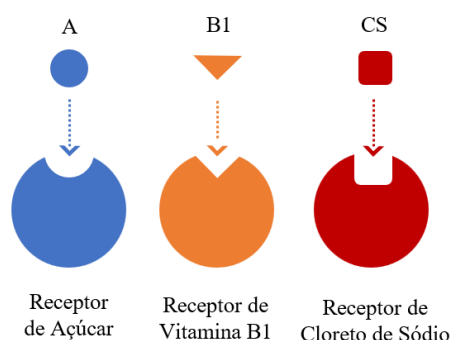


Imagem 5. Lógica. Fonte: Autora.

Resumindo a história, o que acontece quando temos uma interação medicamentosa é que dois medicamentos, em hipótese, têm informações que agem no mesmo sistema, potencializando ou reduzindo algo, podendo causar reações indesejadas. Por exemplo, você toma um medicamento cuja reação adversa é diminuir a sua glicose e você já toma um medicamento para controlar a glicose, resultado: hipoglicemia ou queda do “açúcar” no sangue.

¹⁷ Duas observações sobre pães: eles são compostos por outros nutrientes, escolhemos três a fim de exemplificar, visto que o movimento parece ser o “mesmo”, o que muda são os receptores. Curiosidade: para quem não sabe, carboidratos são uma cadeia de açúcares, então, sim, por mais que o seu pão tenha gosto salgado, ele também vai aumentar a sua glicose! (use com moderação).

Ou seja, a reação, segundo essa teoria, não se relaciona a uma mistura química que aconteceu no seu estômago, mas pelo fato de ambos medicamentos agirem no mesmo caminho, ou até mesmo, serem absorvidos pelo mesmo receptor.

Mas, e a lógica, o que tem a ver com isso? Bem, digamos que a **lógica**, a meu ver, **pode ser compreendida como esse movimento de eliminação ou enquadramento**. Para não perder o hábito, etimologicamente falando, ela possui origem no grego e significa razão, argumentação ou fala. O processo de argumentar, pressupõe uma certa liga entre os termos, assim como o movimento de fala pressupõe um certo “encaixe” ou conexão para com o ouvinte.

Se tratando especificamente de nossa teoria, podemos pensar na lógica como parte fundamental do processo de espelhamento, cuja função é acionar os receptores específicos para cada informação captada no objeto. Esse movimento também acontece em nosso cérebro, sendo que cada neurotransmissor (exemplo: serotonina, dopamina) se acopla a um receptor específico.

E podemos dizer que a lógica é base de nossa formação: DNA, lembra? Adenina se liga a Timina, Guanina se liga a Citosina! E só, não tente ligar eles invertidos que não vai rolar. Uma simplicidade assustadora se pensarmos em como essa cadeia de informações genéticas pode combinar de inúmeras formas, dando origem a diversos seres. E, é claro, se a lógica está presente no DNA, podemos refletir que, de fato, ela parece estar presente em todo o ser vivo. Especificamente se tratando da espécie humana, incluso nas suas invenções.

Com isso, podemos pensar na lógica, não apenas como um atributo específico da razão humana, mas, como um atributo específico da Natureza, seja de seres classificados como “conscientes” ou não. É por essas que ela acaba ganhando proporções interessantes! E abre espaço para discussões acaloradas como é o caso de uma perspectiva determinista. Mas, voltaremos a esse tema em uma outra oportunidade, o que de momento precisamos compreender é como as nossas luzes se associam.

2.3 Associando Associações!

*Neurons that fire together wire together!
(neurônios que disparam juntos, se conectam juntos!).*

(Hebb, 2002).

Até o momento, trabalhamos com a analogia de luzes que acendem no nosso cérebro, toda vez que recebemos determinadas informações. Agora, acrescentaremos a ideia, o fato de que, quando essas luzes ou partículas são percebidas em simultâneo, elas também são espelhadas em simultâneo. Vamos retomar o nosso querido exemplo modelo.

Além de perceber informação de cor, agora, vamos imaginar que você também percebe informação de textura. A novidade é que, essas luzes, além de estabelecerem uma associação entre o emissor e o receptor, quando percebidas juntas, também se associam entre si.

Por exemplo, quando você olha para um pão e o toca, você capta informações ao “mesmo tempo” de cor e textura, tais informações vão ser arquivadas de forma associada. É o

mesmo que dizer: informações que são percebidas ao mesmo tempo, são associadas (conforme evidência a Imagem 6).

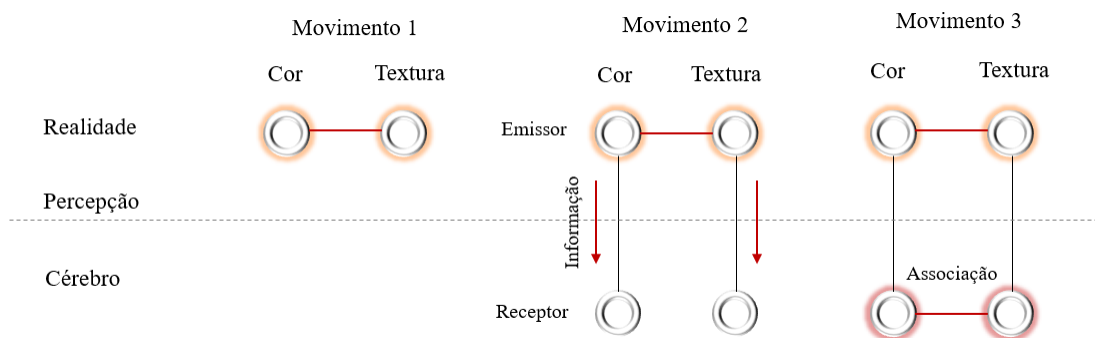


Imagem 6. Associação. Fonte: Autora.

Agora, vamos expandir um pouquinho o nosso pensamento, incorporando ao processo de percepção os demais sentidos. Lembra do nosso bebê se relacionando com um pão? Naquele momento podemos observar que ele não só olhava, como também o tocava; ao colocar próximo da boca, talvez sentisse o seu cheiro, ao morder, talvez ouvisse algum barulho, e ao mastigar, sentia o seu gosto!

Não, nem tudo isso aconteceu ao mesmo tempo, mas, podemos pensar em uma sucessão de eventos, tendo como referência um mesmo objeto, que se associam, arquivando mais informações. Vejamos o exemplo da Imagem 7. Nela representamos o movimento dessa sucessão de eventos, que basicamente consiste em receber informações.

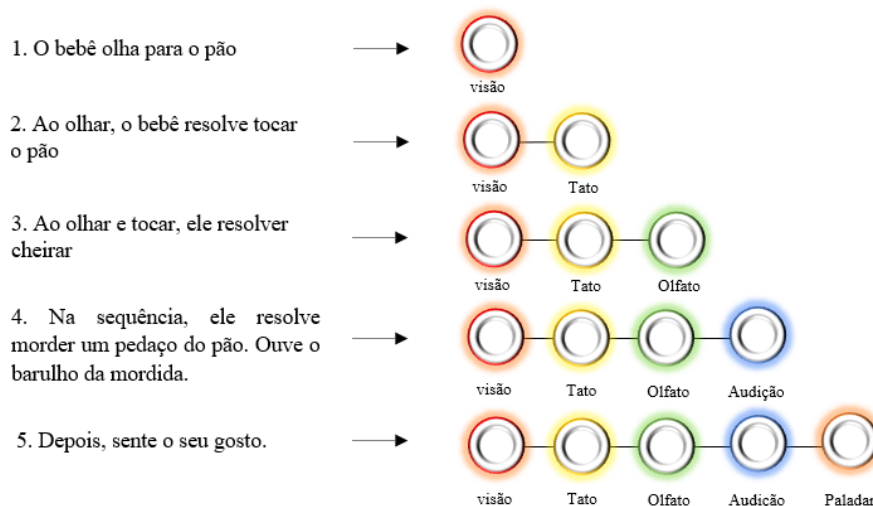


Imagem 7. Associações por sucessão de eventos. Fonte: Autora.

Por exemplo, ao mesmo tempo que o bebê olha para o pão, ele também toca o pão, o que faz com que o seu corpo receba essas informações, associando-as. Quando ele toca, cheira e vê, essas três “luzes” se associam.

Optei por utilizar como referência o nome dos sentidos, de modo isolado, de tal forma que, quando me refira a um, por exemplo, visão, você faça o exercício de imaginar tudo o que aquele sentido consegue captar, por exemplo, os atributos de forma e cor. Quando nos referimos

ao tato, imaginemos o conjunto de texturas que conseguimos identificar (por exemplo, mais áspero na casca, mais macio no miolo), o mesmo exercício vale para os demais.

Há um fato curioso na Imagem 7. Perceba, que ao almejar retratar uma sucessão de eventos, eu iniciei da esquerda para a direita, de forma linear. É assim que também costumamos escrever por aqui no Brasil, e em grande parte do mundo. Esse movimento também se relaciona com o nosso sistema numérico, ou seja, possivelmente se eu pedisse para você enumerar a sequência, o 1 estaria na esquerda, seguido do 2 e assim, até o último ponto, que seria o último número, neste caso, o 5.

Usualmente, também organizamos o tempo de tal modo a representar a esquerda como passado e a direita como futuro. E, curiosamente, também costumamos representar a nossa vida em linha reta, com um ponto inicial e um ponto final. Mas, dependendo da civilização em que você faz parte, isso não é uma norma.

Por exemplo, os falantes de Hebraico ou Árabe, escrevem e organizam o tempo no sentido oposto. E existem ainda povos, como, por exemplo, os Kuuk Thaayorre, que associam a organização do tempo à paisagem¹⁸. De quebra, isso revela o elemento cultural moldando a nossa percepção! (por questões de complexidade e tempo, pretendo trabalhar a camada cultural na linguagem em outra obra, sinto muito leitor).

Mas, porque estamos conversando sobre isso mesmo? Ah, sim! É justamente, pela pretensão de apresentar mais uma hipótese, ou seja, o fato de nossas associações não serem lineares.

2.3.1 Tendência Associativa

Eu não gosto muito do termo “Leis Universais”, na verdade, repudiei essa ideia por anos, talvez, pela associação negativa que tenho quanto alguns dogmas impostos como uma pedra que cai em nossa cabeça e nos engessa, emburrecendo-nos. Por outro lado, venho observando a Natureza, e me parece que ela segue algumas chamadas tendências (e não leis) que, talvez, se aplique a todos os seres vivos. Vejamos:

1. O fato de todas as espécies seguirem a tendência de perpetuar a espécie;
2. O fato de todo o indivíduo seguir a tendência de procurar se manter vivo;
3. O fato de todo sistema buscar se organizar de modo otimizado (gastando menos energia possível).

Perceba que, ao utilizar a palavra tendência, a gente foge daquilo que acontece sempre. Porque, sim, haverá exceções. Podemos conversar sobre os tópicos 1 e 2 em outro momento, por ora, vamos nos ater ao 3.

A palavra otimizar deriva do latim e significa “o melhor” ou tornar o melhor. Em matéria de sistemas, podemos dizer que se trata de um processo que visa fazer mais com menos. E o grande mestre da otimização é uma associação eficaz entre energia e tempo. Um exemplo de otimização bem acessível é a comparação entre uma lâmpada incandescente *versus* uma LED. Qual delas consome menos energia? A LED.

¹⁸ Boroditsky, 2017. Se estiver curioso para entender mais, sugiro conferir este vídeo [aqui](#).

Por quê? Apesar de ambas passarem pelo “mesmo” processo, transformando energia elétrica em luminosa, a LED consegue transformar em menos tempo, ou de forma mais rápida, em função disso, consome menos energia. Eis o que chamamos de otimização.

Em matéria de sistemas, podemos pensar que o nosso corpo está programado para otimizar energia a fim de preservar a vida (tópico 2). Ele se organiza assim, considerando a pior situação, um Cisne Negro, cujo evento seja tão desfavorável que torne nossas fontes de energia escassa (luz, alimento e água). Nesses casos, os indivíduos que fizerem mais com menos, possuirão mais chance de sobreviver. Os demais morrem, o que também é uma forma de otimização, porque assim a natureza faz com que a nossa espécie se fortaleça com a reprodução dos que mais otimizam (Tópico 1 - cruelmente incrível, você não acha?).

A hipótese é que essa mesma tendência à otimização esteja impregnada do macro ao micro (Tópico 3), o que repercute em pensar que isso também contemple a forma de organização de nossas associações. Por exemplo, imagine que para lembrarmos de algo, precisamos acionar as nossas luzes. E elas só são acionadas por meio de uma corrente de energia. A forma de otimizar esse sistema, ou seja, utilizando menos energia, seria basicamente ordenando por proximidade as partículas que possuem a tendência de ser acionadas juntas ou na sequência com maior frequência. Observe um exemplo, na Imagem 8.

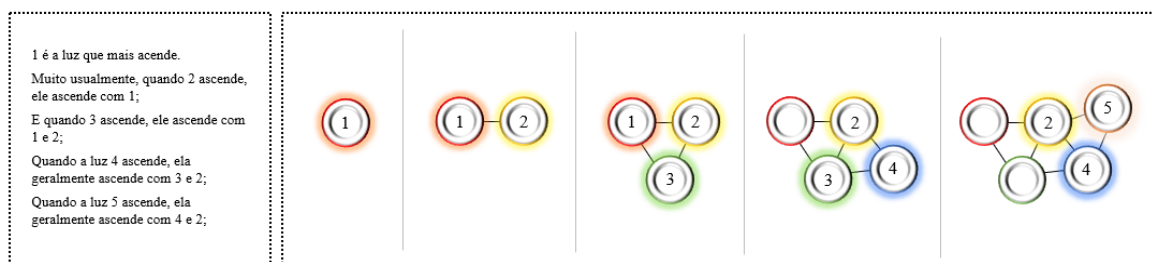


Imagem 8. Ordenação de Associações por otimização. Fonte: Autora.

O sistema consiste na menor distância entre partículas que ascendem juntas com maior frequência. Com base no exposto, temos duas observações importantes a fazer. Primeiramente, podemos refletir que não recebemos informações apenas uma vez na vida e que, portanto, tal conjunto de partículas deve ser flexível ou adaptável. E, em segundo, que a organização das partículas vai depender de cada indivíduo, porque cada qual vai receber as informações de um modo e de uma ordem.

E, assim como no DNA¹⁹, a ordem dos fatores vai alterar e muito o produto! Em outras palavras, o pão que está na minha cabeça não é o mesmo pão que está na sua! Falando nisso...

2.4 Algumas coisas sobre o ser Pão!

Eis uma pergunta, aparentemente boba, mas, importante para a Filosofia e também à Ciência: O que é? Ou melhor, o que as coisas são? As coisas são o que são? (realidade objetiva) as coisas são o que percebemos que elas são (realidade subjetiva)? Ou as coisas são pelo

¹⁹ Se você tiver interesse em descobrir como a ordem dos fatores altera o produto, recomendo ler esta reportagem sobre “Como as células de um embrião sabem quais órgãos formar?” acessando [aqui](#).

processo entre o que o objeto é e o que percebemos que ele é (relação entre objetividade e subjetividade)?

Especificamente neste caso, vamos tratar apenas sobre a percepção humana. Portanto, o que é um pão para nós. Ou melhor, se você pudesse descrever, apenas com palavras, o que você responderia, o que é um pão para você?

Vejamos o que o dicionário nos diz: “um alimento feito de massa com farinha de cereais”. Bem, sejamos francos, se você tivesse que explicar para alguém que nunca viu um pão na vida e utilizasse a definição do dicionário, talvez, quando ela visse um pão, com essas informações, ela não iria identificar que é um pão. Mas, e se mostrássemos um pão, ao mesmo tempo que utilizássemos o seu nome? Além disso, fizéssemos essa pessoa tocar o pão, sentir o seu cheiro e o seu gosto? A probabilidade de ela reconhecer um pão da próxima vez seria relativamente maior, você não concorda?

Reflexão paralela: entristece-me pensar que passei muitos anos de minha vida, sentada, com certa dificuldade de permanecer quieta, em uma cadeira dura de sala de aula, apenas ouvindo ou escrevendo. Talvez, seja por isso que não lembro da maioria das coisas que decorei, porque não interagi e muito menos apliquei aquele conhecimento na minha vida²⁰! Esse modelo de ensino parece ser, basicamente, o reflexo da sociedade que temos, ou seja, adultos que não reconhecem no movimento de estudar, a capacidade de transformar as suas vidas. Por que será?²¹

Mas, voltando ao raciocínio, basicamente, esse movimento de captar inúmeras informações com o amplo sentido é que nos permite iniciar o processo de conhecer, ao nosso modo, as coisas, e conceber a ideia do que elas são. Podemos avaliar também que, por mais que a definição do dicionário não seja efetiva, ela é reveladora.

Perceba que o movimento do dicionário consiste em encontrar o que parece não variar em um objeto, para tentar defini-lo. Ao menos que inventemos outro uso, o pão sempre foi um alimento e, até onde eu tenho conhecimento, feito de farinha de cereais. Com base no exposto, podemos observar a nossa tendência em definir o que algo é com base na observação daquilo que parece permanecer, as suas propriedades, ou do que definimos como próprio de algo!

2.4.1 Todo mundo igual: Os Padrões

A cada nova percepção, o nosso cérebro, na tentativa de compreender o mundo, vai definindo **padrões**, que podem ser compreendidos como “**modelos a serem seguidos e/ou reconhecidos**”, segundo a própria etimologia da palavra. Costumeiramente também nos referimos aos padrões como aquilo que permanece – e essa percepção talvez possa ser fonte de muitas ideias mal-empregadas (compreenderemos melhor essa afirmação mais adiante).

²⁰ Por uma questão de sobrevivência, o cérebro humano vai reter o conteúdo útil e memorizar, ou seja, aquele que utilizamos na vida, esquecendo o resto. É por essas que se constitui como fundamental para um educador, deixar evidente o quanto aquele conteúdo possui relação com a vida do educando. Caso contrário, PERDA DE TEMPO! E sim, o nosso sistema de ensino carece de mudanças urgentes!

²¹ Para você que costuma romantizar o passado, essa forma de ensinar é bem antiga, não sendo um produto apenas da sociedade atual, que muitos gostam de culpabilizar, com suas respectivas teorias conspiratórias.

Uma vez, eu estava ouvindo um podcast cuja apresentadora comentou: muito prazer, eu estou como Helena! Aquilo me chamou uma atenção considerável, porque, basicamente, “estar” me remetia diretamente a percepção de mutabilidade da vida. Substituir o verbo ser por estar, carregava consigo um desprendimento importante de nosso ego. E quebrava alguns paradigmas (inclusive os de Português!).

Isso porque o verbo ser me remete à ideia de algo mais sólido, estruturante, fundamentado, próprio de algo e tudo mais que tiver relação. E o estar me parece ser uma condição que aceita a mutabilidade, tem a ver com o momento.

Já diziam que dizia Heráclito: *“Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou”*. Outro exemplo que colabora com a questão é o fato de nosso organismo ser composto por células. Por exemplo, a sua pele é composta por células que são substituídas, em média, a cada quatro semanas. Se duvidar, observe uma roupa preta, depois de ser usada! Mas, não pense apenas na pele, pense no seu corpo inteiro, sendo substituído a cada tempo – porque é isso mesmo que acontece!

Essa substituição é necessária para a manutenção da vida. Mas, se ser é aquilo que permanece e parte de nós não é, como poderíamos afirmar que somos? Bem, talvez, Platão possa nos ajudar, ao alegar que o que permanece não é material.

Costumamos confundir muito a ideia de padrões, principalmente, por que a relacionamos diretamente com as coisas materiais. Isso, porque os produtos da contemporaneidade produzidos por máquinas (celulares, geladeiras, carros e etc.) costumam, quando da mesma linha, parecerem muito iguais, ou melhor, parecem até mesmo não mudar, e chamamos isso de padronização, inclusive!

Falando em padronizar, vamos a uma historinha! Uma vez eu pedi para um psiquiatra se eu poderia manipular uma dose de um medicamento que eu cortava em 8 pedaços (e eu nunca conseguia cortar bem certo). Ele não gostou nenhum pouco da ideia e disse que por experiência prática, aquilo não dava muito certo. Fiquei reflexiva.

Principalmente, porque já tentei trocar a marca de um medicamento e senti a diferença (pode ser psicológico, pode! Mas, tudo que não temos uma explicação plausível ganha essa fama). Pode também ser pela seguinte teoria: imagine que Amarildo e seu amigo pretendem testar uma receita de pão. Cada um em sua casa, a mesma receita, e depois, fazem um júri para escolher o melhor.

O amigo de Amarildo ganhou e ele não entende o porquê, se a receita era a mesma e, segundo o seu paladar, o gosto do pão também! (descubra o porquê na Imagem 9²²).

²² Nem sempre os melhores ingredientes resultam no melhor produto, como vimos, há outros fatores envolvidos. E também a possibilidade da famosa “zebra”, do tipo, eu não sei o que eu fiz, mas deu certo ou muito errado...

INGREDIENTES	AMARILDO	SEU AMIGO
Ovo	De caixinhas	Do vizinho, feito por galinhas livres de gaiola, alimentadas com comida de verdade!
Farinha	Marca diabo, sem controle de qualidade	Com controle da qualidade, e seleção de grãos
Água	Água de torneira, com excesso de cloro	Água Mineral, direto da fonte

Imagem 9. O Pão Vencedor. Fonte: Autora.

Podemos refletir o seguinte: quanto menor for a diferença, maior é a semelhança (dã). Em outras palavras, quanto mais eliminarmos a variedade, assim como as máquinas fazem com os nossos produtos em série, mais possivelmente aquilo se torne mais parecido, mas não igual. No caso da receita de pão, avaliamos apenas três ingredientes, ainda tem o fermento e o sal que não citamos, a quantidade (que pode variar dependendo de sua noção de “uma xícara”, apesar das unidades de medida universais), o forno, a sua temperatura adequada, o tempo de sovaagem, a forma e seu material, o amor com que você faz aquilo e mais um mundo de coisas que não fazemos ideia, mas, influenciam!

O que isso tem a ver com os medicamentos? Bem, dois laboratórios devem seguir a mesma receita, mas o insumo do laboratório A vem da Rupônia e do B do Xilingú. São os “mesmos” insumos, mas, não são exatamente os mesmos insumos! A sequência da mistura dos insumos pode ser diferente, a aparelhagem para fazer a mistura também e tudo mais que pode ter relação e varia! Resultado: é igual, mas, não é igual. O que acontece é que, apesar da variação, o medicamento A e B ainda atuam de forma muito semelhante, de tal modo que cumprem com o seu papel. Um pouco para mais ou um pouco para menos – o que explicaria a nossa sensação de diferença. Mas, dizer que é a mesma coisa, bem, isso não podemos, graças aos argumentos que apresentamos aqui.

E o que isso tudo tem a ver com os padrões? É que padrão se trata da receita de pão! (Uai! Até rimou!). Ou seja, é uma espécie de algo que parece vir antes. E que pode ser simbolizada por um pedaço de papel e uma caneta, mas que não é nada material. Além disso, perceba que a única coisa que não varia em nosso exemplo de fato é a receita. Mas, tem uma questão ainda mais profunda. A receita de pão não é universal, nesse exemplo, ela foi aplicada como igual para os dois casos. Mas, ela pode variar. Então, o que não varia? O movimento de padronizar (calma que a gente vai compreender isso melhor).

Ah! Só uma observaçãozinha antes de prosseguir. Eu fui apresentada à teoria Platônica do *Mito da Caverna*, com os seguintes termos referenciais traduzidos: “mundo sensível” e o “mundo inteligível”. O único porém, na minha percepção, é que, quando utilizamos a palavra “mundo” ou “os mundos”, parece-me que possuímos uma certa tendência em concebê-los de forma separada e um deles, distante de nós!

Talvez, por alguma influência do Cristianismo, tenho em mente um Mundo sensível associado à terra e o Inteligível com a ideia que me venderam de Paraíso (até porque, dizem que ele é perfeito), ou seja, algo distante, que não acessamos (ao menos não enquanto vivos, e se você não se comportar, nem morto!). Eis o ponto de observação: por aqui vamos considerar que exista apenas um mundo e que sensível (material) e inteligível (mental) são parte dele!

Vou deixar esse ar de suspense, porque vamos tratar disso mais adiante. A seguir, vamos deixar o nosso mundo mais colorido, visualizando os padrões em nosso modelo!

2.4.1.1 Cor: uma objetividade subjetiva!

Por favor, caro leitor, você pode me responder qual é a cor de um pão francês? (tempo para reflexão). E aí, você também pensou em amarelo? Se sim ou não, finjamos que de fato a resposta tenha sido amarela. Mas, o que seria uma cor amarela?

Bem, antes de mais nada, eu gostaria de alegar que é sempre um pouco complicado tratar de cores. Mas, segundo a colorimetria (a ciência que estuda as cores), podemos compreender cor como tonalidade, ou uma identificação primária das cores, como, por exemplo: a banana madura tem cor amarela. Para as convenções da ciência, no momento em que escrevo este livro, a tonalidade é definida pelo comprimento de onda dominante, conforme evidencia a Imagem 10.

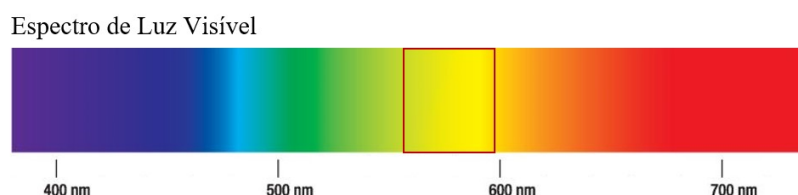


Imagem 10. Espectro de Luz Visível. Fonte: InfoEscola.

Nela podemos observar que existe uma faixa específica de comprimento de onda (segundo convenções de 565 a 590 nm) a qual correlacionamos com a cor amarela. Podemos observar também que, quanto mais a cor se situa próximo à extremidade, mais dificuldade teremos em reconhecê-la como tal²³. Agora, podemos aumentar o nosso nível de critério e refletir que existem muitos tipos de amarelo (olhe a sua volta e perceba!). E que talvez, os amarelos que você identificou não se enquadrem nesta escala!

É por essas que a colorimetria decidiu estipular um novo padrão de categorização, ou seja, a luminosidade da cor, que basicamente se relaciona a capacidade da “cor” (entre aspas, porque por trás de toda cor existe algo associado e a superfície também tem papel de definição na cor) em emitir mais ou menos luz. O curioso de observar nesse caso, é como a escala que propomos, primeiramente é linear, e em um segundo momento, parece ser definida pelo movimento de uma data²⁴ (dia e noite). Resumindo, o que fizemos com as cores, foi classificá-las com base no que observamos acontecer com elas durante a passagem do sol (Imagem 11).

²³ É o grande problema das escalas classificatórias. Porque, um comprimento de onda de 565nm, para alguns, possa parecer mais verde que amarelo, ou até mesmo um meio termo de ambos, mas, na classificação, ele será amarelo. Mas, ele é mesmo amarelo?

²⁴ Dia é originária do latim e significa “brilhar”, portanto, refere-se a parte do dia que é de dia! Em função disso, não considero fazer sentido considerar um dia, abrangendo a noite, e, portanto, tendo 24h. Em função dessa incoerência, propus a palavra data, que significa dado para quebrar o galho, e se referir ao dado de 24h, depois vocês discutam o melhor termo.

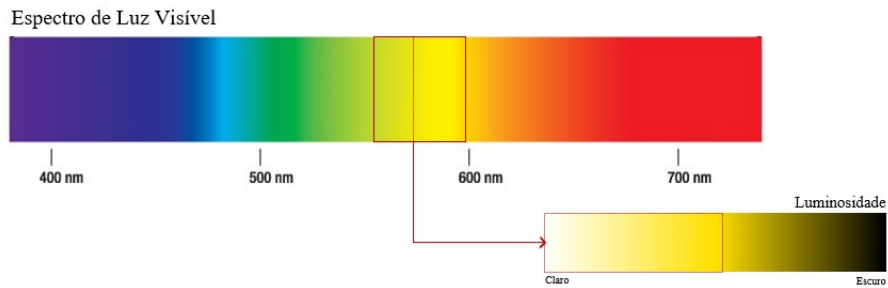


Imagem 11. Espectro de Luz Visível e Escala de Luminosidade.
Fonte: InfoEscola, com alterações da Autora.

Mas, o pessoal deve ter percebido, que nem mesmo a luminosidade era suficiente para definir as cores, então surgiu a classificação chamada de Saturação, que pode ser definida como o grau de “vivacidade”²⁵ da cor. Pegue uma marca texto-amarelo neon e olhe para ele. Se isso causar um leve incomodo no seu olho, eu costumo dizer que, então, a cor é saturada! É a minha classificação favorita, porque note que vivacidade possui uma relação intuitiva com vibração, energia, intensidade, sol, luz, vida!!!

Na verdade, esse incomodo é o mesmo quando comparado ao incômodo que sentimos ao olhar diretamente para o sol (não faça isso em casa!).

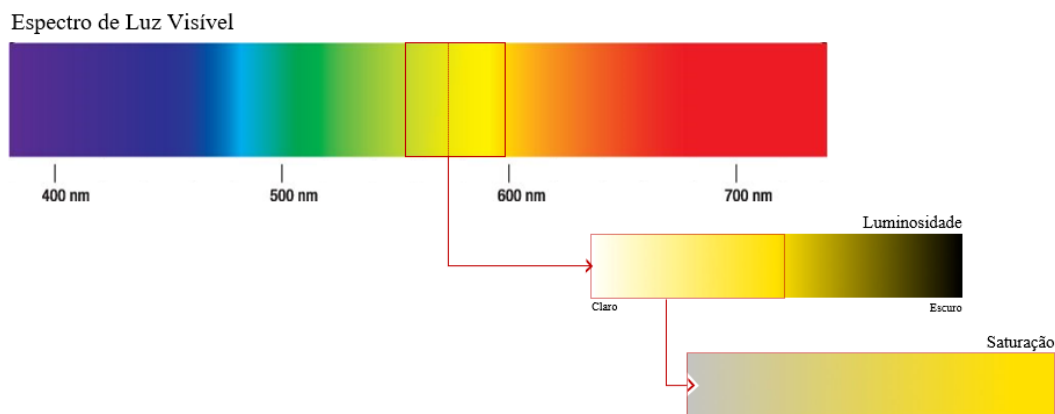


Imagem 12. Espectro de Luz Visível e escala de Luminosidade e Saturação.
Fonte: InfoEscola, com alterações da Autora.

Bem, por aqui já temos uma boa base sobre cores. Agora vem algumas observações interessantes. Era uma vez uma história...

Amarildo foi visitar o seu amigo. Chegando em sua casa, ele se deparou com a parede da sala pintada de amarelo. Ele amou! Deu vida, ele se sentiu energizado. No dia seguinte, Amarildo chamou o pintor, acertou os custos e disse: eu quero pintar uma parede do meu quarto de amarelo. Quarta-feira seria o grande dia. Amarildo deixa a cópia da chave com o pintor e vai trabalhar. No almoço, retorna para casa, pois havia esquecido o celular (Amarildo é meio avoado). Com isso, ele já aproveitou para conferir a pintura.

Ao pegar o celular, percebe que o pintor havia lhe ligado algumas vezes. No Whats, possuía a seguinte mensagem: Qual é a nome da cor de amarelo que o senhor quer pintar?

²⁵ Na verdade, a palavra mais utilizada é intensidade e não vivacidade. Mas, considerei que vivacidade é bem mais, vivo!

Amarildo, que não entendia muito de cores, achou que amarelo era amarelo, não é mesmo?! Gentilmente, respondeu ao pintor que iria conferir o nome da cor e retornar com a informação. Amarelo Canário, da marca U, com acabamento semi-brilho, disse o seu amigo. Bom, agora não tinha erro! No dia seguinte, ao chegar em casa, Amarildo resolveu conferir a pintura.

Havia algo de errado, ela parecia mais escura do que o amarelo de seu amigo. Mas, a lata vinha com a etiqueta da cor, e era aquela mesma! Frustrado, Amarildo sentou de frente para a parede amarela e começou a divagar. Ele percebeu que onde o móvel projetava sombra, a cor da parede era mais escura. Onde não, mais clara. Quando a luz era artificial tinha um tom, quando natural, outro. Até mesmo a escrivainha verde, que se situava próxima à parede, refletia a sua cor na parede, alterando parte dela. E agora, José, qual dessas é o amarelo-canário de Amarildo?

2.4.2 Objetividade x Subjetividade (Façam as suas apostas!)

O equívoco do Ser Humano vem sendo replicar a essência permanente do movimento de padronizar em objetos e considerar que se trata da mesma coisa, quando não é. Por exemplo, é muito usual nos referirmos a Amarelo-Canário, na história de Amarildo, como a cor que mais permanece e, portanto, a cor que é. Mas, se você concorda comigo, isso não chega nem perto de retratar as nuances da cor e possivelmente, do objeto.

Qual é o problema desse, digamos, costume? Bem, classificar pode mesmo facilitar a nossa vida, como, por exemplo, se Amarildo não recebesse as especificações quanto a cor de seu amigo, talvez ele nunca tivesse conseguido pintar com a “mesma” cor, e as variações poderiam ser bem mais pronunciadas ou perceptíveis. O problema é que, mesmo assim, não se trata da mesma cor, porque quando nos referimos a uma cor, também temos que ter ciência que há mais variáveis que se relacionam a essa informação.

Essa ideia pode ser resumida pela seguinte representação usual que temos das cores:



Amarelo Canário

Imagem 13. Amarelo Canário. Fonte: Autora.

Ou seja, uma cor sólida, aparentemente sem mutabilidade alguma, mas que, com certeza, vai variar de monitor para monitor, ou impressão para impressão (sem tratar a questão dos receptores únicos de cada um). No entanto, por mais que essa seja apenas uma representação e um recorte muito específico, não é bem assim que visualizamos as cores por aí, não é mesmo?

Retomemos a pergunta inicial: qual é a cor do pão francês? Para tentar responder essa pergunta, utilizei a ferramenta “conta-gotas” e selecionei algumas partes do pão a fim de investigarmos isso melhor. Observe a imagem 14²⁶.

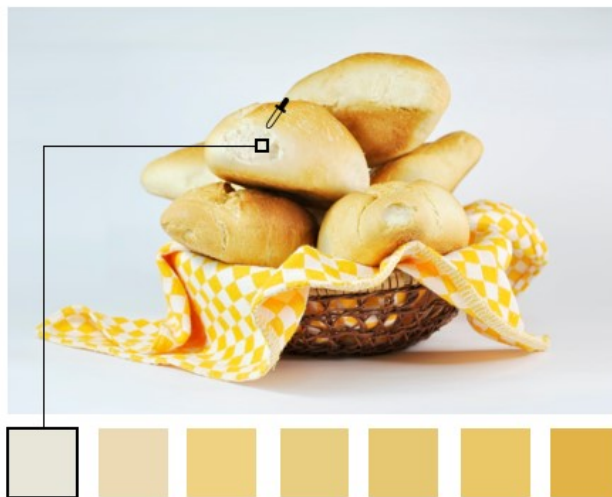


Imagem 14. As Cores do Pão Francês. Fonte: Autora.

O que acontece é que, dependendo da parte da imagem em que eu selecionar o conta-gotas, uma nova representação surge. Com base nesse movimento, vejamos o que, em hipótese, acontece no cérebro para que reconheçamos tais cores.

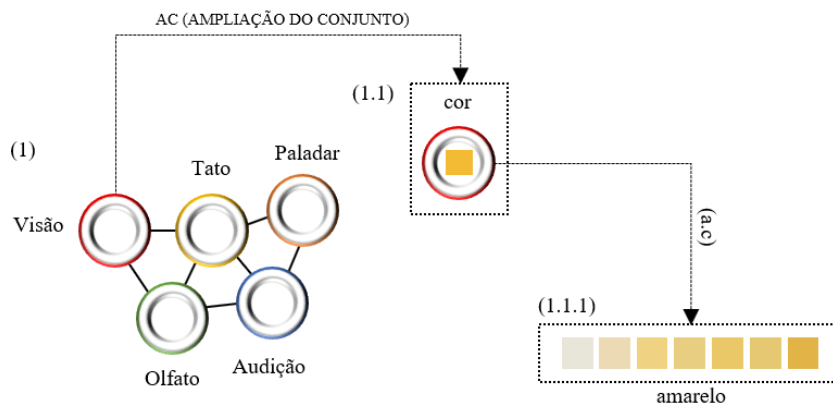


Imagem 15. Modelo Padrão, Padrões. Fonte: Autora.

Conforme argumentamos, para a ciência das cores, Cor é equivalente à Tonalidade, palavra que deriva do latim e significa “estender”. Curiosamente, é o que parece acontecer quando nos aprofundamos na investigação dos movimentos da cor de um pão francês. Na Imagem 15 observamos que possuímos uma cor como referência principal (1.1) e tal cor, observada em um pão, é composta por um conjunto de outras cores (1.1.1). Perceba que tais outras cores seguem um padrão. Isso significa dizer que parece existir algum elemento entre os elementos que é comum, padrão, ou que não varia, conforme evidenciado na Imagem 16.

²⁶ Perceba como organizei as cores: por ordem de luminosidade. Mais clara na esquerda, mais escura da direita. Assim mesmo, como se fosse representar uma data (dia de 24h).

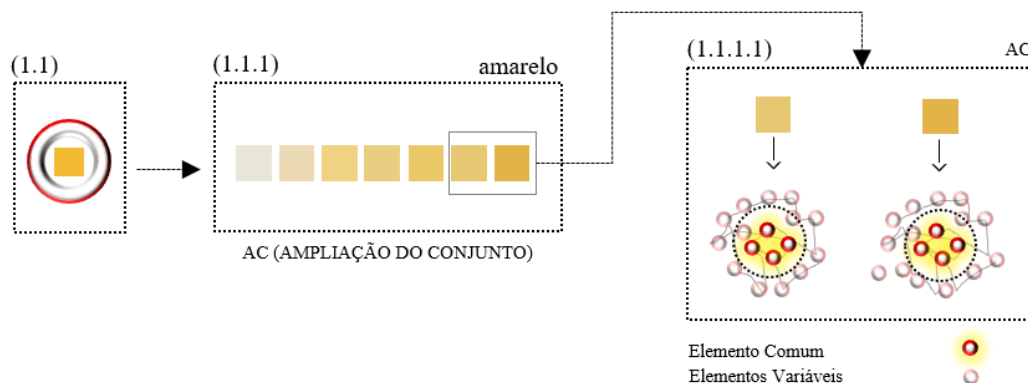


Imagem 16. Ampliação do Modelo Padrão, Padrões. Fonte: Autora.

Mas, pare um pouquinho para observar melhor o recorte (1.1.1.1). Perceba que existem elementos comuns aos amarelos apresentados, mas, existem também elementos próprios de cada um, ou seja, não comuns, que não os tornam a mesma coisa. Vamos definir melhor esses movimentos, pois eles são fundamentais.

Como evidenciamos anteriormente, a palavra objetivo deriva de objeto e significa “que está posta diante”, já a palavra subjetivo, recebe o prefixo sub ao invés de ob, que retrata a ideia de algo que está por baixo (por exemplo, submarino! – por baixo do mar). Aplicando ao nosso modelo padrão, podemos compreender a palavra **objetivo como aquele que é comum e que, portanto, mais de um ser consegue perceber. Já o subjetivo é a parte que está por baixo, não compartilhada, por ser própria de cada um.**

Por que isso é importante? Porque pressuponho que sem a objetividade não possa existir linguagem ou comunicação, justamente porque tal movimento demanda que existam elementos comuns ou compartilhados. Mas, o movimento de objetivar é apenas a ponta do *iceberg*. Por “baixo”, existem associações subjetivas e únicas, que fazem refletir que o mesmo termo, amarelo (objetivo ou comum a nós), será compreendido ou terá associações diferentes, pois tal movimento é relativo as nossas percepções (falaremos mais sobre no tópico palavras).

E como isso influencia a nossa vida? Bem, a “ciência” vive buscando a objetividade e parte dela parece até mesmo negar a subjetividade. O que eu penso disso? Bem, a ciência pode buscar por um ideal de neutralidade, mas, suponho que ele nunca será alcançado, porque não podemos simplesmente separar a subjetividade da objetividade, elas são uma dupla que fazem parte da compreensão humana. Daniel Kahneman, ganhador do prêmio Nobel, em seu livro “*Rápido e Devagar: duas formas de pensar*”, evidencia, com brilhantismo, o que está por trás de nossas escolhas que podem parecer “neutras”, mas, não são²⁷.

Falando em Kahneman, note como eu me referi a ele como “o ganhador do prêmio Nobel”, e o escritor do livro. Bem, a objetividade não só é uma condição necessária à linguagem como ela também a otimiza. Por exemplo, podemos pensar que existem muitas pessoas por trás da pesquisa de Kahneman, não é mesmo? Mas, quem costumamos citar como o ganhador é ele – caso contrário, nossos congressos, que já são chatos, ficariam insuportáveis com uma lista extensa de mais nomes e nomes (eis a otimização). Além disso, seria justo pensar que o prêmio

²⁷ Existe também outro livro relacionado chamado de “Ruído: uma falha no julgamento humano”, eu ainda não li, mas, parece ser interessante.

é de Kahneman apenas como um indivíduo ou seria mais justo reconhecer que Kahneman é apenas a personificação de um conjunto muito maior envolvido na pesquisa?

Podemos também alertar quanto a essa “tendência”, que está por trás dos diagnósticos médicos, ao reconhecer doenças que são comuns às pessoas, por vezes, se esquecendo de sua individualidade. É o caso da depressão, uma doença que, segundo alguns ou muitos, possui como causa um certo desequilíbrio químico no cérebro²⁸. Antigamente, especificamente relacionada a um neurotransmissor chamado serotonina. Perceba, é como se fosse uma pecinha que você vai lá e ajusta, e está tudo certo (pensamento mecânico - como se todos nós fossemos máquinas)²⁹.

O problema é que os antidepressivos “consertam” essa peça e isso não significa que a pessoa se cure. E aí? Talvez, a resposta esteja na complexidade dos indivíduos orgânicos (lembra da música!) e no reconhecimento de que, por trás de certos elementos comuns, como a tristeza acentuada ou até mesmo constante, exista um mundo submerso que precisa ser compreendido a fim de que, de fato, a pessoa se cure. Portanto, podemos pensar que toda causa esconde as causas (assim mesmo, no plural) - assim como a cor amarela, é um conjunto de amarelos. É válido ressaltar que o trabalho de reconhecer padrões é importante, mas, é apenas uma parte bem superficial e, portanto, não se deve parar por aí!

Bem, acredito que com esses exemplos você já deve ter tido uma pequena noção de como a objetivação do subjetivo pode causar muitos problemas, quando levado ao pé da letra! Também aprendemos a diferenciar objetividade de subjetividade e entender que, de alguma forma, eles são complementares, não excludentes! E, portanto, também compreendemos como isso pode mudar a maneira como compreendemos e nos relacionamos com o mundo.

Mas, voltando as cores! Talvez, você tenha se questionado o que o primeiro quadrante de cor (da esquerda para a direita) esteja fazendo aí.

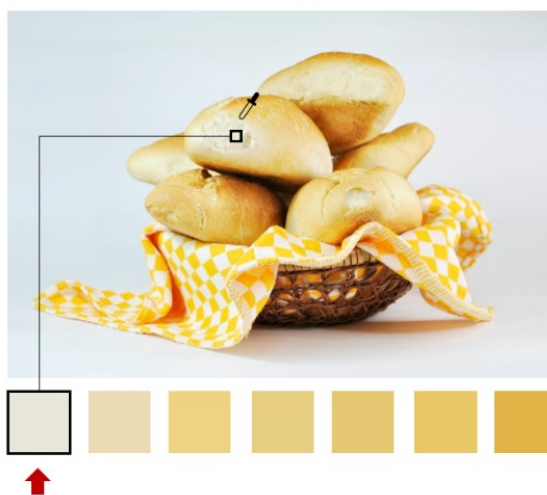


Imagem 17. Ampliação do Modelo Padrão, Categorias. Fonte: Autora.

²⁸ O mais incoerente é que eles sempre procuram “A causa”. Como se fosse possível responsabilizar apenas um fator. Detalhe: eu sei que escolhi uma doença complexa, mas, considero que até mesmo um resfriado tem reverberações distintas de indivíduo para indivíduo, e descobriríamos isso se não olhássemos apenas para os fatores comuns.

²⁹ Aliás, segue a minha crítica a uma porção de médicos que tive o privilégio, ou melhor, o desprivilégio, de conhecer, que destituídos de qualquer empatia, trataram-me como se eu fosse uma máquina com uma peça estragada. Logo, logo vocês irão mesmo ser substituídos por robôs!

Ele não parece ser do time, não é mesmo? Temos duas hipóteses. A primeira é que, se ele de fato está no grupo, significa que ele tenha, ao menos, um elemento comum ao demais. E a segunda hipótese é: não, ele não tem os mesmos elementos comuns a cor amarela, e nem deveria estar aí. Ah, e a terceira (surpresa!) é que ele pode ter elementos comuns e mais de uma definição de cor (essas são as cores que causam mais confusão).

Mas, se de fato a segunda hipótese for plausível, significa que temos duas categorias de cores para o nosso pão! Vamos compreender melhor o que isso significa!

2.4.3 Categorias (as caixas)!

Historia Animalium (História dos Animais) é um livro escrito por Aristóteles, visto como uma obra pioneira da zoologia (a ciência que estuda os animais). Isso porque, nela, Aristóteles busca observar os seres vivos de tal modo a agrupá-los de acordo com a observação de características específicas.

Ousaria dizer que Aristóteles “sofria” de algo que chamo de compulsão classificatória. Tomei a liberdade de nomear assim, justamente, por se tratar de algo que sofro também. Ou seja, uma vontade impetuosa de classificar tudo e, quando digo tudo, significa: desde as minhas ideias (olhem este trabalho!), até mesmo os meus objetos pessoais. (E, não, essa “doença” ainda não está no DSM e, portanto, não deve haver nenhum remedinho para “remediar os seus sintomas”).

A verdade é que esse “impulso” faz parte da Natureza Humana, alguns os usam em excesso (eu e o Ari), outros, pouco; e os sábios, encontram a justa medida³⁰ (o remédio que você nem precisa comprar). Mas, por que categorizamos? Do ponto de vista que tenta explicar o que fazemos com base nos aspectos evolutivos, podemos dizer que categorizar é uma forma de se organizar. Movimento que está diretamente associado a otimização e previsão, e, portanto, à manutenção da vida.

Como já se foi o tempo em que poderíamos, recorrentemente, ser devorados por um leão, vamos aplicar esse movimento nos dias atuais. Por exemplo, pense em toda vez que você precisa encontrar algo em alguma bagunça. Geralmente você demora mais, além de se estressar mais, não é mesmo? (Por mais que algumas pessoas reconheçam que se “encontrem” em suas bagunças). Se você possui uma ideia de onde o objeto está (previsão), você não perde tempo e energia procurando (otimização).

Pois então, assim como agrupamos informações semelhantes em um fichário, ordenando, por exemplo, pelo alfabeto, a fim de facilitar a localização de informações e, com isso, poupamos tempo e energia, parece-me que o mesmo movimento acontece na organização das partículas em nosso cérebro. Na verdade, talvez a organização que estabelecemos fora, seja o reflexo ou o espelho da organização de dentro.

Na Imagem 18 fizemos um novo recorte, avaliando com maior profundidade os dois últimos quadrantes de cores (1.1.1 e 1.1.2). Nela observamos que cada cor vai ter em sua composição um conjunto de informações. O que as torna parte de uma cor amarela? O fato de

³⁰ Agora eu compreendi porque Aristóteles comenta que é melhor pecar pelo excesso do que pela falta (kkk).

que todas elas possuem informações que acendem determinadas luzes. Por exemplo, o que faz com que Ana Paula e Ângela se enquadram na divisão do fichário denominada com “A” é que ambas possuem a letra “A” como inicial.

O segredo é que há um elemento em comum (o que torna parte do mesmo conjunto, as une), e há uma infinidade de outros elementos não comuns (o que as individualiza, difere ou separa).

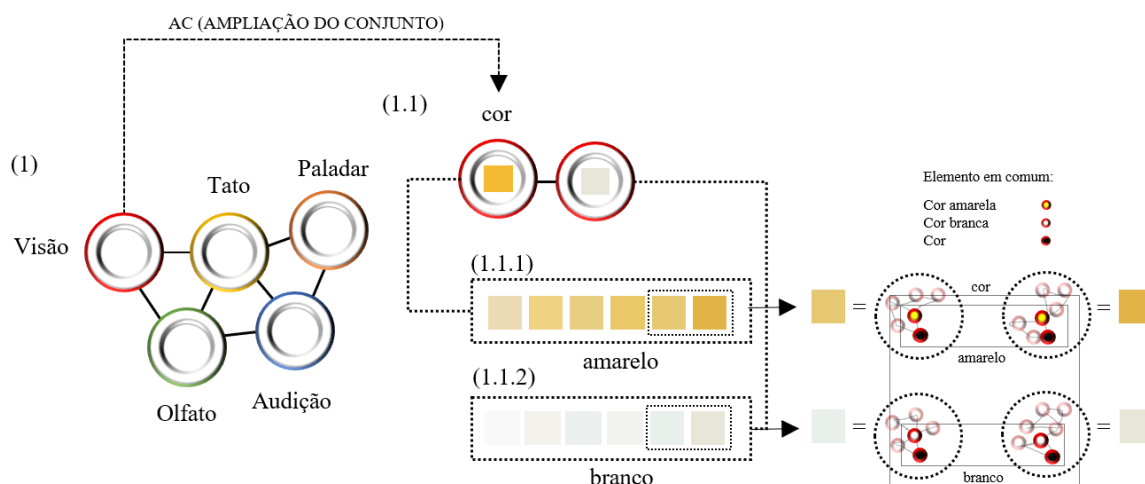


Imagem 18. Modelo Padrão, Categorias de cor. Fonte: Autora.

No caso do pão francês, a cor que predomina, ao menos por fora, é a amarela – por isso, costumamos objetivar, dizendo que ele é amarelo, mas, se avaliarmos a fundo, não é bem isso que encontraremos como resposta. Diante do exposto, podemos nos corrigir, alegando que a cor do pão francês é amarela e branca. Também há uma questão curiosa sobre a ordem em que costumamos mencionar as coisas. Como hipótese, avaliando alguns pares do gênero, parece-me que possuímos a tendência de citar primeiro o objeto predominante ou de maior destaque.

Ou seja, se reconhecermos que existem duas cores próprias de um pão, ainda assim, possuiremos a tendência em colocar por primeira a cor que possuir maior representatividade, ou seja, amarelo e branco. E sobre o pastel de presunto e queijo? Bem, acho que, nesse caso, apesar de eles geralmente virem com mais queijo, o sabor do presunto é mais marcante. E no caso do homem e da mulher? (vai estudar história³¹, antes de me fazer uma pergunta dessas!!!).

Falando da clandestinidade do português, imagine a seguinte cena: uma sala cheia de mulheres, com apenas um único homem, sentado lá na frente. A palestrante entra e cumprimenta o público dizendo: Bom dia a todas! Como se não bastasse, ela compõe o discurso inteiro se referindo a elas. Esse homem se sentiria representado? Mesmo se existisse uma convenção de Português que o “incluísse”?

Sabe qual é o problema daquela regrinha que diz “que quando deseja-se referir a homens e mulheres, usa-se o masculino para referir-se ao conjunto”? Assim como “ingenuamente” a gente se refere a Deus (O Todo Poderoso) como Senhor que é Pai, Filho e

³¹ Os historiadores andam percebendo que a “História” é o conjunto de histórias, ou recortes da realidade trabalhados sobre uma perspectiva específica. Ou seja, como há um predomínio, de talvez, força e dominação por parte de homens brancos, a sua história é a mais evidenciada, o que acaba colaborando com a teoria proposta.

Espirito Santo? O problema está, justamente, na ideia de dominância, que se camufla na linguagem, e que estamos tentando, gentilmente, expor – com argumentos lógicos – veremos isso melhor em hierarquia!

Mas, voltando ao reconhecimento dos nossos movimentos, vale algumas observações à parte para não desanimar: eu sei, estamos tratando de um assunto um pouco complicado, isso porque, ele é executado com maestria de modo inconsciente, mas, a metida da consciência insiste em bisbilhotar. Por exemplo, é muito mais fácil perceber padrões do que compreender o que eles são. Também é infinitamente mais fácil olhar para um pão francês e dizer: é um pão francês! do que pensar como é possível que reconheçamos um pão francês, ou melhor, o que é um pão francês?

2.4.3.1 Categoria da Categoria da Categoria

Anteontem de manhã, Amarildo acordou cedo, fez um cafezinho e pegou o seu pão francês, encheu ele de manteiga (porque leu que margarina faz mal) e encheu a barriguinha! Ontem pela manhã, ele fez a mesma coisa, e percebeu que seu estoque de pão havia acabado. Foi até ao mercado e resolveu inovar, comprando um chamado pão baguete. Foi justamente ele que Amarildo comeu hoje pela manhã!

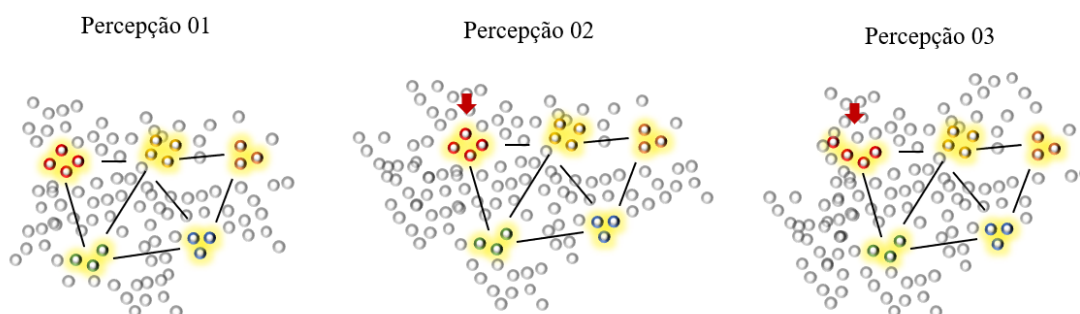


Imagem 19. Modelo Padrão, Representação de Categorias de Pães. Fonte: Autora.

A Imagem 19 retrata o que, em teoria, aconteceria em nosso cérebro, utilizando o modelo padrão. Observe que as percepções 01 e 02 possuem um conjunto de luzes que seguem um padrão; e um conjunto de variáveis, as luzes representadas em cinza, no plano de fundo (agora, sugiro não se ater a refletir sobre as luzes que variam, elas serão o nosso objeto de reflexão mais adiante). Já a percepção 03, parece seguir esse modelo padrão até certo ponto, mas, em nosso modelo, se distingue na percepção visual.

Adivinhem qual dessas representações se relaciona aos pães franceses de Amarildo e qual delas a do, baguete? (volte a observar a imagem e tente refletir, parece besteira, mas, isso vai ajudar você a consolidar o raciocínio).

Resposta: percepções 01 e 02 = pão francês e a lógica vai lhe responder qual seria a representação do baguete. Em outras palavras, o que estamos alegando, em nosso modelo padrão, é que um pão francês e um, baguete se diferem a nível visual pelo seu formato. Lembrando que, no nosso modelo padrão, estamos trabalhando apenas com a percepção aprofundada do nível visual, mas, o correto seria afirmar que, possivelmente, existem outras

variações como de paladar (o gosto), talvez de cor, cheiro (eu não entendo muito de pães baguetes, então, não sei dizer ao certo o que mais).

Note que, entre o exemplo da diferença de cor de um pão francês, seja entre amarelos, seja entre amarelo e branco, e a diferença entre o pão francês e baguete, o movimento de reconhecimento dos padrões é o “mesmo”, o que muda? É que me parece que, tratando-se de pães, avaliamos um conjunto de luzes maiores, conforme evidencia a Imagem 20 (não é apenas a cor do pão, a nível visual, é o pão inteiro, incluso percepções do amplo sentido!). Em outras palavras, também podemos perceber que a amplitude do objeto de análise é maior.

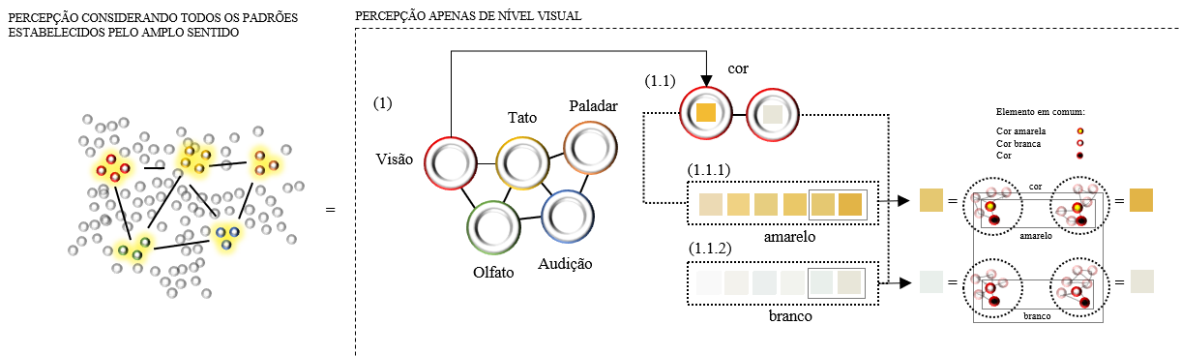


Imagem 20. Modelo Padrão, Extensão das Categorias. Fonte: Autora.

Hum, agora chegamos a uma questão interessante, isso porque a palavra Categoria é composta pelas seguintes palavras: *Katá* = de cima para baixo, *Ágo* = conduzir + *Êiro* = Perguntar. Juntando tudo isso, temos algo como um movimento que conduz de cima para baixo, com base no questionamento. Em outras palavras, podemos pensar em categoria como uma forma de organização, que se fundamenta na identificação de padrões.

Agora, note que, o movimento que estamos elucidando aqui parte basicamente da composição das partes “menor” que se unem e formam algo “maior” e “maior” e “maior” e “maior”! E antes de eu ficar descrevendo tudo isso, achei mais interessante representar o movimento de expansão em uma imagem (que lembrando, é limitada), algo que parece ser *ad eternum*.

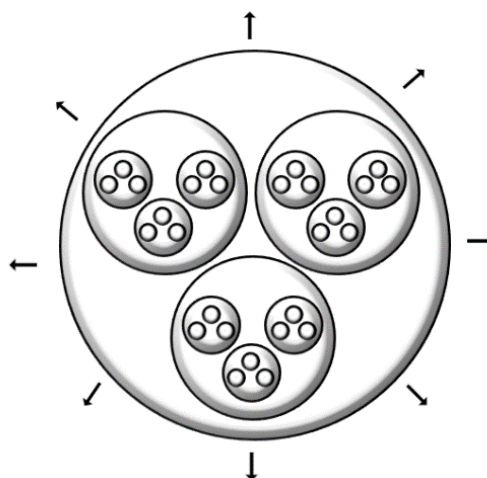


Imagem 21. Expansão. Fonte: Autora.

Ok, mas, você disse que *Katá* significa “de cima para baixo” e esse movimento retrata algo como do “menor” para o “maior”. Isso mesmo, significa que a etimologia da palavra categoria revela em si outro movimento, o qual estamos até mesmo acostumados a encontrar na natureza, fonte de ordem e também de muitos problemas!

2.5 Hierarquia

“Para Aristóteles (...) o cosmos é finito, harmônico, hierarquizado (...) e regido por funções.”

(Barros & Calabrez, 2017).

Utilizando como base as nossas categorias, podemos compreender a hierarquia como um movimento que estabelece ordem. A ordem pode ser compreendida como uma organização baseada em critérios. Mas, que critérios seriam esses?

Podemos utilizar algo que está na frente dos nossos olhos, neste exato momento, para facilitar a compreensão (relaxa, não são pães!): este texto. Pare um pouco, dê uma fugida até o sumário (pode até pegar um pão de lanchinho, se quiser), leia ele e veja se você encontra algum movimento que se relacione à hierarquia (lembre-se de voltar aqui depois, heim!).

E aí, encontrou alguma coisa? Vejamos: possuímos um título, que, geralmente, transmite a ideia geral do conteúdo. A Introdução, que funciona como uma espécie de abertura da ideia geral, os capítulos, que por tendência representam uma fração da ideia geral, e, neles, os subcapítulos, que podem ser compreendidos como uma fração do capítulo e que tratam de algo relacionado, principalmente, com o capítulo (podemos ter os sub-subcapítulos, acabei de inventar o nome, mas você entendeu neh? Que usualmente seguem a mesma derivação) e a conclusão, finalizando a ideia geral representada pela obra inteira.

Agora, algumas observações misturadas com dicas muito úteis de coesão textual: se eu escrever um subcapítulo que não possui nenhuma ligação com o capítulo, ou pior, se eu escrever capítulos que não possuem relação nenhuma com a ideia central e muito menos entre si, devemos concordar que, exceto caso essa intenção seja estabelecida em busca de uma ordem inusitada, muito possivelmente, compreenderemos que alguma coisa não faz sentido. Isso dificultará a nossa compreensão.

Essa afirmação revela outro elemento essencial à composição de uma hierarquia. Ou seja, a noção de valor. A palavra valor veio do latim e significa “riqueza”, da mesma origem de *valere*, que significa “apresentar boa saúde, ser forte”. Por mais que, na contemporaneidade, exista uma associação forte entre o conceito de riqueza e dinheiro, isso não necessariamente é uma regra. A palavra em si se relaciona a ideia de abundância, que pode ser o bastante de qualquer coisa. Já a palavra força, por mais que seja recorrentemente associada a ideia de homens, músculos (força física) e veja só, hierarquia! Em sua origem representa a capacidade de realizar determinada tarefa.

Com isso, podemos compreender o movimento que está por trás de uma hierarquia como uma espécie de arranjo que se organiza pelo atributo de valor. Vejamos alguns exemplos. O

que dificultaria mais a nossa compreensão: escrever um subcapítulo sem coerência ou um capítulo sem coerência? Pense no momento em que você lê um subcapítulo com a mente distante, e quando você lê um capítulo inteiro com a mente distante. Aparentemente, é o capítulo, não é mesmo? Mas, por quê?

Porque, parece-me que ele engloba um conjunto de informações mais amplas e, portanto, parece ter um nível de importância maior para a compreensão do livro. Podemos até mesmo dizer que o capítulo é mais rico ou abundante em informações que o subcapítulo, além de ser mais forte (ele realiza melhor a tarefa de transpor a ideia – lembre-se de força como capacidade de realizar), principalmente, porque ele contribui mais com a ideia geral. Se você, por ventura, leu o *Tratado lógico filosófico*, do Witi, deve ter observado que os números da esquerda apresentados para cada proposição, parecem evidenciar exatamente esse movimento.

Essa relação parece ser aplicada tanto ao nível do pensamento como ao nível de organizações da natureza³². Exemplo de um líder, cuja visão do sistema que ele coordena deveria ser mais ampla, a fim de que ele possa gerenciar a equipe de maneira efetiva. E o que você acha que traria mais prejuízos ao conjunto, perder uma abelha ou a rainha? Agora, limitando mais o foco ao nível do indivíduo, para uma árvore, perder um galho ou o caule? Para você, perder uma perna ou o seu cérebro?

Olhando desse modo, se formos viajar um pouco, veremos que o princípio de uma visão Utilitarista está fundamentado na ideia de hierarquia (mas, calma, não é a ideia de hierarquia vigente). Pois, essa visão reconhece uma tendência inata a buscar fazer escolhas baseadas no maior nível de valor, em outras palavras, visando o maior bem, que se relaciona ao maior número de pessoas possíveis, eu iria além, alegando que teria em vista o maior número de relações benéficas possíveis, englobando também outros seres.

É como se fizéssemos um cálculo inconscientemente atribuindo mais valor aos conjuntos que estruturam mais fortemente o conjunto maior. **A essa organização, que se ordena por categoria, com base no critério de valor, é que chamamos de hierarquia.**

O interessante de perceber é que, se eu escrever todos os subcapítulos sem coerência, a influência do capítulo deixa de existir, e a obra dentro de nossos padrões de escrita, também. Se um líder não pensar em seus liderados ou tratá-los de um modo inadequado, mais liderados irão se revoltar e, quanto mais liderados revoltados, maior será o risco do líder ser substituído (o movimento padrão de muitas revoltas).

No entanto, existe um detalhe consideravelmente significativo nesse movimento: é preciso que todos nós tenhamos consciência e clareza de nossos valores e objetivos. Além de coragem, porque muitos desses sistemas, apesar da ruína, se mantêm graças ao medo e a opressão. Mas, no final, parece que a natureza está sempre dando um jeito de tentar reestabelecer a ordem de um modo a garantir a sobrevivência de um conjunto mais amplo, selecionando os mais adaptáveis a determinado contexto.

³² A palavra natureza deriva do latim e significa: “qualidade essencial, disposição inata e o curso das coisas e o próprio universo”. Por exemplo, podemos dizer que uma semente de árvore, possui uma certa pré-disposição para se tornar árvore, a esse movimento costumamos chamar de natural ou até mesmo relativo à natureza. No entanto, é válido salientar que sempre que alegamos que algo é natural, precisa-se ter um nível acentuado de cautela, principalmente, porque muitos indivíduos utilizam o termo natural de modo a subsidiar certas ideias bem limitadas, excludentes e incoerentes: como é o caso da naturalização da dominância masculina – se discorda, recomendo ler esta reportagem sobre [“O mito do macho Alfa”!](#)

É esse mesmo movimento que perpetua, degrada e contamina a política Brasileira (com as devidas exceções), ou seja, assumir levando em consideração os seus próprios interesses, ou de um grupo específico de pessoas, em vez de governar tendo em vistas o bem comum³⁵.

Também podemos citar como exemplo os relacionamentos nocivos, que se constituem, entre crianças e seus cuidadores, cujo nível de hierarquia lhe concede “o direito” de molestar, agredir e escravizar os menores, e qualquer oposição ao seu dogmatismo é compreendido como “desrespeito³⁶”. Algo muito parecido também parece acontecer nas relações tóxicas, entre homens e mulheres. Além de que, o medo em abolir tal “estrutura hierárquica”, seja revendo a educação de nossos filhos, seja valorizando os desvalorizados, sempre incorre na desculpa de que “estão querendo confundir a cabeça das pessoas, causando o caos³⁷”.

Tá vendo como a objetividade no lugar errado, com a compreensão errada, pode ser altamente nociva?

Mas, pelo que eu venho acompanhando, a falta de ordem e a ordem parecem ser complementares (igual o Yin e o Yang). No sentido de que precisamos desorganizar para reorganizar, de um modo mais justo e melhor. Como dizem que disse Freud, “*Quando a dor de não estar vivendo for maior que o medo da mudança, a pessoa muda*” – complementando: os conjuntos e organizações também!

Diante do exposto, podemos deixar claro que, os maus exemplos citados são absolutamente contrários aos objetivos de uma organização hierárquica de valor, que, lembrando, deveria visar o bem-estar do conjunto. Ok, mas, e como deveríamos representar, então?

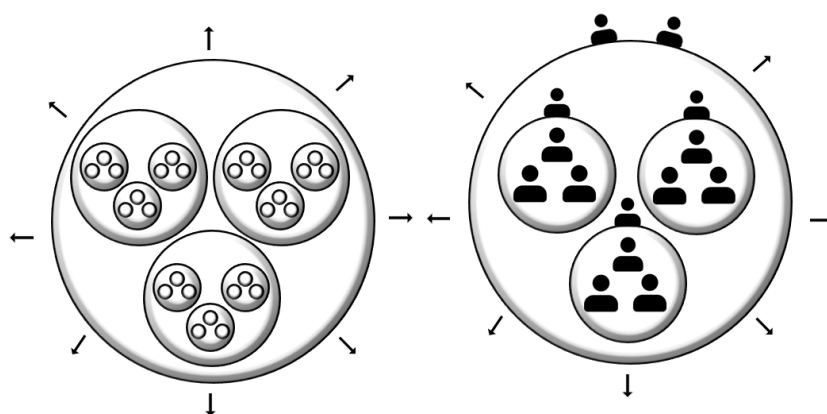


Imagem 23. Nova proposição de representação Hierarquia. Fonte: Autora.

Considero que tal representação seja mais fidedigna a uma organização hierárquica, principalmente, porque ela rompe com a ideia de superioridade de determinados indivíduos. Perceba que, nessa nova representação (Imagem 23), em um líder está contido o conjunto de seus liderados (até porque, sem eles, ele não é um líder).

³⁵ Só um detalhe importante: não é sobre capitalismo e muito menos sobre comunismo, é sobre o ser humano.

³⁶ A palavra Respeito tem origem no latim e significa olhar outra vez! E tentar encontrar algo que o faça entender a posição do outro. É por essas que respeito é uma via de mão dupla, que exige empatia e discernimento.

³⁷ Não podemos generalizar e nem ser ingênuos. Existem, sim, pessoas mal-intencionadas, que tem o objetivo de desorganizar, apenas. Diante do exposto, cabe a nós ter cautela e discernimento, a fim de identificar as reais intenções de um grupo ou de uma ideia.

E o detalhe, por mais que não seja comum, uma liderança pode ser composta por uma ou mais pessoas, desde que elas estejam alinhadas ou conscientemente abertas ao diálogo em prol do bem comum (inclusive, considero que essa seria uma das saudáveis e equilibradas formas de governo). E aqui está a chave: olhar para os seus liderados como parte desse conjunto “maior” que você lidera, repercute em ouvi-los com maior interesse e atenção, resultando, provavelmente, numa liderança mais efetiva³⁸ e, de brinde, a sua manutenção no cargo.

Que a força esteja com você!

2.5.1 Robustez (força com um nome bonito)

Diante do exposto, à pergunta que nos cabe agora é: como a hierarquia se aplica ao nosso modelo mental? E aí leitor, alguma ideia? Bem, digamos que toda a vez que você vê um pão francês, a associação entre a cor amarela e branca é estabelecida. Agora, veja o que acontece quando percebemos esse movimento padrão com mais frequência.

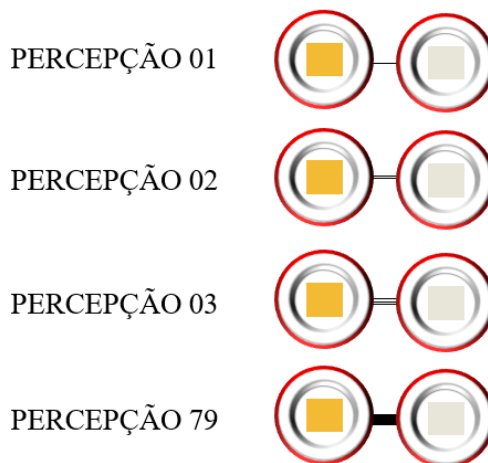


Imagem 24. Robustez. Fonte: Autora.

A Imagem 24 visa evidenciar novas incidências associativas entre a cor amarela e branca. Isso significa dizer que toda vez que percebemos tais cores em um pão, é como se lançássemos mais um fiozinho de cobre entre esses dois pontos de luz. Perceba que, com o tempo, a tendência que tais associações se tornem mais robustas devido à abundância de micro-associações. Na verdade, eis a materialização do provérbio “a união faz a força”.

Eu passei um tempinho refletindo como poderia representar um sistema que deveria ser flexível, ou melhor, adaptável. E tal hipótese das micro-associações foi a que mais se enquadrou na análise. Por exemplo, se algum dia o pão francês deixar de existir (que tragédia!!!), deixaremos de formar novas micro associações, além de que, parece-me que as antigas, irão se desfazendo por falta de manutenção (existe uma tendência adaptativa que se resume grotescamente assim: quem não usa, perde!).

E como esse movimento poderia influenciar o nosso pensamento? Digamos que, é a robustez da conexão que estipula algumas prioridades, palavra do latim que significa “que vem

³⁸ Se liderança saudável e inteligente é um assunto que lhe interessa, recomendo o livro [Foco e Liderança: A inteligência emocional na formação do líder de sucesso](#).

antes”. Priorizar é basicamente escolher aquilo que tem mais valor, conceito diretamente associado a noção de hierarquia.

Pausa para uma reflexão paralela: considero que uma das maiores dificuldades da contemporaneidade é justamente estabelecer as nossas prioridades. Estamos presos em um mundo com excesso de estímulos, informações, que demandam da gente o tempo todo. Se não tivermos clareza de nossos objetivos, de lembrarmos o que realmente é importante e tem valor na nossa vida, dificilmente conseguiremos nos organizar, priorizando o nosso tempo e energia, aprendendo a dizer não. O resultado, no final de tudo? Uma sensação horrível de falta de sentido (por vezes soterrada por antidepressivos), um vazio que se alimenta da percepção de que a nossa vida não teve valor. E aí leitor, você consegue me dizer com clareza o que mais importa para você?

Lembre-se: “Uma riqueza de informações cria uma pobreza de atenção”. Herbert Simon.

Mas, depois desse banho de água fria, voltemos ao nosso modelo. Podemos dizer que a prioridade também é um atributo da natureza, ou melhor, uma estratégia relativamente humilde que reconhece a nossa incapacidade de fazer tudo ao mesmo tempo. É por essas que focamos e também pensamos em uma coisa de cada vez (caso contrário, o processador não dá conta).

E ainda falando sobre um ponto de vista evolutivo, podemos pensar que a prioridade para a natureza é aquilo que se relaciona a nossa sobrevivência. E o que isso tem a ver com pães? Nada, na verdade, tem a ver com a frequência de reconhecimento de padrões. Quanto mais você reconhecer um movimento específico padrão, mais a natureza entende que aquilo é importante para a sua vida. Entendeu a ideia?

2.6 Ideia, a filha do conceito!

A palavra ideia possui origem do Grego *Idea*, e significa protótipo ideal, literalmente, aparência, forma; de *Idein* que por sua vez significa ver.

Ela está eventualmente relacionada ao que chamamos de perfeição, que em sua origem significa “completo”. Com base na etimologia, talvez, possamos pensar na ideia de ideia como uma forma completa. Por aqui, também compreenderemos uma ideia como aquilo que surge em nossa mente, que visa delimitar o que algo é.

Mas, que forma seria essa? Observe estes pães:



Imagem 25. Pães. Fonte: Unsplash, César Guel.

Consegue ver a sua forma? Podemos perceber que não conseguimos necessariamente dizer onde um pão começa e onde ele termina, mas, se eu lhe perguntar o que é um pão e o que não é na imagem, presumo que você consiga me dizer ou ao menos me apontar, não é mesmo?

Forma, nesse caso, tem relação com os limites que estabelecemos para um objeto. São graças a eles que conseguimos dizer o que algo é e o que algo não é e, inclusive, nos organizarmos e nos orientarmos no mundo (veremos mais no item dedicado ao espaço). Mas, como esse movimento se constituiria em nosso cérebro? Voltemos às luzes padrão de nosso modelo, agora, com conexões mais robustas, conforme evidência a imagem 26.

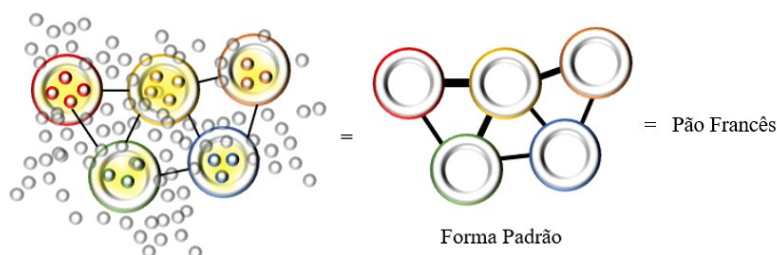


Imagem 26. Ideia. Fonte: Autora.

O que acontece é que, ao perceber determinados padrões com frequência, as associações de luzes correspondentes vão se fortalecendo, de tal forma que se olharmos o modelo em “planta baixa” (de cima), ele criará uma forma, que pode ser compreendida como uma espécie de código. É justamente a percepção desse código no mundo que permite que o nosso cérebro direcione a energia para certos circuitos e que possamos acessar tais informações.

Vamos a um exemplo. Ordene ao seu cérebro a pensar em um pão (esse é o código ou o comando) e observe o que surge em sua cabeça! E aí, me conta, foi um pão francês? (não é uma regra, mas uma tendência brasileira, de minha hipótese). Considero que se fizermos uma pesquisa com diferentes grupos culturais espalhados pelo mundo a resposta será a mesma! (Mentira, era só para ver se você estava antenado e crítico a teoria!). Na verdade, considero que o que aparece vai variar. E como já defendemos por aqui, o pão francês que está na sua cabeça também se difere do da minha!

Agora, pense em uma música e observe. Está surgindo algum som na sua cabeça? Como não conseguimos enxergar a música, as informações nesse caso são associadas, principalmente, à audição. E é por isso que esse conjunto de partículas são acionadas primeiro³⁹. Por que isso acontece? Porque a imagem que projetamos em nossa mente e a associamos com a ideia de algo, não existe sem o movimento de percepção, que tem início pelos nossos sentidos.

Perceba que interessante! Podemos dizer que, em um primeiro momento, a primeira coisa que surge em sua mente quando pensamos em pão, nesse movimento, são as percepções que você mais associou com a palavra pão! Utilizando como base o nosso modelo, o que fica evidenciado é determinada forma padrão (Imagem 26), com destaque as conexões mais robustas. Por quê? Porque é o que, possivelmente, você mais percebe no meio e associa ao pão e, portanto, a prioridade de escolha de seu cérebro.

Em resumo, por aqui, defenderemos **a ideia** de que a ideia se trata basicamente disso: **do acionamento de partículas associadas de modo recorrente, relacionadas a um objeto**. Ela é compreendida como perfeita⁴⁰, aliás, como uma forma completa, justamente, porque temos a sensação de que aquilo que participa da ideia de algo (do conjunto padrão) é próprio e essencial de um objeto. Além do mais, costumamos chamar de “a ideia” e não “as ideias” de um objeto, ou seja, perceba que no movimento de se formar uma ideia, há também o movimento de objetivação, ou seja, de perceber um elemento, que por sua vez, é constituído por um conjunto.

No entanto, sinto muito em lhe informar leitor, mas, nem sempre lembraremos do pão francês, quando pensarmos em pão, mas, talvez, será ele que lembraremos quando pensarmos na ideia de pão. Isso porque, existe algo mais amplo que as ideias e que também participa da organização de nosso pensamento. Mas, antes de desvelar esse movimento, por favor, se afasta um pouquinho, pois, precisamos de espaço!

2.6.1 Espaço (a b)!

“Quantas vezes a gente, em busca da ventura, procede tal e qual o avozinho infeliz: em vão, por toda parte, os óculos procura, tendo-os na ponta do nariz!”

Mario Quintana

A expressão “pensar fora da caixa” usualmente representa o movimento de pensar além da ideia estabelecida a respeito de algo, ou seja: sair dos padrões, extrapolar os seus limites e criar novas associações. Parte da Filosofia é comumente conhecida por promover tal exercício. E acredito que em função disso, ela é tão polêmica e, por muitos, odiada!

³⁹ Podemos observar que parece ser os sentidos da visão e audição os mais evidentes. Não é à toa que o nosso sistema de linguagem é fundamentado neles. Mas, há uma questão curiosa, ousar dizer que se começássemos a prestar mais atenção no olfato, tato e paladar, também recordaríamos das informações ou sensações que coletamos por intermédio deles. Portanto, recordar de um cheiro, textura e gosto, ao pensar, talvez seja algo possível mediante atenção e treino.

⁴⁰ Há uma questão bastante curiosa, sobre a fisiologia humana, que parece justificar o fato de alegarmos, ou até mesmo sentirmos, que as ideias são perfeitas, você pode acessar ela [aqui](#).

Na verdade, a maioria de nós odeia mudança. E alterar a ideia que estabelecemos de determinados objetos, trata-se de mudar, um sinônimo para estresse, ou uma reação biológica que visa nos preparar para as adversidades e questionar se de fato vale a pena gastar energia nisso, ou, se é melhor otimizar, voltando a utilizar os antigos e já estabelecidos padrões. Digamos que sim, a resistência é natural, e tem o intuito de ser protetiva – por mais que por vezes, e sem discernimento, ela é apenas limitante.

Além do mais, a história está cheia de absurdos cometidos em nome da estabilidade de certas ideias. Começando por Jesus Cristo, que foi crucificado, graças a proposição de ideias destoantes do pensamento vigente. O mais paradoxal de se observar é que a própria igreja Católica, ou os seus seguidores, fez o “mesmo” condenando hereges, como por exemplo, Giordano Bruno, que foi queimado vivo, por perceber que a lógica ou a razão pareciam apontar para outra direção! Como diria um querido professor meu, “eu não tenho medo da inteligência artificial, o que me preocupa é a ignorância natural”.

A gente não precisa nem utilizar o passado, podemos refletir sobre o presente e parar para observar o quanto repensar a ideia de gênero causa tanto alvoroço. Não vou nem citar a história das mulheres que resolviam pensar fora da caixa! Sem consciência, repetem-se os padrões, só se alteram as variáveis. Falando em mudanças..

Quando eu era pequena, eu tinha dificuldade de pegar no sono, pois a minha cabeça era um campo fértil (nada mudou, eu sigo flertando com a insônia). Lembro de uma vez que, passei alguns dias inconsolada com uma reflexão que me assaltava toda vez que eu deitava na cama e percebia o escuro:

- O que foi Aninha? Dizia a minha mãe.
- Mãe, a gente mora na cidade tal, que está localizada no estado tal, que se localiza no Brasil, que se localiza na América do Sul, que se localiza na Terra, que se localiza na via láctea, mas e depois? e depois????

A minha mãe não tinha resposta!

Esse problema me perseguiu por anos, até que algumas coisas foram fazendo mais sentido, no decorrer de minhas investigações. Coisas básicas que a gente não se dá conta, justamente, por estarmos viciados em certas ideias, que por sua vez, moldam a forma que enxergamos o mundo: até nos depararmos com algumas coisas que parecem não fazer sentido!

A reflexão que segue sobre algo que não encontramos respostas costuma ter dois caminhos: a pergunta está formulada equivocadamente ou ainda não encontramos a resposta? (por vezes, segue-se até com uma mistura dos dois!) Refletindo sobre isso, eu cheguei à conclusão que parece existir um equívoco na expressão “pense fora da caixa”. Mas antes, precisaremos compreender o que é o espaço! E a caixa também!

Para tanto e de momento, o que eu gostaria que trabalhássemos é a seguinte ideia: sem o movimento de foco, que repercute em delimitar e isolar, não é possível perceber um objeto e, muito menos, ter uma noção de forma. Metaforicamente falando, a caixa é a forma.

Vamos a um exemplo, observe a imagem 27:



Imagem 27. Seres estranhos. Fonte: IA.

Quantos seres você consegue identificar dentro da garrafa? (antes de prosseguir, diga um número, mesmo sem saber exatamente do que se trata).

Essa garrafa é uma projeção virtual de uma amostra de organismos, nunca antes identificados, coletados na Antártida, depois do derretimento das camadas superficiais de gelo. Ainda não sabemos, ao certo, quais são os seus potenciais nocivos aos demais seres e é por essas que os coletamos – para estudá-los e, caso necessário, propor estratégias de controle.

A esfera 1 e 2, às menores, indicam um habitat em fecundação, cuja colônia de indivíduos ainda não está formada. Observou-se também que a mais amarela, indica, uma esfera mais prematura. Já a “esfera” 3, aquela meio deformada, está se multiplicando e gerará, em breve, uma nova colônia. Sobre as esferas 4 e 5, são habitats bem estabelecidos, o verde indica jovialidade, já o vermelho, maturidade. A cor é um indicativo de idade e podemos dizer que o habitat da esfera vermelha está com os seus dias contados!

Como essas colônias se formam? Graças ao agrupamento de vários indivíduos ou seres. Cada um deles possui um núcleo e um perímetro gelatinoso que se associa facilmente aos demais indivíduos. Eles também sobrevivem de modo isolado, mas, parece haver uma tendência natural ao agrupamento, tornando-os mais resistentes. A imagem 28 representa um ser isolado e um ser em sinergia com outro ser – o conjunto de vários deles formam às esferas elucidadas na imagem anterior. Ah! Esses seres tem nome, os chamamos de *objetuscoccus* esse.

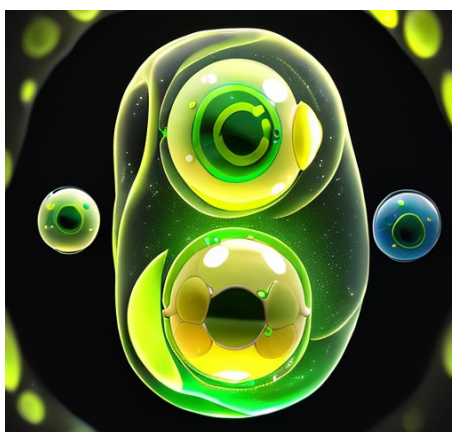


Imagem 28. *Objetuscoccus* esse. Fonte: IA.

Vou dar mais uma chance: quantos seres você consegue identificar dentro da garrafa? U-a-u! Mas, o que aconteceu nesse movimento? Se a imagem permaneceu a mesma, mas o número de seres não? O que mudou foi a nossa compreensão acerca de algo. E tal compreensão fez com que criássemos limites diferentes. **A criação de limites para determinar objetos é um movimento que chamaremos de espacialidade.** Ele é relativo à compreensão que temos das coisas, mas, constante no movimento de delimitar (o limite muda, o que não muda é o fato de sempre acharmos os limites). Ah! Antes que eu esqueça, essa história é uma mentira ou uma criação mental que não corresponde à realidade, ao menos por enquanto.

Podemos nos questionar, também, qual é a diferença de um objeto e um ser? Bem, eventualmente, associamos a ideia de objetos com coisas materiais e criadas pelo homem. É difícil aceitar a ideia de que, por exemplo, um ser humano é um objeto (por mais que muita gente realmente nos considere dessa forma). Mas, conforme evidenciei anteriormente, e pela importância, retomo: um objeto, por aqui, trata-se do movimento de focar em algo, e consequentemente delimitar, portanto, um ser pode ser um objeto.

Já, a associação que tenho para os seres é de algo mais complexo, algo orgânico fortemente associado a ideia de vida. Eis um ser. Mas, podemos refletir que também costumamos utilizar o verbo ser para dizer aquilo que um objeto, mas, que não necessariamente seja “vivo”, é! Então, todo objeto é um ser? A resposta é sim. Não necessariamente um indivíduo orgânico, como costumamos associar a ideia! O ser, nesse caso, se relaciona ao conjunto delimitado que representa a ideia de algo. O ser, curiosamente, parece estar intimamente ligado ao movimento de fazermos um recorte da realidade. Metaforicamente, ele também pode ser compreendido como uma caixa!

Parmênides alegava que “*O ser é e não pode não-ser, o não-ser não é e não pode ser.*” (Oi?!), por mais confuso que essa frase possa parecer, ao meu ver, ela parece expressar a ideia de que toda a vez que refletimos sobre o que algo é, o ser, induzimos o nosso cérebro a focar em algo e delimitar. Portanto, o ser não pode não-ser, porque o não-ser é não delimitar, e toda vez que pensamos, delimitamos! Por exemplo, pense em nada! (se você pensou, você há de concordar comigo que já é alguma coisa, e portanto, não é o nada – pegou a ideia?).

Também podemos observar que, a ideia de isolamento é tão significativa na percepção de um objeto, que geralmente, quando enxergamos algo junto, unido, grudado, possuímos a tendência de nomeá-lo como parte de um mesmo objeto (é o que pressuponho que deva ter acontecido em sua primeira contagem dos *objetuscoccus* esse). Perceba que eu utilizei o termo “enxergar”, um atributo da visão. Mas, o que isso tem a ver com o espaço? Bem, podemos dizer que possuímos dois sentidos que conseguem nos fornecer informações espaciais. E aí, alguma ideia de qual seria o outro? Dica: Feche os olhos e toque em algo, percebendo a sua forma.

É isso mesmo, tato e visão! Os demais sentidos nos dão uma ideia de direção, por exemplo, podemos apontar de onde está vindo um cheiro ou um barulho, no entanto, ter uma noção de forma repercute em ver ou tocar. Ok, até o momento falamos da caixa, ou melhor, dos limites, mas, o espaço não parece ser a caixa, não é mesmo? O que seria o espaço, então?

Costumamos conceber a ideia de espaço como o lugar em que as coisas acontecem. E eu acabei de perceber que existe um exemplo muito simples para compreender tal alegação! Pare um pouquinho para olhar o teclado do seu telefone, especificamente a tecla “espaço” (que

inclusive é uma das maiores, possivelmente, por ser a mais utilizada). Agora, tecle em uma letra qualquer, espaço e outra letra qualquer! Vejamos o que temos aqui!

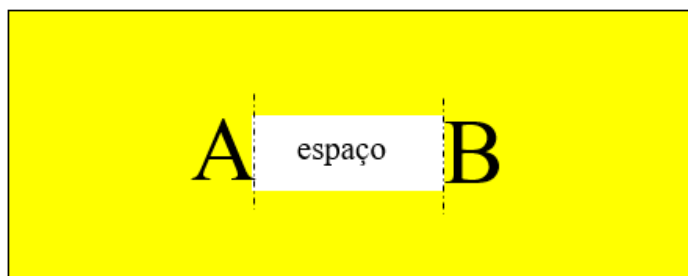


Imagem 29. Espaço. Fonte: Autora.

O que é o espaço? O lugar entre! Entre o quê? Entre os objetos! E é esse movimento que inclusive nos permite ter noção de localização. Para compreender essa afirmação, vamos substituir as letras por pães!

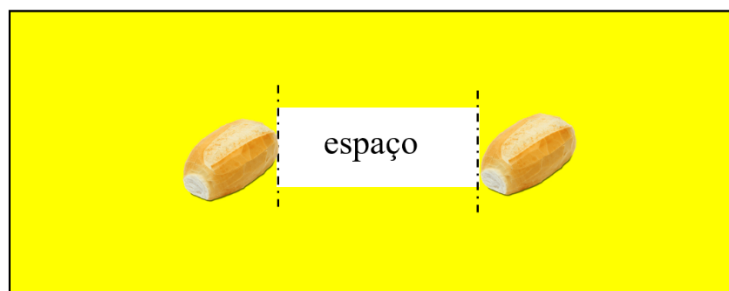


Imagem 30. Espaço entre pães. Fonte: Autora.

Já que o assunto é localização, você consegue me localizar os pães na Imagem 30? A resposta mais simples é apontar para eles e dizer, pão A e pão B, por exemplo. Mas, fisicamente falando, localizar repercute em ter um referencial. Como costumamos transpor esse movimento? Por intermédio de códigos.

Para facilitar, vamos lançar dois eixos de localização (x e y), Imagem 31, por se tratar de um plano 2D, no entanto, na “realidade”, segundo a física contemporânea, também temos a dimensão z (profundidade) e mais uma quarta dimensão (que não vou citar agora para não dar spoiler). O pão A possui uma localização específica em nosso eixo x,y, enquanto que o pão B, também, O que repercute em considerar que, por mais que ambos sejam pães, e até mesmo possam ser “idênticos” (visualmente falando) eles não são o mesmo pão, tornando-se assim singulares, devido as suas localizações (dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço).

Podemos tanto medir a distância do pão A até o B, como também, podemos localizar os pães em outro espaço, como por exemplo, traçando as coordenadas, atribuindo códigos e juntando elas. A observação que segue é que a localização sempre se dará com base em, no mínimo, dois objetos. No caso das coordenadas, a afirmação também se aplica, porque, para dizer onde o pão se localiza, necessitamos, estabelecer os limites de algo. No caso do exemplo, o limite é o retângulo maior, ou seja, um objeto. Na geolocalização terrestre, os limites são a terra. Caso desejarmos localizar algo no espaço sideral, os limites são entre um ponto específico da terra e um ponto específico “lá no céu”.

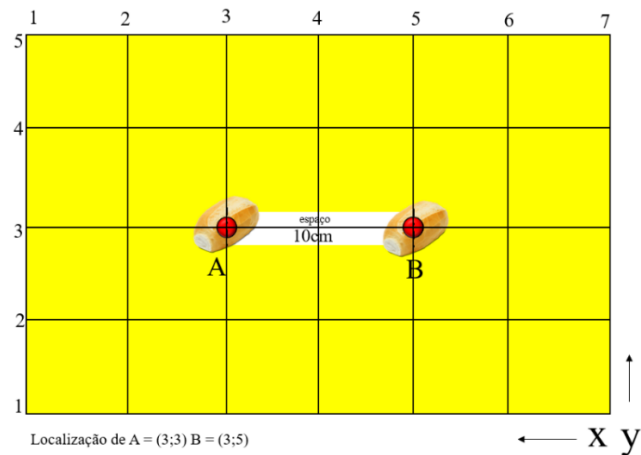


Imagem 31. Medindo a distância do espaço. Fonte: Autora.

E daí? Bem, com base no que conversamos até aqui, se o espaço é o lugar entre, podemos pensar na ideia de espaço sem a existência de objetos? Ou sem a definição de formas ou limites? Se estiver difícil de conceber a ideia, não se preocupe, é normal, a espacialidade faz parte do funcionamento de nosso cérebro.

Acredito que um exercício facilitador da compreensão é, justamente, tentar imaginar como seria a nossa percepção de mundo se destituídos de tato e visão. Diante do que conversamos até aqui, sem esses sentidos, você conseguiria ter uma noção de espaço? Bem, nesta teoria, a resposta é não.

Mas, o que tudo isso tem a ver com os nossos pensamentos? A palavra espaço deriva do latim e significa extensão. E podemos pensar que não pode existir uma extensão, se não delimitarmos o “ponto A” e o “ponto B”. Em nosso modelo padrão, vimos que o movimento de focar em algo, repercute em nosso plano mental de tal modo a gerar uma extensão, com base no reconhecimento de determinados padrões. Tal extensão, quando vista de cima, pode ser interpretada como uma espécie de forma.

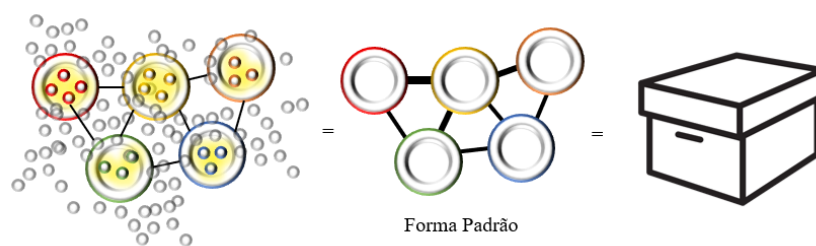


Imagem 32. A forma mental e a Caixa. Fonte: Autora.

E sabe o que mais? A física Newtoniana, conhecida por ser mecânica, inclusive, só existe entre dois pontos, ou seja, no espaço. Ela faz muito sentido quando aplicada a realidade humana, porque é um reflexo de nossa forma de pensar, mas, considero que precisaremos ir um pouquinho além do nosso umbigo, se desejarmos expandir a nossa compressão no cosmo (um viva a física quântica!).

“Assim como não podemos de modo algum pensar em objetos espaciais fora do espaço, (...) também não podemos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros.”

(Witt).

Diante do exposto, é fundamental aceitarmos a ideia que o nosso pensamento é literalmente limitado. E se ele é limitado, significa dizer que ele delimita, a fim de conseguir compreender uma parte de algo “maior”. Esse algo “maior”, talvez, não tenha limite. Por exemplo, você já pensou no formato do universo? Uma bola? Uma elipse? Note que, toda vez que pensarmos em uma forma, isso repercute em delimitar e dizer, o que está “dentro” e o que está “fora”. Ou dizer, ou ao menos apontar o que é o espaço e o que não é!

Quer dizer, se algo está “fora”, isso significa que o universo não é “dentro”, porque a ideia que temos de universo é “tudo”, não é mesmo? Diante do exposto, para pensarmos metaforicamente fora da caixa, significa que precisaremos tentar conceber um modelo sem a caixa, sem objetos e, portanto, sem a existência de um referencial que indique fora! Resumindo drasticamente, sem espaço!

Mas, a própria palavra universo também traz consigo um equívoco. Conversaremos sobre isso mais tarde. Por enquanto, reflita sobre essas palavras de Buda: “*forma é vazio, vazio é forma*”. De momento, recomendo você parar um pouco, é muita informação para ser associada ao mesmo tempo. Volte amanhã e investigaremos a verdade! (outro tema bem “leve”).

2.6.2 A Verdade: e as suas mentiras

Não é incomum encontrar histórias de um grupo de pessoas que usaram da “verdade” para dizimar e acabar com determinados grupos ou para alegar que a sua concepção de mundo é mais relevante do que de outra pessoa, grupo, religião, crença, política etc... Hitler, por exemplo, acreditava na “verdade” de que os alemães eram parte de um grupo racial superior! (lembra do que conversamos sobre essa ideia equivocada de superioridade, eis mais um exemplo de seus frutos podres).

Mas, o que seria a verdade? Podemos dizer que existe a verdade? Lá vamos nós nos amparar na etimologia! A palavra verdade deriva do latim *Verus* e significa “real e verdadeiro” do Indo-Europeu *Were-o*, “verdadeiro, merecedor de confiança”. Também está associada à palavra *Aletheia*, do grego, que significa “o não oculto.”

Opa, até aqui já temos informações suficientes. Vamos destacar as palavras “confiança” e “não oculto”. Confiar, em sua origem, significa, acreditar plenamente, com firmeza. E não oculto, parece-me ter muita relação com a palavra objeto, ou seja, que está posto diante, ou que conseguimos ver; que também contém a ideia de algo objetivo ou que reflita a unidade. Analogias feitas, vamos retomar o nosso modelo, enfatizando a robustez. Ou seja, a firmeza ou até a confiança entre as associações e veremos o que tudo isso tem a ver com a verdade, e até mesmo a nossa noção de realidade. Mas antes, uma historinha!

Amarildo acordou em plena madrugada, graças a uma luz amarela brilhante vinda de sua sala. Levantou, já imaginando que havia deixado a janela aberta, e foi conferir do que se tratava. Chegando lá, se surpreendeu ao ver que a fonte de luz não vinha da janela, estava em cima de um livro, era uma bola, do tamanho de um botão de rosa, que flutuava e emitia uma luz encantadoramente forte.

Assustado, mas, curioso, Amarildo foi conferir o objeto mais de perto. Apesar do brilho, aquilo não parecia fazer mal aos seus olhos. Aquilo também não parecia com nada que ele já havia visto por aí. Alguns segundos depois, o objeto, magicamente, sumiu da sala. A pergunta que não quer calar é: aquele objeto era real?

Bem, podemos pensar em algumas hipóteses: 1. Se tratava de um sonho; 2. Amarildo usou drogas; 3. Era real e alguma coisa estranha estava mesmo acontecendo! Agora, eu gostaria que você notasse o hábito que temos de associar a palavra real com algo que percebemos no mundo. A palavra realidade deriva do latim *Realis* que significa “verdadeiro, relativo às coisas que existem” e Res, que significa “coisa, matéria”, o que tem tudo a ver com o que costumamos associar a realidade.

Mas, independentemente se Amarildo viu mesmo o pomo (um apelido carinhoso que daremos a bola de luz flutuante, que também revela a minha paixão por Harry Potter) ou estar apenas sonhando - vamos descartar a hipótese das drogas, porque Amarildo era um cara responsável - o que aconteceu, utilizando como base o nosso modelo mental, foi o seguinte:

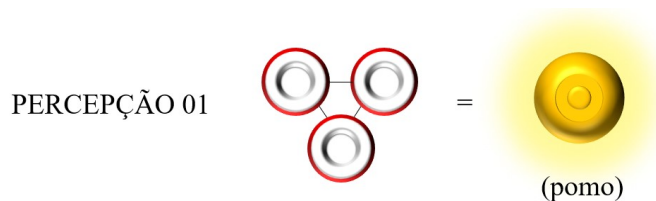


Imagem 33. Associação primária. Fonte: Autora.

A novidade, aqui, é perceber que, mesmo se for um sonho, podemos criar novas associações apenas pensando. Isso significa dizer que podemos criar novas associações com base na memória das percepções e não somente percebendo. Eis o que chamamos de imaginação. Note também que tais associações, como foram vistas ou sonhadas apenas uma vez, estabeleceram associações pouco robustas. Seguimos a história ou estória...

No dia seguinte, Amarildo pensou em conversar com a sua melhor amiga sobre o acontecido, mas, ficou receoso de ser chamado de louco! Preferiu ficar quieto! Uma semana depois, aconteceu de novo! No mesmo livro, na mesma hora. Amarildo estava cogitando conversar com um psiquiatra. Ele resolveu esperar... três dias depois, a mesma história, e lá foi ele agendar uma consulta.

O que estava acontecendo no cérebro de Amarildo? Observe a Imagem 34:

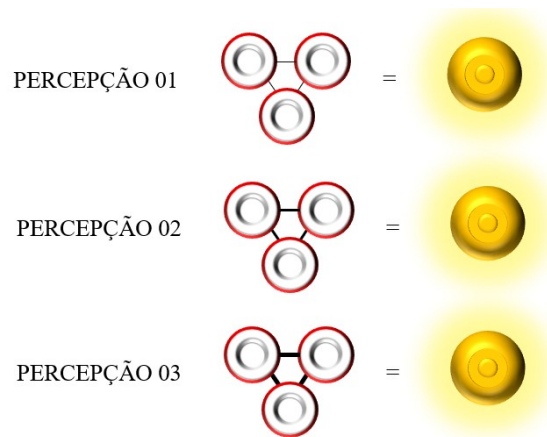


Imagem 34. Associações seguintes. Fonte: Autora.

- *Doutor, eu acordo de madrugada e vejo uma bola iluminada em cima de um livro. É uma luz forte, mas que não me irrita os olhos. É encantador e eu sinto paz.*

- *Este cara está alucinando, foi o que pensou o psiquiatra, antipsicótico!!!*

Amarildo saiu de lá com uma receitinha e resolveu esperar receber para comprar o medicamento, visto que o único dinheiro que lhe restara, ele gastou na consulta.

Na verdade, ele acabou deixando a ideia de comprar o medicamento de lado, até que (suspense), mais uma noite, mais uma aparição! Remédio, sem falta, amanhã!

No dia seguinte, ele acordou, ligou a TV e foi fazer o seu sanduíche com o seu amado pão francês. Enquanto o noticiário falava sobre o misterioso caso das aparições de pomos, Amarildo deixava cair o queijo no chão! Histeria coletiva? Ou se tratava de algo real?

Vamos dar uma espiada no que, em hipótese, está acontecendo no cérebro de Amarildo.

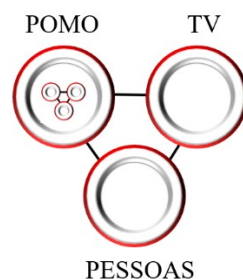


Imagem 35. Associações entre ideias. Fonte: Autora.

Ou seja, além da robustez das associações criadas pela frequência de percepção do objeto em si, também podemos alegar que a cada nova percepção de outros objetos associados à ideia de pomo, a trama que envolve ideias também vai se tornando mais robusta ou até mesmo, mais confiável. Quanto maior for a robustez, menor a probabilidade de a gente duvidar da existência de algo. É por essas que duvidar da existência dos limites de objetos, bem definidos e delimitados, causa um nó na cabeça, e parece não ser verdade!

Diante do exposto, podemos observar também que, quanto mais percebermos um objeto associado a diferentes contextos, como, por exemplo, não só na casa de Amarildo, como na TV, como conversar com pessoas que viram “o mesmo”, mais a ideia vai se estabelecendo como algo real, ou mais precisamente falando, algo identificável materialmente.

Podemos observar que a ideia que possuímos sobre a realidade se baseia em algo compartilhado, ou até mesmo comum, a mais de uma pessoa. Lembra do que mais existe quando compartilhado? Isso mesmo, a objetividade! É por essas que, a noção de realidade possui como tendência ser objetiva, e mais, é por essas que costumamos chamar de verdadeiro aquilo que é real, que não é oculto, que conseguimos ver-dade.

No entanto, é válido salientar que por trás de uma verdade, existe muita mentira! Calma, não deve ser bem isso que você está pensando.

Vejamos: a palavra mentira deriva do latim *mentire* que remete à palavra *mens*, que significa “mente”, inteligência e intenção. De fato, uma mentira, pode ser compreendida como algo que se constitui no plano mental, mas, que não possui correspondência com a realidade, ou melhor, com o plano material. E uma verdade, para algumas vertentes filosóficas pode ser compreendida como uma espécie de correspondência entre o plano mental e o material⁴¹! (não apenas o material).

Falando em realidade, acredito que a nossa ideia de realidade, está, aos poucos se adaptando. É o caso da realidade virtual, que não existe no plano material, mas, não podemos discordar que ela exista. Porque chamamos de realidade, apesar de ser virtual? Justamente, porque estamos conseguindo “criar” um plano que não é material, e principalmente, compartilhado com outras pessoas.

“Professor, isso é real, ou está acontecendo somente na minha mente? - É claro que está acontecendo na sua mente, Harry, mas por que isso significa que não é real?”

(Alvo Dumbledore)

Calma! Sem teorias conspiratórias aqui. O que eu compreendo que essa frase retrata é que o plano mental, também faz parte de nossa realidade, porque aquilo que é desvelado, não se trata, necessariamente, daquilo que conseguimos ver com os olhos.

“Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem.”

(Matheus 13:13)

E acreditar no que não vemos, também se trata de uma questão de fé (não necessariamente, atrelada a religião). Portanto, nossas emoções, nossos sentimentos, nossos pensamentos, a nossa mente, também fazem parte da realidade!

Para finalizar, e deixar as coisas “claras”, eu gostaria de dizer que eu acredito na verdade, mas, como dizem por aí que ela é: Mãe, filha e Espirita Santa, ou seja, a verdade é composta pela subjetividade e desconstruindo um pouco do que aprendemos em matemática: 1 é igual a 3.

⁴¹ Vou deixar um podcast especial sobre isso [aqui](#).

Falando em 3... os Faraós eram representantes do divino na terra (o mesmo foi projetado depois, em Jesus Cristo). O mais curioso de se observar é o elemento mais simbólico do antigo Egito, as pirâmides. Construções imponentes e monumentais, feitas para abrigar o Faraó depois de sua morte.



Imagem 36. Pirâmide de Gizé. Fonte: SóCientífica.

O triângulo é um elemento de três pontos, comumente conhecido na engenharia pela sua eficiência na distribuição de cargas, ou seja, pela sua robustez. Simbolicamente falando, dois de seus pontos estão amparados na terra (no mundo material), tais pontos convergem para um único ponto, o que está lá em cima, perto do céu (representando o plano mental). É aqui que a gente compreende a etimologia da palavra categoria como o movimento “de cima para baixo” ou aquilo que se origina na mente e é materializado. Note também que é a representação do mesmo movimento que encontramos na construção da ideia das coisas, cujo subjetivo converge para um ponto, o objetivo.

De modo nenhum exponho isso para causar o caos, muito pelo contrário, para conseguirmos enxergar que há muitas questões que precisam ser vistas antes de definir o que é verdade.

“O essencial é invisível aos olhos!”

(O pequeno Príncipe).

Indo um pouco mais a fundo, diria até mesmo que não pode existir verdade, quando utilizamos ela para menosprezar, diferenciar, desagregar ou desunir. Só existe verdade na unidade e a unidade só existe quando acolhemos a subjetividade. Entendeu?

2.7 Conceito: a mãe da ideia!

Sabe, ando demorando mais do que havia previsto para concluir esta teoria. Em um primeiro momento, responsabilizo o fato de estar reorganizando as ideias de um modo mais, digamos, inusitado. Esse movimento consiste em passar muito tempo refletindo sobre algo e, por vezes, depois de terminar toda uma argumentação, notar que o negócio não era bem por aí (lá vai à Ana reescrever mais uma vez).

Outro agravante do caso é meu apressado atucanado pelas palavras. Digo isso, pois, passei um tempo considerável refletindo sobre, por exemplo, sobre Ideia e Conceito (fora outros usos de termos). Qual viria primeiro? O que elas significam? Como posso enquadrá-las nesta teoria?

Como vimos, a palavra Ideia possui uma associação mais robusta entre as ideias de forma e visão. Por outro lado, a palavra conceito deriva do latim e significa “coisa concebida” ou “formada na mente”. Perceba, enquanto a ideia, como vimos, é uma espécie de forma, com seus devidos limites, a expressão “coisa concebida” ou “formada na mente” traduzida por conceito, parece-me retratar algo mais amplo, por mais que ainda se relacione ao termo forma e, portanto, transmita a ideia de limites.

Diante do exposto, confesso, querido leitor, que eu recortei algumas informações intencionalmente, a fim de que nossas novas associações fossem estabelecidas aos poucos, sem muito estresse. Mas, voltemos a nossa ideia de pão. De momento, já aprendemos que ao perceber um pão, utilizando o amplo sentido, vamos recebendo e arquivando informações que nos auxiliam a compor a ideia do que algo é.

Podemos observar que, apesar de acreditarmos na possibilidade de conceber uma ideia de forma isolada, assim como acreditamos nos limites que estabelecemos para um objeto, a história não me parece ser bem por aí. Isso porque essa projeção é o reflexo do modo de funcionamento de nosso cérebro, que, basicamente, fundamenta-se no movimento de focar, que, como vimos, consiste em delimitar ou iluminar uma parte específica, enquanto todo o resto permanece na escuridão.

Mas, vejamos se isso realmente faz sentido. Feche os seus olhinhos e pense na ideia de pão, tentando perceber como ele aparece em sua mente. É uma imagem? Uma palavra? Independentemente do que o seu cérebro estiver lhe fornecendo, agora, eu gostaria de desafiar você a pensar somente no pão, isoladamente. Sem um ambiente, sem uma cor de fundo (preto e branco, por aqui, também serão classificadas como cores, ou, no mínimo, algo!), somente o pão.

Impossível, não? E se você acha que conseguiu, eu recomendo voltar e observar melhor a forma, prestando um pouquinho mais de atenção, percebendo que ela estará associada a alguma coisa, nem que seja a uma cor de fundo. Por que isso acontece?

Segundo o Wittgenstein, “*não conseguimos pensar em nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com os outros*”. Pensar em qualquer coisa repercute em pensar em algo associado, porque é justamente assim que o percebemos. E ao percebermos objetos em simultâneo, também estabelecemos associações entre eles (neurônios que disparam juntos se conectam juntos!). Observe a Imagem 37.



Imagem 37. Pães. Fonte: Unsplash, César Guel.

Nesse caso, ao perceber um tecido, uma cesta e um pão, ao mesmo tempo, também estaríamos estabelecendo associações entre as informações que estamos percebendo em simultâneo. A Imagem 38, visa retratar o que, em hipótese, aconteceria em nosso cérebro.

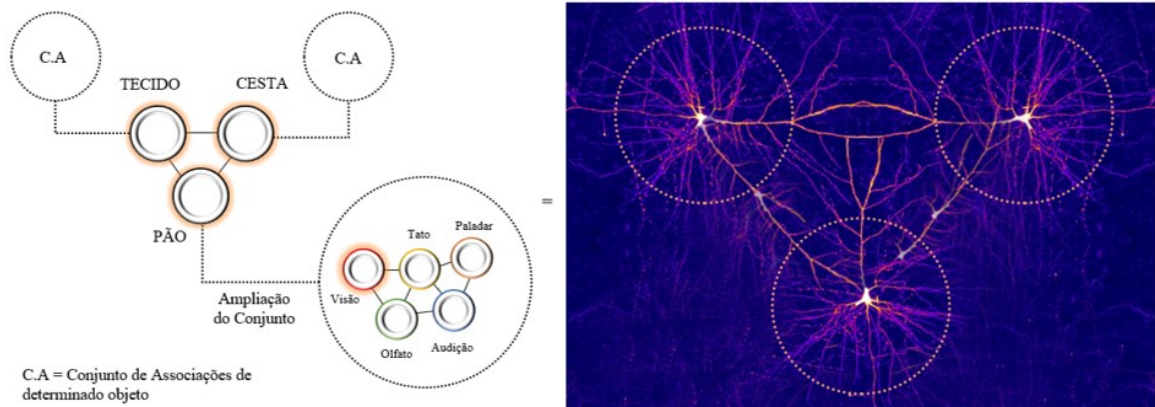


Imagem 38. Associações entre objetos. Fonte: Autora.

É basicamente este o movimento que nos permite olhar para a seguir e lembrar de pães.

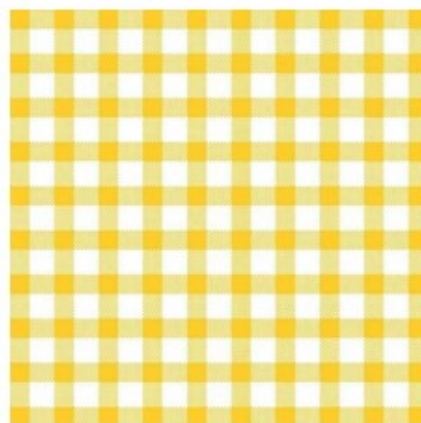


Imagem 39. O pano do pão. Fonte: Ateliê Ale Marques.

Principalmente, se você percebe esses dois objetos associados com mais frequência. É esse mesmo movimento o responsável por perceber determinado objeto e ser inundado por lembranças, que, por vezes, acreditamos surgirem “do nada”.

Vamos a um caso, a fim de elucidar melhor a situação.

Era uma vez Amarildo que resolveu, já no almoço, que iria jantar pizza (era sábado!). Ele pensou na propaganda que viu de uma dita pizza uruguaia. Ficou curioso, e como ele adora provar uma coisa nova, estava decidido. Alguns segundos depois, uma música inundou a sua mente: “A Tonga da Milonga do Kabuletê...🎵🎵.

O porém é que essa era uma daquelas músicas chiclete, que grudam na nossa cabeça e nos acompanham o dia inteiro! O que tornava a situação ainda pior é que Amarildo só lembrava do refrão. Até que chegou a noite, e ele resolveu abrir o app e pedir a pizza. O nome da Pizzaria? Milonga.

Coincidência? Eu acredito que não. Na verdade, essa é uma história real e aconteceu comigo mesma! Depois que li o nome da pizzaria, percebi o que o meu cérebro estava fazendo, que era, basicamente, disponibilizar-me a associação mais robusta que eu tinha sobre o termo Mironga. Detalhe que eu não lembrava do nome da pizzaria, mas o meu inconsciente parecia lembrar. Ah! Outra questão que aprendi lendo a música, é que eu cantava errado, porque o correto é: “A Tonga da Mironga do Kabuletê...🎵🎵. (vivendo e aprendendo).

Com base no que conversamos até aqui, falar de conceito repercute em compreender um movimento de extensão maior, que se relaciona a todas as associações feitas em simultâneo entre o objeto de foco e seu contexto (que é representado por outros objetos).

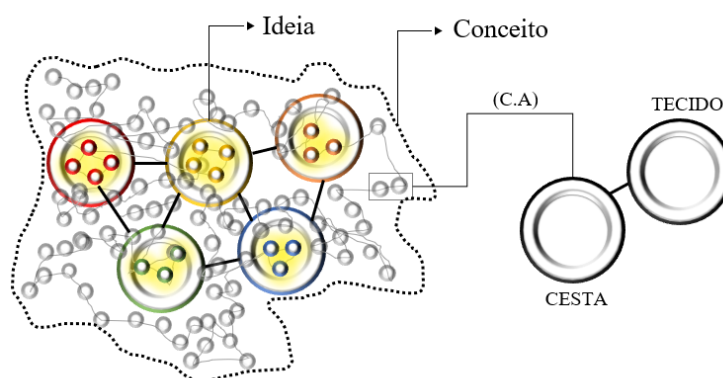


Imagem 40. Ideia e Conceito. Fonte: Autora.

Agora, uma observaçãozinha! Lembra do modelo padrão que definimos por aqui? Se apenas três conexões entre objetos já parece complexo, imagine o simples movimento que fazemos entre olhar um pão, pegá-lo e comê-lo. Tudo isso inserido em um contexto repleto de inúmeros objetos, que nos fornecem informações captadas pelo amplo sentido.

Na verdade, para termos uma noção do que estamos falando, estima-se que um cérebro humano tenha em torno de 100 bilhões de neurônios. Claro, nem todos eles são utilizados ao mesmo tempo. Mas, se em um simples movimento que dure alguns minutos utilizarmos 0,01% desses neurônios, isso já representa 10 milhões (tempo para contemplação).

É justamente por isso que criamos o modelo padrão, que basicamente representa o que fazemos o tempo todo, ou seja, focar e compreender uma parte, e aos poucos, ir juntando as pecinhas para montar um quebra-cabeça! Aproveitando o movimento, na sequência refletiremos sobre outro objeto de análise, que é justamente o que você está lendo agora!

2.7.1 Palavras... “apenas”

A palavra “palavra” deriva do latim e significa fala ou discurso. Podemos avaliar que um discurso é composto de palavras (assim mesmo, no plural) associadas, portanto, que uma palavra, apenas, não compõe um discurso. Assim como partículas isoladas não compõem uma ideia ou um conceito, muito menos, a matéria.

Falando em associação, podemos observar que a natureza do sistema cognitivo humano⁴², utilizou o método associativo de uma forma muito frutífera, quando dotado da capacidade de associar um som específico a ideia de algo. Falando em sons, você sabe o que é um som? Uma vibração que se propaga pelo ar transmitindo energia, em forma de onda. Dependendo da forma como você projeta o ar, posiciona a sua língua e articula a sua boca, você vai emitir um som específico (tente, basta ler em voz alta, prestando atenção nisso!).

Com o tempo, fomos percebendo que uma parte de nós pode controlar que som gostaríamos de emitir e foi compondo vibrações que passamos a construir as palavras. Uma palavra basicamente é um padrão de vibração. A Imagem 41, representa as partículas relacionadas ao som, que são acionadas quando um comprimento de onda específico ou um padrão de reverberação, nesse caso exemplificado pela palavra pão, é identificado⁴³.

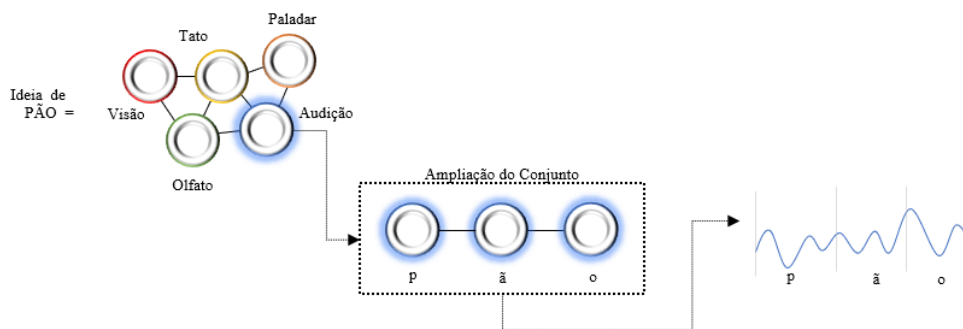


Imagem 41. Palavra. Fonte: Autora.

Quem veio primeiro: a palavra escrita ou a palavra falada? Primeiro você aprende a falar e depois, aprende a escrever (se é que aprende). Historicamente falando, a escrita surgiu muito depois da palavra falada. O mais curioso de observar é que ela se trata da codificação de um som para o espectro visual, e apesar da possibilidade de podermos ler sem abrir a boca, ainda assim, a palavra escrita gera um som “na nossa cabeça”.

Para os que não enxergam, também codificamos as palavras em texturas (tato). E para os que não ouvem, codificamos as palavras em gestos manuais (libra). E considero ser completamente viável codificarmos elas na linguagem dos cheiros ou em gostos, ou até mesmo

⁴² Eu considero como alta a possibilidade de que outros animais também sejam dotados desse movimento.

⁴³ O comprimento de onda representado é meramente figurativo.

em cores, ou qualquer coisa! O único porém, é que, se tratando de linguagem, fica muito mais fácil associarmos a ela algo que “controlamos”, como é o caso do som que emitimos com a boca ou os gestos de nossa mão!

Além de que, transformar as palavras em, por exemplo, cores, demandaria um tempo e uma energia considerável para aprimorarmos isso e a nossa natureza tem o costume de priorizar os padrões recorrentes. Ou seja, a não ser que enxerguemos em uma nova forma de linguagem, alguma relação indispensável para a nossa sobrevivência, a tendência é optar pelo que já está estabelecido (otimização) – é esse mesmo movimento que cria uma certa resistência a ideias novas e também a mudança, como já conversamos por aqui.

Sabe porque conseguiríamos transformar palavras em qualquer coisa? Porque uma palavra nada mais é que mais uma informação associada ao conceito de algo. E que, pela frequência de associação com esse algo, acaba se constituindo como parte da ideia.

Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, retrata bem esse movimento ao escrever “*O que é que há, pois, num nome? Aquilo que chamamos rosa, mesmo com outro nome, cheiraria igualmente bem*”. Por quê? Porque um nome é apenas mais uma informação acrescida a um conjunto maior que define o objeto.

A Imagem 42 retrata esse processo de codificação, com diferentes formas de linguagem. Curiosamente a palavra código deriva do latim e significa o ato de escrever, que também pode ser compreendido como o movimento que fazemos quando associamos uma palavra a um objeto, portanto, como uma espécie de correspondência.

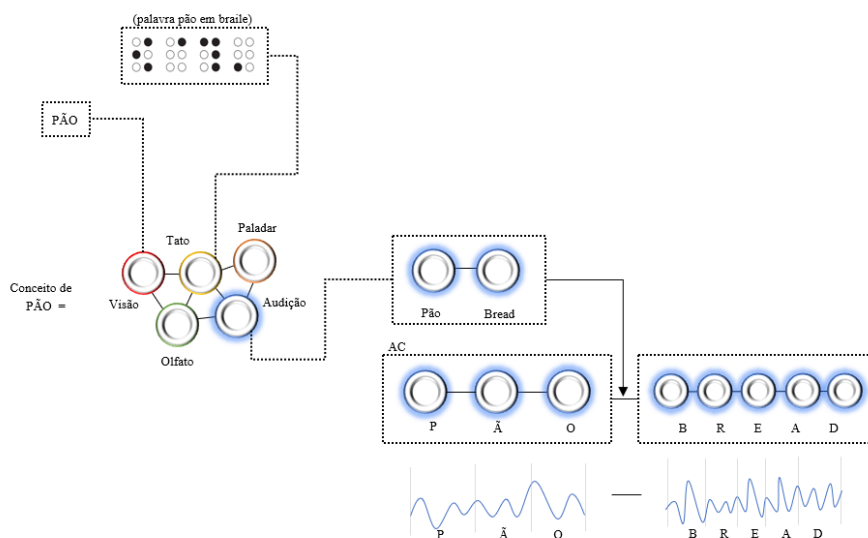


Imagem 42. Diferentes associações de linguagem. Fonte: Autora.

E como ficariam as palavras que significam a “mesma” coisa, mas com sons diferentes? O movimento que fazemos ao aprender uma palavra em outra língua é, basicamente, associar mais um conjunto de informações ao conceito que já temos estabelecido de um objeto. Resumindo, o que importa não é um som específico, mas a associação específica que atribuímos a ele.


Na Imagem 42, temos como exemplo a palavra pão em português e em inglês. Compreendendo melhor esse sistema, seria equivocado de nossa parte caracterizar tanto a ideia

como o conceito de um objeto com fixo ou imutável! Porque eles são iguais ao coração de uma boa mãe, sempre cabe mais um, ou melhor, mais partículas, mais associações!

Perceba que nesse caso, por mais que o padrão de reverberação mude, ou seja, que tenhamos sons diferentes em línguas diferentes, para dizer a “mesma” coisa, o que não muda é o movimento de associá-lo a uma estrutura conceitual específica.

Dica: quanto mais você repetir tal palavra, associando-a a um objeto, mais robustez entre partículas é criada, logo, mais fácil ela será lembrada. Além de que, quanto mais você estabelecer associações, por exemplo, lembrando da palavra nova bread (pão em inglês) toda vez que você ver, cheirar, comer ou, resumindo, perceber um pão, mais “enraizado” tornar-se-á o seu aprendizado, pois, mais associações você estará estabelecendo, tornando-a mais fácil de ser recordada.

Curiosidade: Esse mesmo movimento de codificar é que encontramos em qualquer tentativa de tradução e foi ele quem deixou a Pedra Roseta famosa, uma vez que ela forneceu a chave para decodificar os hieróglifos, por apresentar a correspondência entre as três línguas escritas, sendo que um deles era o grego antigo, uma língua compreendida na época.

Uma vez, eu li que um músico muito famoso, o qual não lembro o nome, ao tocar, codificada, propositalmente (e não de padrão sinestésico) os sons em cores. Poderíamos também criar a linguagem das cores. E dizer:  44!

Ok, eu reconheço que uma linguagem das cores, no sentido mais literal, poderia causar muito problema, além de que, talvez, começaríamos a ler coisas onde elas “não existem”! Também podemos considerar o quanto uma palavra não vem do “nada”, mas, sim, é originária de uma estrutura *a priori*. A etimologia, uma área do conhecimento que busca compreender a origem e a evolução das palavras, evidencia esse caminho que pode ser traduzido pelo movimento que fazemos por aqui, ao recuperar a origem dos termos e trabalhar com base em seu significado ou associação primária.

Foi tentando aplicar esse movimento que eu procurei cores específicas para compor os meus dizeres coloridos:

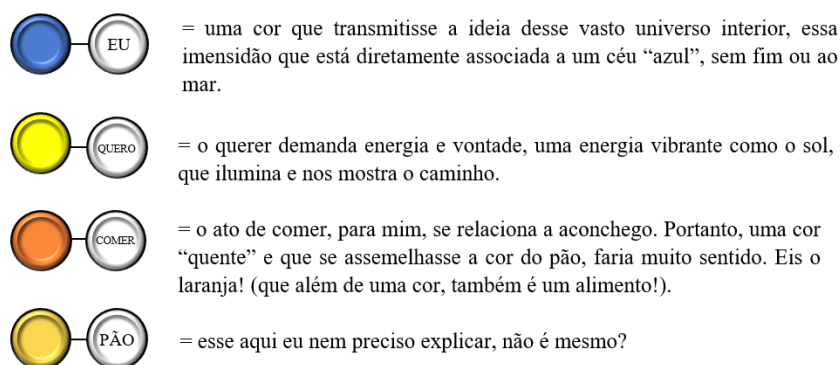


Imagem 43. Código das cores. Fonte: Autora.

Podemos observar, também, que tal associação com cores não é uma regra. Por exemplo, talvez, você associaria a palavra a uma cor diferente, dependendo da relação entre associações que você possui, derivadas de sua percepção, de seus receptores, de seu contexto!

Isso me faz lembrar de uma palestra que tive sobre “as cores”. A palestrante, segundo a mídia, uma especialista em cores, parecia estar muito confiante em sua teoria, ao alegar associações precisas sobre as cores. Aquela ideia de que azul acalma, amarelo energiza e assim segue (e eu lá, me remexendo na cadeira). Fizemos muito isso hoje em dia, ou seja, objetivar o subjetivo. É prático, facilita muita coisa, mas não chega nem perto de ser assertivo, a não ser que você tenha sorte.

Isso porque reconheço que há uma tendência associativa, mas não uma regra. Por exemplo, amarelo participa do conceito de sol, verão, luz e, sim, de algum modo isso também participa do conceito de energia (a gente até se movimenta mais no verão, salvo os sedentários). A própria mídia favorece essas associações e, quanto mais a gente perceber a cor amarela associada a ideia intrínseca de energia, mais ela se tornará robusta e será lembrada em primeiro plano.

Mas, se você mora em um local muito quente em que o sol extremo lhe deixa exausto e já lhe queimou várias vezes, talvez, amarelo não seja um sinônimo de energia para você. É por essas que acredito que uma boa teoria deve ir além da objetividade e contemplar a complexidade humana e sua subjetividade. Eis que chegamos a um ponto importante sobre a linguagem, ou seja, a sua subjetividade.

Pensemos na infinidade de associações que fazemos ao se relacionar com um objeto específico e que tais associações não se limitam ao objeto, mas as percepções do contexto associadas a ele. Portanto, o número de variáveis na percepção, das associações, se amplia consideravelmente. Acrescente a isso, os receptores de cada um, que como vimos, o amarelo que eu vejo provavelmente não seja idêntico ao amarelo que você vê, por mais que eles sigam um padrão, bem como as associações que eu tenho com a cor amarela, que também deverá variar.

O resultado só poderá ser subjetivo ou uma combinação única e própria de cada um, justamente, por depender de uma combinação exponencial de associações derivadas de tudo o que conversamos até aqui. Isso significa dizer que quando lermos “pão”, a palavra vai reverberar de uma forma única em cada cabecinha, apesar das semelhanças!

Talvez, você até mesmo já tenha se deparado com uma situação em que, na sua percepção, você teria deixado as instruções realmente claras e sem margens para interpretações e, quando você voltou para conferir o que havia sido feito, o resultado estava longe daquilo que você esperava (eu sou arquiteta e, acredite, isso é muito comum em obras, lá eu aprendi a amplitude da criatividade humana, porque é cada coisa que você realmente não imagina que possa acontecer!).

Percebi, com a consciência e os anos, que há várias formas de interpretar esses eventos. A primeira delas, e egocêntrica ao extremo, é considerar que sim, suas informações foram claras ou objetivas e quem não entendeu ou quem está errado é o receptor (relação vertical). Segunda, você pode se responsabilizar pela incapacidade de não ter deixado claro o suficiente a mensagem para aquela pessoa. E a terceira opção, e mais saudável, é aceitar o erro como um produto de ambos e dialogar mais, a fim de compreender melhor a compreensão de mundo de

seu receptor. Lição da história: o que parece óbvio para você, talvez, não pareça tão óbvio para outra pessoa (relação horizontal).

É por essas que, por mais que a linguagem careça de um elemento comum, que talvez possa ser chamado de objetivo e que o significado que atribuímos a ela possa ser definido por certos padrões e padronizado em certos dicionários, a compreensão em si é um campo muito mais profundo e derivativo das associações subjetivas.

Falando nisso, diante do que apresentamos até aqui, você já parou para refletir o poder que as palavras têm? Por exemplo, neste exato momento, ao ler o que eu escolhi que você leia, eu estou fazendo com que você crie novas associações em seu cérebro. Estou invocando pensamentos refletidos em imagens, sons, etc. E ousou dizer que, graças as minhas palavras, você nunca mais olhará um pão francês da mesma forma!

Poder! Palavras tem poder porque atuam como símbolos (palavra que deriva do latim e significa “colocar junto” ou “associar uma coisa à outra”). E o curioso é perceber que essa conexão acontece tanto de um ser humano com outro ser humano, como da palavra com algo muito “maior” – que nesse caso se trata da estrutura conceitual!

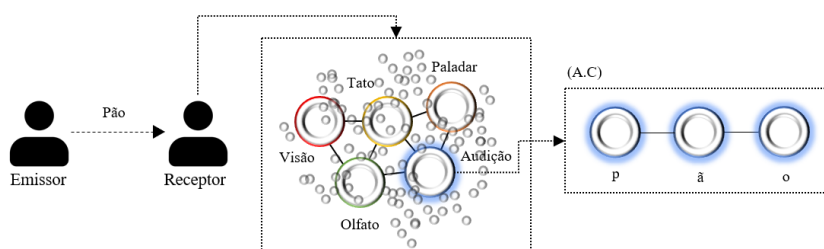


Imagem 44. Associações de um diálogo. Fonte: Autora.

Isso significa dizer que toda palavra é a materialização ou a representação de uma ideia que participa de um conceito, que como vimos, trata-se de uma estrutura ampla e interconectada, que não temos pleno acesso racionalmente.

Agora, tem mais uma questão e depois eu prometo que vamos para o próximo tópico (eu devo reconhecer que quando o assunto são palavras, eu me empolgo com as palavras!). A questão: parece-me que, quanto mais algo possuir valor para a nossa sobrevivência, maior será a nossa tendência em descrever com palavras o objeto.

Voltemos ao mundo das cores. Você sabia que a utilização da palavra azul⁴⁵ é relativamente nova? E, não, isso não tem a ver com uma certa incapacidade de reconhecer a cor, mas, sim, pelo fato de que na antiguidade não tínhamos muitas versões de azul vibrante na natureza, digamos, mais terrestre. A primeira sociedade datada, que possuiu um termo para a cor, foi a egípcia, justamente, porque eles conseguiam produzir corantes dessa tonalidade. Ou seja, encontravam a cor “por aí”, com mais frequência.

Aprofundando a ideia, o pesquisador Julio Davidoff (2016) e equipe desenvolveram um estudo sobre cores, com uma tribo da Namíbia, que não possuía em seu vocabulário nenhum termo para o azul. O teste consistiu em apresentar uma imagem contendo um quadrado azul e

⁴⁵ Você pode ler mais sobre nesta reportagem [aqui](#).

os demais quadrados verdes, e solicitar que os participantes reconhecessem a cor azul (Imagem 45).




Imagem 45. Teste das Cores. Fonte: BBC News.

O detalhe: para mim, que estou acostumada a reconhecer tais padrões, é quase que intuitivo, ou melhor, o azul está tão presente em minha rotina, que é quase impossível não reconhecer ele. No entanto, segundo os participantes da pesquisa, reconhecê-lo foi algo bem complicado, boa parte da tribo errou na identificação. O mais curioso aconteceu a seguir, ou seja, quando a tribo foi apresentada a Imagem 45, e teve que identificar o tom de verde que se diferenciava dos demais. Desafio você a fazer o mesmo!



Imagem 45. Teste das Cores, verdes. Fonte: BBC News.

Difícil, não? Eu demorei um pouco para reconhecer. Mas, a tribo não! (confira a resposta na nota de rodapé⁴⁶). Sabe por quê? Porque tons de verde é o que a tribo mais reconhece na floresta e, conseqüentemente, possui ampla terminologia para descrevê-los. Esse “mesmo” movimento foi identificado nos esquimós, que conseguem diferenciar mais tonalidades de branco, uma vez que conhecer as mudanças da neve pode ser fundamental para sobrevivência deles.



46

Agora, saindo do nosso maravilhoso mundo das cores, também podemos reconhecer o **movimento nominador**, nos pesquisadores, cuja tendência é dar nome a cada partezinha de seu objeto de estudo e, quanto mais o estudo se aprofunda, mais nomes a gente cria (é o que estou fazendo por aqui também). Exemplo da Imagem 46 que, antigamente, era apenas um neurônio.

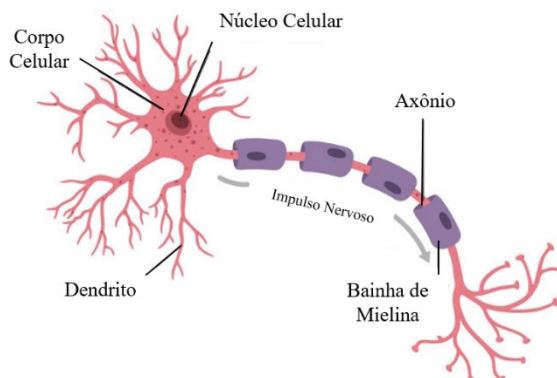


Imagem 46. Denominações das partes de um neurônio. Fonte: mundo educação.

*Observação a parte: É o “mesmo” movimento que me parece acontecer com o dito DSM ou um manual de referência para os transtornos mentais. Eu sempre me questiono: os transtornos estão aumentando? Ou somos nós que estamos nos aprofundando no assunto e criando novas categorias? Minha opinião? Uma mistura dos dois com muito mais incidência da segunda opção. O problema do DSM é que ele deveria ser uma **referência**, mas, com a nossa incoerente mania de objetivar tudo, acabamos fazendo dele a cama da Procusto e esquecendo de observar a subjetividade humana, e com isso, diminuindo agressivamente as chances de cura.*

Além disso, você já percebeu que não damos um nome próprio para a maioria dos objetos? Mas, costumamos nomear individualmente pessoas (nome e sobrenome!) e determinados animais (principalmente, com aqueles que possuímos um maior vínculo afetivo). Por que fazemos isso? Se, como vimos, nenhum pão francês é igual a outro pão francês?

Parece-me que o processo de dar nome envolve uma percepção de valor, ou seja, o quanto aquilo é importante para você (exemplo das pessoas que amamos), além do quanto aquilo é importante para a sua sobrevivência (exemplo das cores, mas também dos nomes próprios em uma sociedade, que facilita a comunicação e organização do conjunto). Resumindo, quanto mais algo possuir valor, maior será a nossa tendência em estreitar o foco e nomear as variações.

Agora, pensemos no famoso caso do pão francês. Faria sentido investirmos tempo ao perceber pequenas variações entre eles e criar nomes específicos para elas? Ou até um nome próprio para cada pão? Por enquanto, não. Até porque, comeremos ele sendo um pouco maior ou menor, com uma cor levemente mais escura ou clara, não é mesmo? (a não ser que a cor seja verde e se trate de um mofo não comestível, cuidado!!!). Já variações maiores, conforme evidenciamos anteriormente, repercutirão em uma diferenciação por nome, como, por exemplo, o pão francês e o pão baguete.

Mas, perceba uma coisa. Quando eu digo “uma variação maior ou menor” isso repercute em observar uma certa relatividade. Uma variação de 1mm entre pães franceses, pode não ser nada, mas, uma variação de 1mm em um tumor no seu cérebro pode ser muita coisa. O que muda entre eles? O valor ou a importância que tal variação tem em nossa vida!

Maior ou menor possuem relação com a nossa noção de espaço - que como vimos - dependerá de uma referência (por exemplo, pela sua pequenez comparado aos demais planetas, Plutão deixou de ser considerado um planeta, mas, ainda assim, ele é gigante se comparado a um ser humano). Mas, segundo Einstein, não podemos conceber a noção de espaço sem o seu amigo tempo. No entanto, vimos que o espaço parece não fazer sentido para além da cognição humana (e possivelmente, de alguns outros animais), mas, e o tempo?

2.7.2 É tempo de compreender o Tempo!

Ana, mas se Einstein concebe as ideias de espaço e tempo juntas, como você pode tratar delas de modo separado? Simples, podemos fazer isso com tudo, aliás, é o que fazemos com tudo, ou seja, limitar, para poder compreender uma parte de algo que é muito “maior” e possivelmente interconectado. No final, eu vou juntar o que eu conseguir e espero que faça mais sentido para você.

De momento, o que precisamos compreender é: *“o que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem me pede, não sei!”*

(Santo Agostinho)

Eu gosto da sinceridade de Santo Agostinho, e tal alegação é de uma profundidade. Na verdade, poderíamos pensar até mesmo na seguinte ideia: eu sinto o que é o tempo, eu só não consigo traduzir em palavras. Acredito que as coisas complicam um pouco mais quando não conseguimos enxergar o tempo andando por ali, muito menos tocá-lo, ouvi-lo ou cheirá-lo. Acho que algo semelhante acontece com o espaço, então, podemos dizer que eles parecem ter algo em comum!

Mas, o que diz a etimologia? A palavra tempo deriva do latim e significa divisão em instantes. Exemplificando o movimento, é como se pegássemos uma linha e cortássemos ela em pedaços, denominando cada pedaço com um número. Opa, mas, pera aí: olha só o que o meu cérebro acabou de me fornecer como ideia de tempo, mais uma vez⁴⁷? Uma linha, que basicamente também pode ser compreendida como a união de dois pontos (mais uma semelhança com o espaço).

⁴⁷ Lembra que já passamos por essa ideia quando conversamos sobre o modelo de organização das partículas, em Associações.

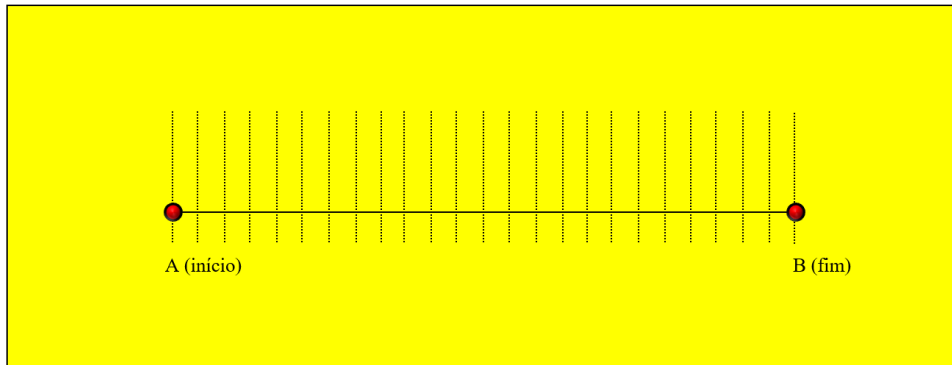


Imagem 47. Representação do Tempo. Fonte: Autora.

Podemos observar que é graças a delimitação que adota referenciais, que conseguimos medir, como vimos, o espaço e também o tempo. Isso porque, para que o tempo possa fazer sentido a nós, precisamos limitar onde algo começa e onde algo termina. E podemos, inclusive, trabalhar com a ideia que existem duas formas de tempo. Mas, para compreender isso, precisaremos ressuscitar a etimologia do tempo! Aliás, a geografia, vem comigo!

Um ano, ou 365 dias, é o tempo em que a Terra demora para dar uma volta completa em torno do sol (movimento de translação), esse é um exemplo da forma do **tempo entre objetos**: no plural, porque comparamos o movimento da terra (objeto um) com a rota padrão que ela efetua em torno do sol (objeto dois).

Movimento de Translação = Tempo entre Objetos

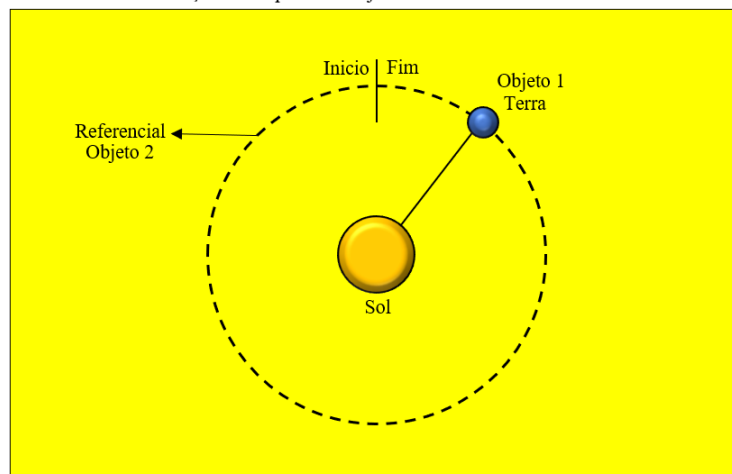


Imagem 48. Tempo entre objetos. Fonte: Autora.

Observe que nesse caso, para criarmos uma noção de tempo, precisamos determinar um objeto fixo (a rota padrão representada pelo objeto 2), e um objeto móvel ou que se movimenta quando observada a sua relação de deslocamento com relação ao objeto fixo. Eis o tempo entre objetos.

Já um dia ou 24h (mais precisamente, 23h, 56min. e 47s) é o tempo que a Terra demora para realizar uma volta sobre o próprio eixo, igual o gira-gira faz (movimento de rotação). A essa forma de tempo, chamaremos do **tempo do objeto**, porque o referencial é o movimento que acontece adotando como referência o próprio objeto.

Movimento de Translação - Tempo do Objeto

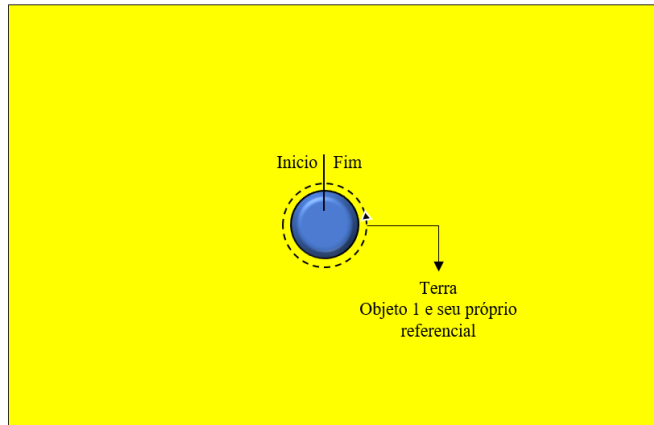


Imagem 49. Tempo do objeto. Fonte: Autora.

Esses são os nossos referenciais “fixos”, ou melhor, as nossas convenções para o tempo⁴⁸. No momento em que eu escrevo esta teoria eu tenho 31 anos, ou seja, isso significa dizer que eu dei, junto com a minha amiga Terra, 31 voltas completas em torno do sol! (sem ficar tonta!) E 11.315 voltas com a Terra em torno dela mesma, com as devidas correções de tempo porque esse número já não é mais o mesmo toda vez que releio isso aqui!

O que eu gostaria que você notasse é que essa contagem só é possível graças ao fato de estipularmos um início e um fim (referencial fixo), mas também graças ao fato de existir movimento. Se a terra não se movimentasse, não seria possível utilizar ela como o seu próprio referencial de tempo. É por essas que a expressão “congelar o tempo” repercute em pensar em algo imobilizado, parado!

Como vimos, na etimologia, o tempo é uma divisão. Mas, uma divisão que acontece graças a delimitação do espaço (início e fim) e ao deslocamento em torno de um referencial. Nesse caso, o que costumamos fazer é transformar o movimento que fazemos em torno do próprio eixo em uma linha (com início e fim), divido-a! A Imagem 50 visa retratar esse movimento.

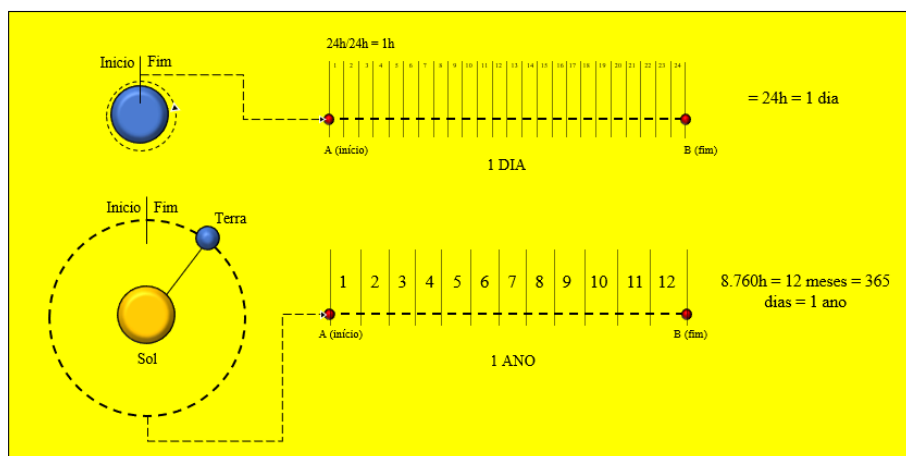


Imagem 50. Do círculo a linha do tempo. Fonte: Autora.

⁴⁸ Mas, nem sempre foi assim. Por exemplo, ao ler alguns trechos da Bíblia, deparei-me com dizeres como “E a pessoa tal morreu com 130 anos...” (e o que dizer de Matuzalém?). Na sequência, as perguntas que me incorriam eram duas: ou a gente estava regredindo com o tempo, por mais que a expectativa de vida tenha aumentado, ou o referencial da contagem do tempo, naquele tempo, era outra (eu fico com essa opção e você?).

Agora, vejamos um exemplo do tempo entre objetos, aplicado diretamente a nossa vida. Dá uma espiada no Amarildo indo comprar pão!

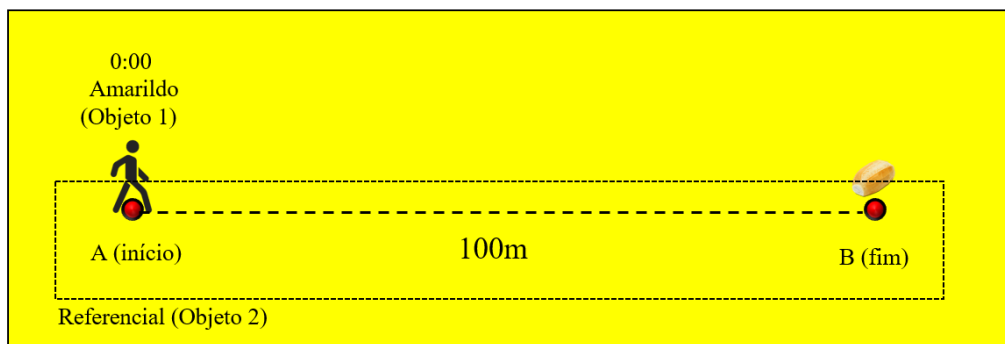


Imagem 51. Amarildo indo comprar pão. Fonte: Autora.

Amarildo estava com fome e, portanto, foi correndo comprar pão, ele tinha recém descoberto a função “cronometro”, em seu celular, e resolveu cronometrar o tempo do seu deslocamento: 10 minutos. Três dias depois, o estoque de pão de Amarildo tinha terminado, e lá vai ele novamente comprar pão. Dessa vez, estava sem fome, portanto, não foi correndo, e resolveu cronometrar: 20 minutos. O que Amarildo concluiu? Que a fome acelera o tempo! (brincadeira).

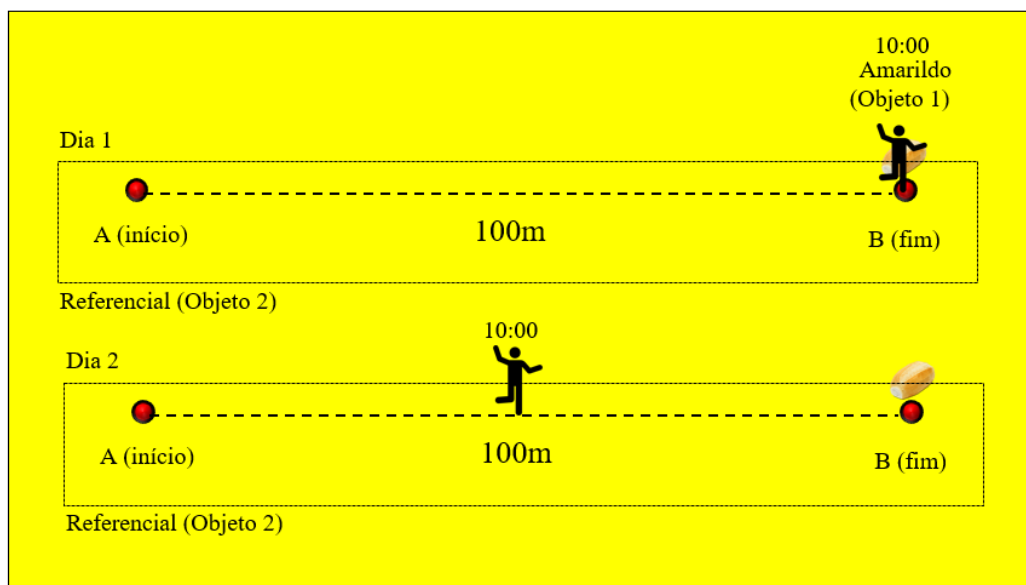


Imagem 52. Amarildo indo comprar pão em dois dias. Fonte: Autora.

O que podemos observar, com o exemplo de Amarildo, é que quanto mais rápido ou com maior velocidade ele fizer determinado percurso, menor será o tempo. Isso é o mesmo que dizer que, no caso 1, Amarildo fez, em média, 10m a cada 1min; e, no caso 2, ele demorou o dobro de tempo para percorrer o mesmo espaço, ou seja: 10m a cada 2min (espaço/tempo) = velocidade. Também podemos compreender que Amarildo gastou 0,69⁴⁹% do seu dia indo comprar pão no caso 1 e 1,38% do seu dia, no segundo caso.

⁴⁹ 24h * 60min = 1440 min. 1440 = 100% e 10 = x

Traduzindo isso em fórmulas e unidade de medidas ($v_m = md/mt$) teríamos: $1 - 0,16m/s$ e no caso dois a metade, ou seja, $0,08 m/s$. Ou seja, no caso 1, Amarildo fez $0,16m$ a cada 1 segundo ($0,16 m/s$), enquanto que no caso 2 ele fez apenas $0,08m$ a cada 1 segundo ($0,08 m/s$). Resumindo, quanto maior a velocidade, menor o tempo (pare um pouco para perceber, principalmente se você for um professor de física, que a primeira forma de apresentar, faz muito mais sentido para a vida da pessoa, que a segunda opção, além de ser mais fácil de compreender).

Nesse caso podemos observar que o objeto um e referencial fixo é o espaço (a linha entre A e B), e o que avaliamos é o deslocamento que Amarildo (objeto dois) faz, com base no referencial. Mas, Amarildo é um cara que não para quieto! Vamos ver aonde ele foi se meter dessa vez!

Amarildo foi convidado a viajar para o espaço (ele hesitou um pouco, depois que descobriu que não poderia comer pão por lá, mas, mesmo assim, considerou que o esforço valeria a pena para a humanidade e resolveu se aventurar – na verdade, ele aceitou quando soube que havia uma pasta de pão espremida fornecida em um tubo de alumínio!); Enquanto a sua amiga, da mesma idade, data e hora de nascimento, ficou na Terra (passando saudade, porque no “espaço” o Whats nem funcionava!). Segundo o que disseram, utilizando como base a teoria da relatividade, o tempo passaria mais devagar para Amarildo, que está no espaço, do que para o seu amigo, na Terra, porque Amarildo está se deslocando em uma velocidade muito maior.

Essa afirmação só estará adequada, se usarmos o mesmo referencial que temos para o tempo, ou seja, o movimento de rotação em torno do sol. Se, por exemplo, a Amarildo fizer o mesmo percurso da Terra, mas, mais rápido que ela, é óbvio que ele fará em menos tempo (qualquer comparação sem o mesmo referencial é injusta!).

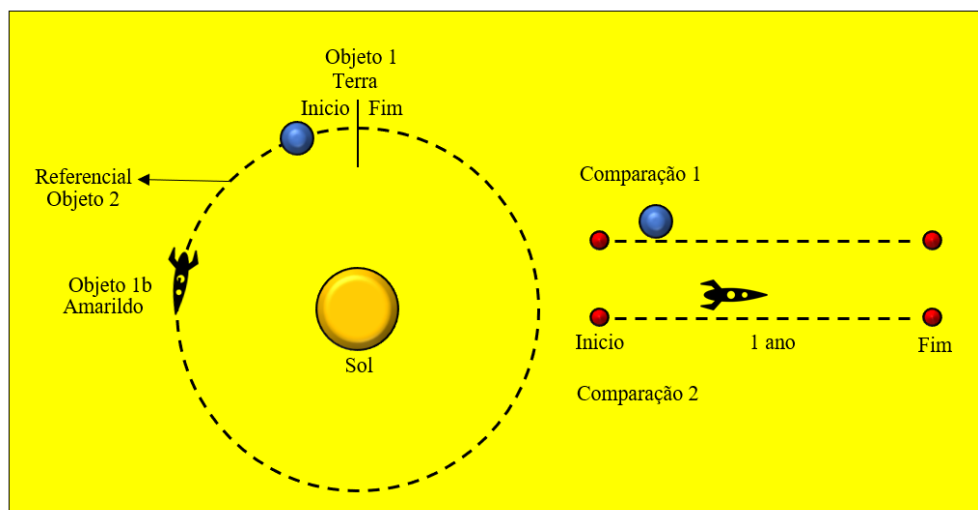


Imagem 53. Amarildo x a Terra. Fonte: Autora.

Mas, isso não significa que Amarildo vai voltar mais jovem, sabe por quê? Porque o tempo de Amarildo só pode ser comparado com ele mesmo – assim como comparamos o movimento da terra com ela mesma! Agora, vamos nos ater ao tempo de Amarildo, voltando para a Terra! Mas antes, uma pergunta: como costumamos representar o tempo de vida de uma pessoa? (Aham, lá vem a linha de novo).

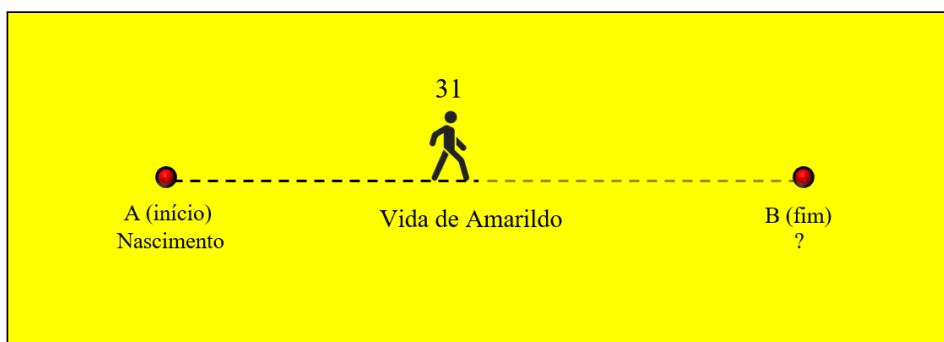


Imagem 54. Tempo de vida de Amarildo. Fonte: Autora.

Começamos a contar a nossa vida a partir do momento que nascemos, e paramos a contagem quando morremos. Essa contagem acontece com base em nós mesmos – ou seja, não adotamos a data em que a sua mãe nasceu, para contar a sua idade. Mas, como isso acontece? A primeira observação é não, a nossa referência não é o giro que damos em torno de nosso eixo, mas sim, em comparação com os movimentos, aqui compreendidos como mudanças, que acontecem, previstos, nos padrões próprios do ser humano, conforme visa representar a Imagem 55.

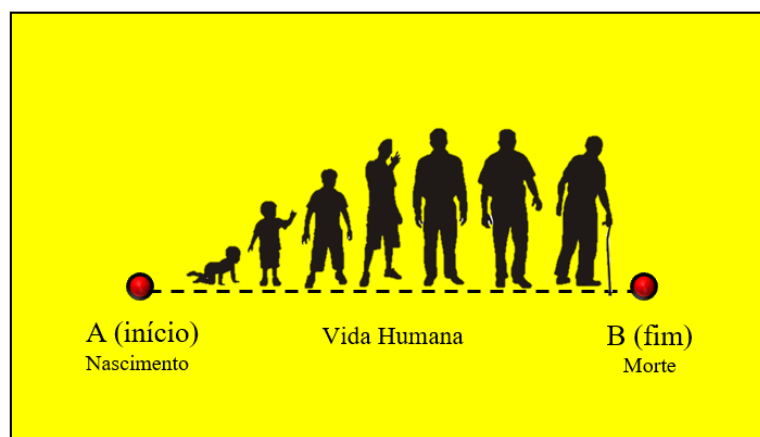


Imagem 55. Padrões do desenvolvimento humano. Fonte: Autora.

Dentro dessa delimitação, estão contidas todas as mudanças que acontecem naturalmente com um ser humano. E a gente percebe que está envelhecendo, quando comparamos que o que somos (presente), não é o mesmo que o que fomos (passado, o nosso referencial fixo). Falando nisso, você já percebeu como as crianças parecem evoluir mais rápido ou em menos tempo? Acredito que essa sensação seja decorrente das mudanças fisiológicas que são mais visíveis ou significativas nos primeiros anos de vida (por mais que o tempo seja “o mesmo”).

Apesar de começarmos a contar o nosso tempo de vida, depois do nascimento. Estipular quando uma vida começa não é algo nada fácil. Por exemplo, a sua vida começa quando você nasce, ou quando você foi fecundado? Bem, caso você escolheu como resposta a segunda opção, pode acrescentar o tempo que você ficou na barriga da sua mãe aos seus anos! (isso não vai mudar em nada a sua fisiologia, mas, no nosso tempo de contagem e, portanto, idade, sim).

E agora, entramos em um problema de séculos, ou seja, quando as coisas começam? Bem, acho que começar pelo começo é um pouco complicado, não é mesmo? Por outro lado, parece-me que definir onde as coisas terminam acaba sendo mais fácil, então, vamos começar pelo fim!

Pegue um pão de sua preferência (você pode alegar, caso possuir acompanhamento de um nutricionista, que se trata de um experimento científico de enorme valor!), agora sente-se e olhe para ele. Depois disso, simplesmente, coma-o. Fim. “É assim que o pão acaba”, parafraseando um livro famoso que tem por aí. Mas, por mais óbvio que isso possa parecer, examinemos a fundo o que aconteceu aqui, além do seu processo digestivo!

Podemos pensar no fato de costumarmos dizer que algo termina, quando o conjunto de padrões que temos para designar determinado objeto se desfaz. Por exemplo, o fato de você comer o pão, transformando-o em algo completamente diferente da ideia que possuímos de pão ou de seus padrões, repercute em dizer que ele terminou.

Agora, quando estipulamos limites, a gente sempre pode complicar. Por exemplo, um pão termina quando você mastiga ele? Ou quando ele chega em seu estômago para ser digerido? Seja lá onde você desejar colocar o fim do pão, o que fica claro, é que o padrão visual, nesse caso, tem grande importância na delimitação do fim.

Mas, nem só de visão vive o homem! Podemos pensar em um ruído ou em um estímulo auditivo desagradável! (podemos fazer esse exercício com todos os “sentidos”, também). Quando costumamos dizer que um ruído termina? Quando aquele padrão de sonoridade cessa. E quando costumamos dizer que um ruído começa? Quando um padrão de sonoridade diferente do vigente, e desagradável aos ouvidos, começa.

Opa, falamos de começo, então?! Onde o pão começa? É na mistura da receita? É nele assando no forninho? Ou quando sai quentinho e pronto para comer? É difícil de dizer, não é mesmo? A gente até pode pensar, por exemplo, se uma semente de árvore recém fecundada na terra é uma árvore? Um embrião fecundado é um ser humano? Pelo que eu entendi de Aristóteles, tal situação se trata de um ato em potencial, ou seja, que ele pode vir a ser, está programado ou designado para ser, mas ainda não é!

Mas calma! A gente pode considerar que um embrião humano é um ser humano, se estendermos os limites desses padrões e delimitarmos como início, o momento da fecundação, conforme já mencionamos. O mais intrigante é pensar que sem um espermatozoide você não seria você, e muito menos sem o óvulo da sua mãe. Se a sua mãe ou o seu pai não existisse, você não existiria... encurtando a história, se um único sequer de seus ancestrais deixasse de existir, incluso as derivações mais primitivas, você não existiria. Então, poderíamos pensar que a possibilidade de você estar vivo começa muito antes de você? (tempo para reflexão).

Sobre essa questão, você já deve ter assistido em algum filme, a representação da ideia de que, se conseguíssemos voltar no tempo, a sua presença seria perturbadora (e se você matasse alguém de sua linhagem, por lógica, você deixaria de existir), é o que chamamos de paradoxo temporal. Falando nisso, a gente vive alucinado pela ideia de voltar no tempo ou acelerar ele, não é mesmo? E eu diria que isso seria possível, se, e somente se, conseguíssemos rearranjar os padrões anteriores, incluindo todas as variáveis envolvidas, ou seja, tudo! Em outras palavras, para voltar no tempo, precisamos voltar o movimento de um universo inteiro, porque tudo parece estar conectado.

A gente também poderia se tele transportar, se conseguíssemos transformar as nossas partículas em ondas, encaminhando-as para outro local, convertendo-as novamente em partículas, mantendo o padrão (o mais próximo que chegamos da ideia é uma impressora 3D). O problema, se tratando de organismos, é que quando o conjunto se desfaz, ainda é difícil de refazer de tal modo que ele volte inteiro a ainda se movimente!

Agora, a nossa pergunta de praxe, ou seja: mas, o que isso tudo tem a ver com o nosso pensamento? Bem, esqueça os números, as histórias, os exemplos, tudo o que precisamos entender sobre o tempo para aplicá-lo ao pensamento, é que ele significa duração, ou o tempo que medeia entre o início e o fim de um padrão! Em outras palavras, é o tempo que determinado circuito permanece acionado em nosso cérebro (Imagem 56).

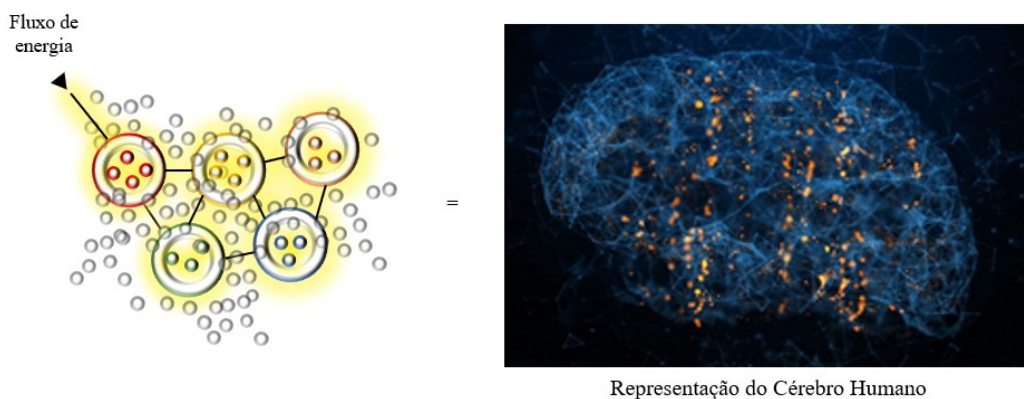


Imagem 56. Modelo Padrão, Tempo. Fonte: Autora.

E sabe o que mais, é graças ao tempo, que conseguimos alternar o foco do pensamento! Com base no exposto até aqui, podemos pensar que:

“O tempo e o espaço são modos pelos quais pensamos e não condições nas quais vivemos”.

(frase que dizem ser do próprio Albert Einstein)

Agora, você lembra que alegamos por aqui que o espaço é um produto da conformação do sistema cognitivo humano? O que poderíamos dizer do tempo? A “mesma” coisa. Ou seja, quando transcende a experiência humana, quando relativo ao “todo” ou ao “universo”, podemos dizer que a ideia de tempo também parece não fazer sentido, pois, sem objetos, ou seja, delimitações impostas pela nossa forma de pensar, parece-me não haver como fundamentar o tempo – ao menos não o tempo aqui investigado.

É por essas que eu considero equivocadas as teorias que procuram estipular o início do universo, um limite, para algo ilimitado. O *big bang*, por exemplo, representa a nossa forma de conceber o mundo, fundamentada nos nossos marcos espaço-temporais, influenciando equivocadamente em nossas conclusões sobre algo que transcende a nossa experiência. Vejamos os que os números têm a dizer sobre isso!

2.8 Números (“o que é, o que são, o que dizem sobre você?”⁵⁰)

Assim como a escrita, podemos dizer que os números também possuem o papel de organizar e facilitar as coisas. Mas, eles fazem parte de um processo um pouquinho diferente. Isso porque, costumamos a utilizar um conjunto de letras para representar a ideia de algo e um número para quantificar esse algo. A palavra quantidade deriva do latim e significa “tamanho ou extensão relativos”, que, como vimos, deriva do movimento de estabelecer limites para um objeto, assim como a palavra “número” derivada do grego “*nemein*” que significa dividir, dar a cada um o que lhe toca.

Por isso possuímos a tendência de pensar que os números são universais, porque podemos aplicar eles a qualquer objeto, ao estabelecer os seus limites. Mas, na verdade, o que é universal para o humano é a nossa noção espaço-temporal, que por sua vez segue uma lógica. E assim como as relações que estabelecemos para o tempo e espaço podem variar culturalmente, os números e suas relações também.

Por exemplo, o Povo Pirahã, aqui mesmo do Brasil, não possui palavras ou símbolos que são designados para contar. Como eles fazem isso? Bem, segundo os pesquisadores (BBC, 2016), eles utilizam palavras como “muito” e “pouco” para se referir a quantidade. Esse não é um caso único, existem outras tribos, espalhadas pelo mundo, que também não utilizam o nosso sistema numérico.

Podemos avaliar que tanto o povo Pirahã quanto a nossa sociedade têm a capacidade de reconhecer quantidade, ou seja, ambos se referenciam pelo movimento de espacialidade (falamos dele em espaço, caso desejar rever o significado). A diferença é que nos aprofundamos nos limites impostos e eles possuem uma abordagem, digamos, mais genérica ou não tão detalhada (perceba que se trata do mesmo movimento nominador que elucidamos no teste das cores). Com base no exposto, podemos observar, na Imagem 57, as diferentes delimitações culturais que fazemos para nos referir a um objeto.

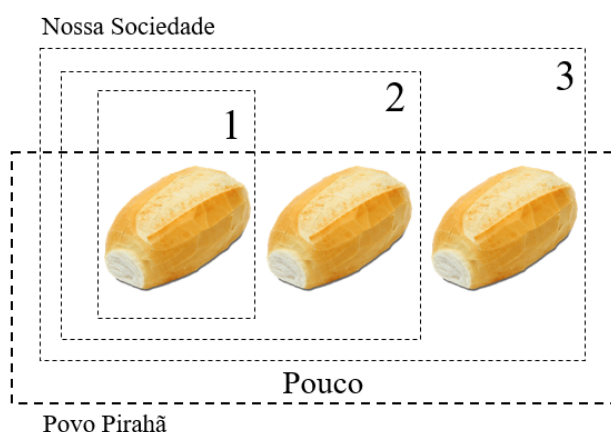


Imagem 57. Quantidade. Fonte: Autora.

O mais curioso de pensar, é o quanto faz sentido estabelecer, com maior precisão, os limites de um objeto, quando o comercializamos, porque para ser uma venda justa, a pessoa precisa entender o que está comprando! Por exemplo, não tem como comprar um terreno, sem

⁵⁰ [“Essa não é a sua vida”](#) – Papas da Língua

demarcar os seus limites! (a não ser que esse terreno for no céu e que estivéssemos na Idade Média – triste!!!).

De minha hipótese, é por isso que a nossa sociedade, delimita determinados objetos com maior precisão. Por que reconhecer os limites dos objetos e comercializá-lo, são movimentos que fazem parte do nosso meio de sobrevivência. Mas, para algumas tribos que ainda mantém um contato direto com o meio natural, as coisas não parecem ser bem assim. Porque talvez, os seus habitantes consigam sentir com maior acuidade que tudo está conectado. Por isso, a ideia de um, como elemento isolado, parece não fazer sentido algum!

E aqui eu gostaria de fazer uma ressalva. Não estou querendo dizer quem é melhor ou pior nessa história, não se trata disso. Podemos enxergar grandes feitos da nossa sociedade, graças a invenção da matemática, como o avanço tecnológico, que aprimora a nossa qualidade ou ao menos a nossa expectativa de vida, e nisso também incluímos os objetos que criamos. E há os efeitos catastróficos, como é o caso dos cálculos que levaram a criação da bomba atômica e tantos outros produtos humanos nocivos a nós e ao meio, sem mencionar a exploração desenfreada e inconsciente da natureza.

O “mesmo” raciocínio vale para o povo Pirahã, que muito provavelmente, deve possuir aspectos aprimorados e menos aprimorados, os quais não me cabe falar, pois, eu precisaria ter um conhecimento ou até mesmo uma vivência maior com eles.

Podemos refletir também em como o sistema numérico decimal parece ser o reflexo de uma das formas da organização do pensamento. Lembra da linha? Sim, lá vem ela novamente: 1, 2, 3 pães... A numeração nos moldes que conhecemos retrata uma certa linearidade, que além de demarcar um limite espaço-temporal, como vimos, estabelecido no próprio objeto, também demarca um limite espaço-temporal, que se estabelece com base no movimento de contar, conforme evidencia a Imagem 58.

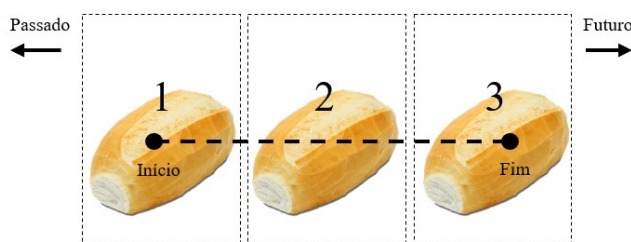


Imagem 58. Contagem. Fonte: Autora.

Por exemplo, demarcamos o início da temporalidade na esquerda, com o número 1 seguido pelo 2 e 3. De tal modo que reflita o início e o fim da contagem, que por sua vez deriva de nossas convenções temporais que estabelecem que o passado se situa atrás ou na esquerda, o presente como ato, e o futuro à frente, ou na direita. Também se observa que na contagem está implicado o movimento lógico, que estabelece na convenção da sequência, os únicos “encaixes”, lógicos, possíveis. Por exemplo, o um é seguido do dois, e não de qualquer outro número – a não ser que a convenção seja alterada.

Mas, como vimos no capítulo “Tendência associativa”, dependendo da civilização em que você faz parte, isso não é uma regra, ou seja, existem outras formas de se relacionar com o tempo e o espaço, e a variação dos parâmetros para estabelecer quantidade parece colaborar com essa ideia.

Há outros segredos contidos nos números deveras interessantes, por exemplo, pare um pouco e comece a contar e observe! (vamos lá!). Você também começou do 1 seguiu com o 2,3,4,5 e segue? (quase todo mundo esquece do zero – o mais importante!). Você consegue me dizer quando exatamente o 1 vira 2? Parece óbvio, ele vem logo depois do 1, não é mesmo? Por exemplo, 1,2,3.

Acredito que, se formos observar mais de perto, perceberemos que o que faz com que um número se “transforme” em outro é a mudança que acompanha o movimento. Que também pode ser compreendida como perceber que o que foi, ou o padrão que ali estava, já não é mais o que é. E tal percepção só é possível, quando estipularmos os seus limites, ou seja, na teoria, dizer até onde vai o 1 e onde começa o 2, conforme representa a Imagem 59.

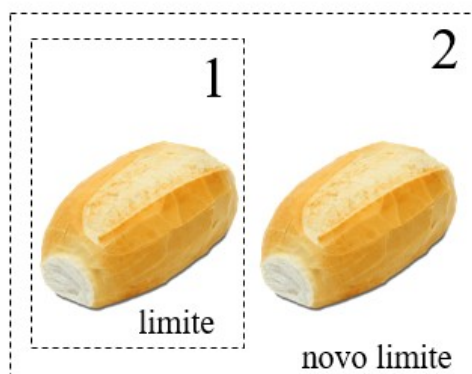


Imagem 59. Associação entre números e limites estabelecidos. Fonte: Autora.

Note que está contido em nosso sistema numérico tal noção de escala, que permite diminuir o foco, ampliando a precisão, bem como o contrário, dependendo da necessidade de análise. A Imagem 60 visa retratar os limites flexíveis de um número de acordo com a escala avaliada.

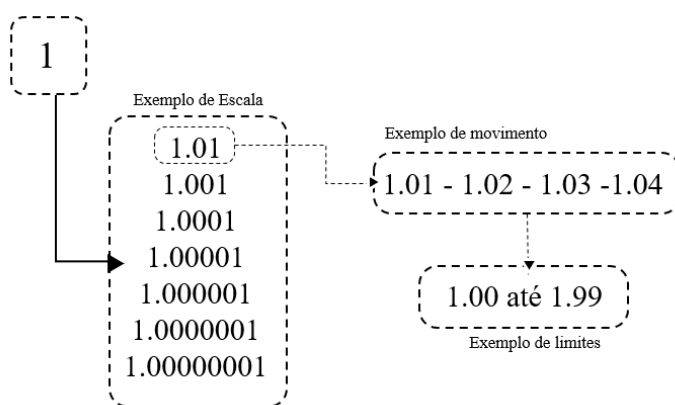


Imagem 60. Os limites flexíveis de um número. Fonte: Autora.

Isso me faz lembrar um vídeo recente que assisti sobre a teoria de que, o universo, está criando mais dele mesmo, e assim, expandindo. Se formos aplicar a representação proposta de hierarquia, nesta teoria, aos números, ela traduziria exatamente isso:

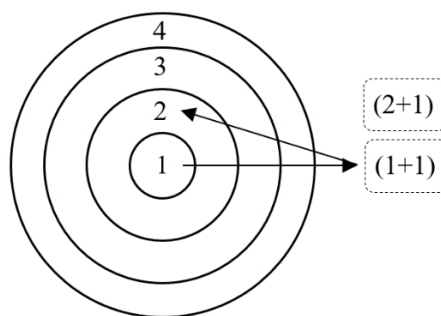


Imagem 61. Movimento de expansão. Fonte: Autora.

Ou seja, é mais dele mesmo! Se eu acredito nessa teoria de expansão? Confesso que precisaria pensar mais a respeito, mas, aparentemente parece-me que o que está acontecendo aqui é a interferência de nossas limitações cognitivas em nossos juízos sobre algo que transcende a nós. Diante do exposto eu diria que não, o universo não está expandindo, não se na ideia de universo está contido “tudo” o que existe, porque nesse caso ela parece esbarrar em uma incoerência lógica. Por exemplo, imagine que o universo é um balão e este balão está expandindo, conforme representa a Imagem 62.

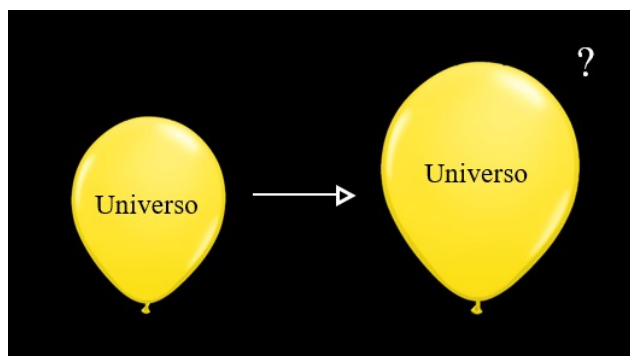


Imagem 62. Movimento de expansão contestado. Fonte: Autora.

Dentro das limitações espaço-temporais, se ele expande, expande no espaço, e se o universo é tudo, não podemos dizer que o universo é o balão, pois, ele também deveria ser a condição de possibilidade da expansão, ou seja, o espaço, a parte além do balão representada na Imagem 62 pela cor preta. Se considerarmos essa parte “além”, fica difícil de alegar que ele está expandindo, porque aqui o universo já deixou de ser apenas o balão. Em outras palavras, em uma teoria como a que defendo, que concebe o “universo” como algo ilimitado, não se sustenta uma projeção de limites e sem um referencial fica difícil de conceber a ideia de expansão.

E para finalizar, também podemos elucidar como alguns símbolos matemáticos parecem ser representações de movimentos *a priori*, assim como a própria matemática. Por exemplo, o símbolo de subtração se parece com uma linha, ou seja, parece representar a nossa noção espaço-temporal fundamentada em limites. Inclusive, também podemos dizer que subtrair é diminuir os limites!

Já o símbolo de divisão, parece ser um traço em 45° que é colocado entre o limite, fazendo com que um número vire dois números menores (maior e menor são noções espaço-

temporais). O mais curioso de perceber, é que mesmo assim, o 1 se transforma 2. Ou seja, é o que acontece com o símbolo de adição, que é composto por dois traços.

Já a multiplicação também parece derivar do símbolo anterior, nesse caso, adição, mas também recebe o ângulo de 45° graus, que dá a ideia de maior velocidade. Tudo isso está representado na Imagem 63. Resumindo bastante, repassamos a nossa matemática as noções espaço-temporais contidas no modo de funcionamento do nosso sistema cognitivo, e que aplicamos, o tempo todo, a tudo, sem, por vezes, perceber!

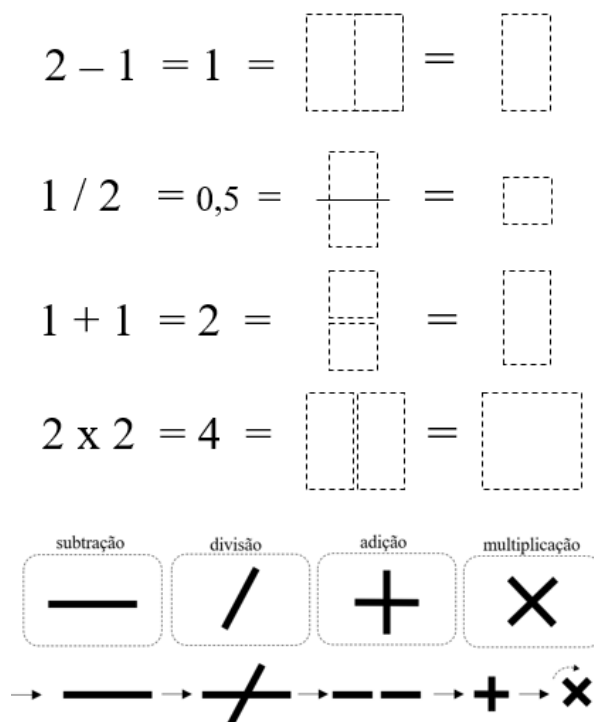


Imagem 63. O movimento dos sinais. Fonte: Autora.

Uma observação. Se eu acredito que esses símbolos matemáticos foram criados tendo clareza dessas relações? Não. Em verdade, tal exercício visa refletir em como a própria matemática é espelhada nos movimentos que elucidamos no decorrer desta teoria, aparentemente, de forma intuitiva. Existe também a possibilidade do meu cérebro, criativamente, estar encontrando sentido entre os símbolos matemáticos e a teoria. Por isso faz sentido, mas, talvez, não faça sentido! Mas, o que seria fazer sentido?

2.9 Senti(n)do o caminho.

“Direis agora: Treloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem, quando estão contigo?”

(Olavo Bilac – Ora direis ouvir estrelas)

A palavra sentido deriva do latim *sensus*, que significa “sensação ou percepção”, ela também pode significar direção. E eu iria um pouco além, ao alegar que os principais sentidos

da palavra sentido, parecem convergir para um mesmo sentido! Mas, isso não é uma regra e o sentido das palavras varia, de acordo com as variáveis! (Os poetas sabem se divertir com esse joguinho muito bem!).

Podemos definir as variáveis como o contexto em que a ideia está inserida e na escrita, como vimos, as ideias são simbolizadas por palavras. Por exemplo, pense em um pão saudável! E aí, o que surgiu na sua cabeça? Talvez, um pão integral? Porque não foi o francês dessa vez? A pergunta que nos cabe agora é compreender como exatamente encontramos as nossas respostas! Ou como é que apesar da palavra pão ser uma só, ela aceita uma infinidade de pães, é claro, dependendo do contexto! E o que tudo isso tem a ver com o sentido?

Bem, podemos compreender uma frase como um conjunto de ideias que indicam uma direção para o nosso cérebro. Sentido nesse caso, é literalmente, o percurso que a energia faz para podermos acessar informações e tal processo se inicia com o sentir. No caso das palavras, elas seguem uma ordem estabelecida pela própria escrita, e quando as lemos, espelhamos cada padrão que, como vimos, está associado a ideia de algo.

O movimento lógico da conta de estabelecer os encaixes possíveis. Por exemplo a frase “pense em um” já estabelece uma relação entre a ideia de pensar e a ideia de um, e portanto, não será comer ou dormir – será PENSAR - e nem mesmo dois ou três (não sei se fui muito feliz nesse exemplo, mas o que precisa ficar claro aqui é que as palavras atendem determinados circuitos associados as ideias que foram estabelecidas).

Dando sequência a nossa frase: “pense em um ... pão”, podemos pensar que, talvez, se a frase terminasse aí, quem sabe o nosso querido pão francês surgisse na nossa cabeça como resposta. O porém, é que logo na sequência temos a associação do termo saudável! Uma ideia ampla, não tão bem delimitada para muitos e que não encontramos “andando” por aí, ou seja, não é “material”, o que dificulta um pouco as coisas... podemos dizer que se trata daqueles termos que a gente sente mais do que sabe expressar do que se trata!

Nesses casos entram em ação as associações que participam da ideia de saudável e pão que fizemos no decorrer da vida, por exemplo: ouvir pessoas de referência na área da saúde sugerindo a substituição de um pão francês por um pão integral; ler reportagens que associam o termo saúde aos alimentos integrais, dentre outros fatores que estabelecem tais relações e que acabam fortalecendo determinadas conexões.

Agora, vamos dar uma olhadinha nas imagens a fim ilustrar melhor essa hipótese e compreender a fundo como é que o pão integral surge! Imagine que quando você lê a palavra pão, duas luzes específicas são percebidas (1), espelhadas e associadas, (como vimos, dois é um número bem simplório e meramente representativo nesse caso, pois o arranjo de partículas parece ser algo bem maior. Na sequência, o percurso da energia segue até o conjunto de partículas com maior robustez, a ideia representada como a nossa forma padrão (2), associados a palavra pão, conforme evidencia a Imagem 64.

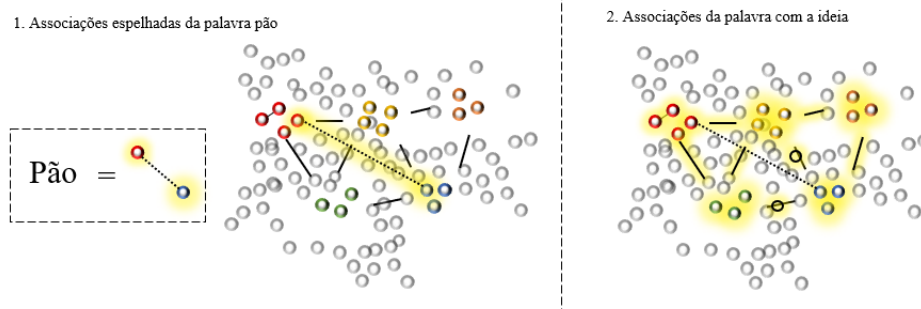


Imagem 64. Associações entre a palavra e a ideia de pão. Fonte: Autora.

Esse percurso de energia vai sendo ampliado de acordo com o contexto imediato, representado como a palavra que segue e se associa a palavra pão (1), ou seja, saudável; e o movimento de espelhamento se repete, agora, acessando a ideia de saudável (2).

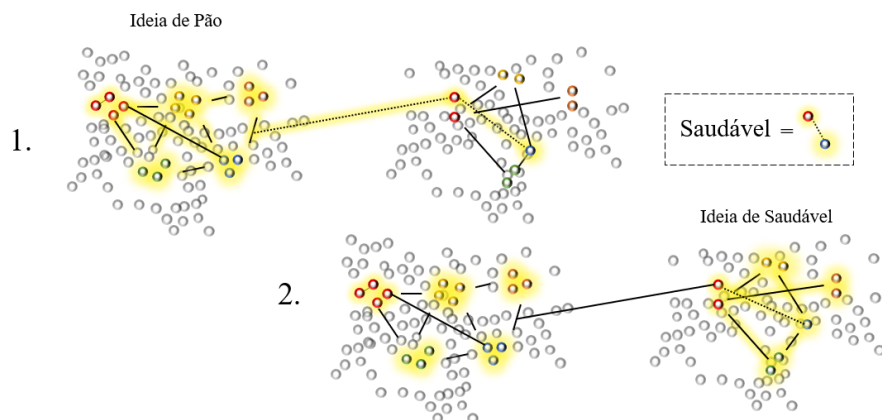


Imagem 65. Associações entre a ideia de pão e saudável. Fonte: Autora.

É válido fazer mais uma ressalva: o caminho para o fluxo de energia não é algo único e linear, acredito que esteja mais para uma ramificação de caminhos que são preenchidos ao mesmo tempo, assim como as raízes de uma árvore são nutridas. Nas Imagens, representamos apenas como uma linha por uma questão didática, mas, o ideal mesmo é imaginar todos esses pontinhos repletos de linhas, conectando-os.

A pergunta que nos cabe agora é: como exatamente chegamos à resposta de um pão integral? Parece-me que a derivação de movimento se repete, mas agora, revelando a forma que reúne o maior número de partículas associadas as ideias representadas pelas palavras pão e saudável. Acredito que a maneira mais simples de compreender esse movimento seria algo assim:

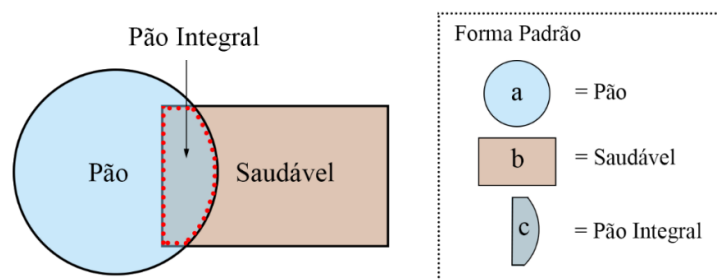


Imagem 66. Relação formal simplificada. Fonte: Autora.

Ou seja, a resposta basicamente se fundamenta na forma que contém mais relação entre as palavras associadas. Observe que, na Imagem 66, cada forma representa uma ideia. Por exemplo, se eu pensar apenas em pão, eu acionarei a forma padrão “a”, se eu pensar em saudável, acionarei a forma padrão “b” e se eu pensar nos termos associados (pão + saudável), acionarei a forma padrão “c”, que no meu caso, vai ser representado pelo pão integral, mas que, como vimos, deve variar de acordo com as associações subjetivas de cada um.

Agora, se tratando de partículas, vamos utilizar um exemplo lógico, para compreender:

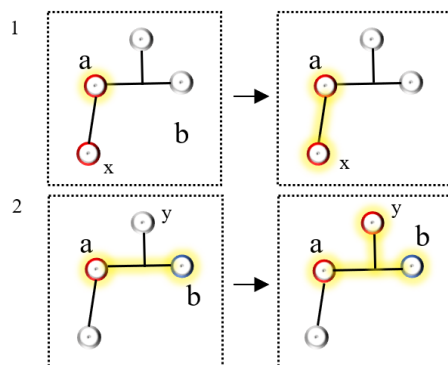


Imagem 67. Exemplo lógico de sentido. Fonte: Autora.

Digamos que, quando lemos a palavra pão, “a” é espelhado e, pela robustez e frequência de associação, encaminha o fluxo de energia e ascende “x”. O conjunto de ambos será o movimento que faz surgir a imagem mental de um pão francês. No entanto, quando lemos a palavra “pão saudável”, digamos que “a” é espelhado com “b”, note na Imagem 67, que o fluxo de energia está organizado de modo a seguir outro caminho e acender “y”, ou a imagem mental de um pão integral. Ou seja, é justamente a partícula que compartilha da conexão entre “a” e “b”, assim como a forma que surge pela intersecção na Imagem 66.

Agora eu espero que as coisas façam sentido para você! Para tanto, retomemos o nosso exemplo primeiro. Digamos que quando a ideia de pão e de saudável acendem na sequência, o caminho do fluxo de energia seguinte irá percorrer as partículas com mais robustez entre as ideias, desativando algumas partículas que não estão diretamente associadas a ambas, gerando assim, uma outra forma.

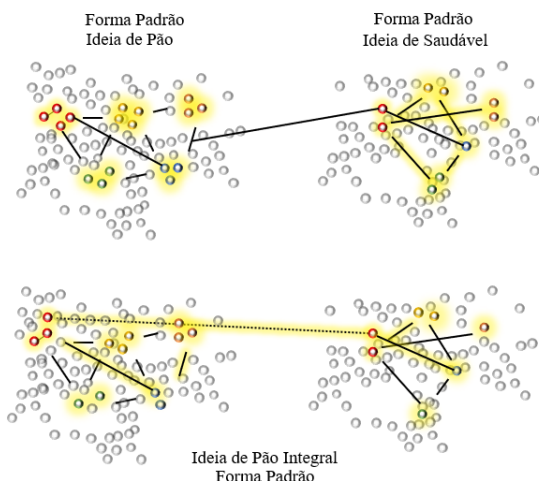


Imagem 68. Associações entre a ideia de pão e saudável. Fonte: Autora.

Que por sua vez será a representação da ideia que possuir mais sentido, ou seja, mais direcionamento de energia, no meu caso, representada pela ideia de pão integral. É assim que damos sentido ao mundo (Imagem 69), visitando a ideia que possui maior associação com o contexto, uma palavra por vez, de forma ordenada. E a seguir, temos um resumo do Enem de tudo o que elucidamos até aqui!

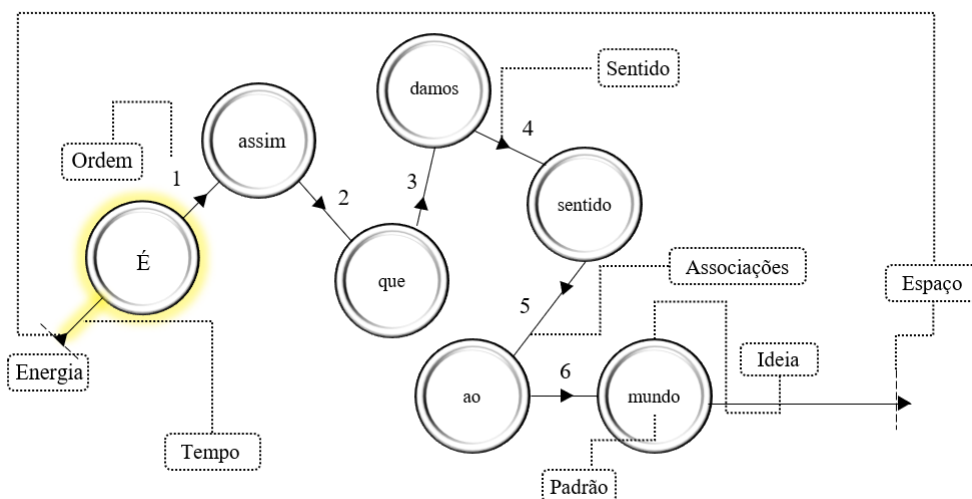


Imagem 69. Modelo Padrão, Sentido. Fonte: Autora.

Outras funções do sentido

Mas, as funções do sentido parecem ser realmente amplas, e podemos até mesmo alegar que é ele o responsável pela nossa capacidade de prever (ver antes) as coisas. Até temos um nome para um grupo específico de pessoas que utilizam bem esse movimento, ou seja, os “videntes⁵¹” ou aqueles que veem antes! O detalhe é que todos nós temos essa capacidade! Você nunca imaginou algo que poderia acontecer e aconteceu?

Agora, vamos utilizar a nossa habilidade para adivinhar ou prever o que está escondido na Imagem 70?



Imagem 70. Surpresa! Fonte: Autora.

E diante do que vimos até aqui a resposta com mais sentido é... um pão baguete. Mas, por quê? Porque, como vimos, sempre perceberemos algo de forma associada a outras coisas, as quais chamaremos de contexto. Em outras palavras, você passou dias lendo esta teoria, refletindo sobre exemplos complexos que incluíam pães. É por essas que encontrar uma figura

⁵¹ Eu, inclusive, já cheguei à conclusão de que eu sou péssima em rir de piadas, principalmente, porque identifico que o que faz rir em uma piada, é o final inusitado, não previsto. Eu geralmente prevejo – azar o meu!

que possua alguma semelhança (no caso da Imagem 70, um padrão de forma compatível com um pão baguete), nos conduzirá a responder por esse caminho.

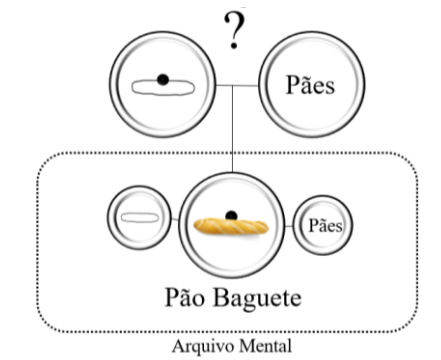


Imagem 71. Modelo Padrão, sentido. Fonte: Autora.

No entanto, se a pergunta fosse apresentada sem um contexto evidente, possivelmente teríamos maiores dificuldades de encontrar uma resposta e começaríamos a levantar as possibilidades, acompanhadas de um maior esforço cognitivo, ampliando as relações possíveis do contexto, em prol de localizar a resposta com maior sentido.

Nesse caso, por exemplo, poderia ser tanto um baguete como um salgadinho (daqueles de queijo bem fedido, perfeito para abrir no ônibus). Por quê? Pois, o formato do perímetro é padrão tanto para um salgadinho quanto para um baguete! Isso significa dizer que o nosso cérebro acionará o mecanismo de busca, localizando todas as ideias que espelham aquele formato. Conforme simboliza a Imagem 72.

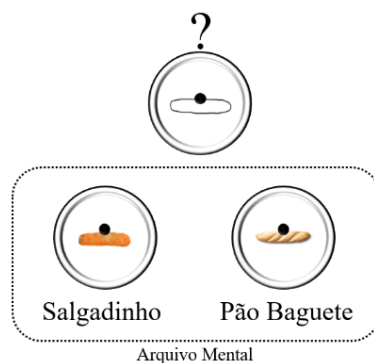


Imagem 72. Modelo Padrão, sentido, forma padrão. Fonte: Autora.

Quem vence? Como vimos, aquele que possuir maior relação com o contexto. E tais relações nem sempre virão à tona com muita clareza, a ponto de que teremos mesmo é que chutar! Dica: nesses casos, talvez, ouvir a sua intuição possa ser um caminho, porque por vezes temos respostas que não necessariamente entendemos, mas, nem por isso precisamos menospreza-las, por exemplo: olhe tudo de incrível que vimos até aqui e que acontece de modo “inconsciente”!

O mais curioso, é o que o meu cérebro me forneceu quando eu solicitei um exemplo de algo que não parecesse fazer tanto sentido, mas, que se relacionasse a Imagem 70, justamente, para exemplificar a ideia que temos sobre a loucura. “Do nada” surgiu em minha cabeça: um

helicóptero. Surpresa e sem entender muita coisa, eu questionei a mim mesma: o que um helicóptero teria a ver com isso? E a resposta surgiu como uma imagem na minha cabeça:

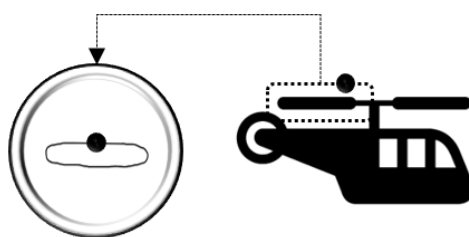


Imagem 73. Associações indiretas. Fonte: Autora.

O mais curioso foi observar que, antes mesmo de eu entender o sentido daquilo, ele já estava lá. Com base no exposto, fiquei pensando se a dita “loucura” não se trata de um movimento lógico que encontra um sentido distinto do que a maioria – é por essas que loucura e criatividade são muito amigas. Ou seja, parece-me ser um equívoco compreender a loucura como algo “destituído de racionalidade”!

Ademais, razão tem origem do grego “*logos*” que significa unir, juntar ou falar ordenadamente, que por sua vez, compõe o movimento de sentido. Por exemplo: é graças a união de dois termos, como pão e saudável, que estabelecemos a razão entre eles, encontrando um sentido. O único diferencial do “louco” para o “normal” é que o sentido, que ele atribui a determinado contexto, não é coerente com o da média. Ou seja, a forma como ele parece organizar as coisas foge da norma.

Até porque normal significa “de acordo com a norma”; norma, por sua vez, pode significar modelo e por aqui vimos que essas palavras se associam fortemente aos padrões, que se associam a ideia, que se associa a uma verdade objetiva (por mais que já alertamos quanto ao equívoco de compreendê-la dessa forma).

Podemos pensar até mesmo na perspectiva de que, quando nos observamos de perto, compreenderemos que ninguém é normal – porque todos nós temos partes subjetivas ou únicas e, portanto, fora da norma⁵². Agora, podemos ir um pouquinho mais fundo e nos perguntar qual seria a resposta correta para a nossa pergunta ou até mesmo verdadeira? Se prepare para a revelação!



Imagem 74. Salgadinho de queijo frito. Fonte: PNGWing.

E sim, a Imagem 74 existe para lembrarmos que, assim como os números, o sentido que encontramos para determinada coisa, pode não ser o que pensamos que seja! E tem mais, você

⁵² Dica de livro “[O mito do normal](#)”.

só procurou descobrir o que é, porque eu perguntei e disse que seria algo além do que parecia ser! (Agradeço pela confiança 😊).

A pegadinha aqui, foi utilizar um padrão de representação relativo à adivinhação! Por exemplo, imagens que querem esconder algo, tem por tendência serem geradas de modo a mostrar apenas a silhueta do objeto. Mas, a imagem em si poderia simplesmente ser, ou seja, uma imagem de uma forma com o perímetro preto. Na verdade, esse movimento todo é o que chamamos, sob uma perspectiva neurocientífica, de “*Pareidolia*”, que é o movimento de reconhecer os padrões formais em outros objetos: por exemplo, aquela brincadeira de criança de ficar identificando outros objetos no objeto da nuvem.

Acredito que o famoso *dejavú* acontece, justamente, quando reconhecemos, no momento presente, algo que o nosso cérebro reconheceu como padrão e, portanto, a semelhança se estabelece de modo a termos aquela famosa sensação de “eu já vi isso antes”. O detalhe é que podemos sentir essa sensação adotando como referência um acontecimento passado, apesar de nem lembrarmos dele, e também, com padrões mentais que criamos em sonhos, por exemplo.

Por outro lado, se lembrarmos do sonho e conseguirmos traçar um paralelo consciente, podemos nos convencer da ideia de que prevemos o futuro! A notícia não tão boa é que eu lhe enganei com aquela história de vidente, porque não conseguimos prever o que vai acontecer! Na verdade, não conseguimos prever tal qual exatamente acontece. Para explicar essa hipótese, vamos recordar das nossas luzes e da singularidade de cada momento!

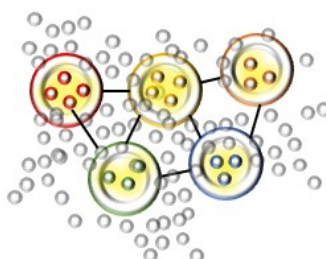


Imagem 75. Modelo Padrão, pão. Fonte: Autora.

Imagine que a Imagem 75 retrata o momento que você percebeu um pão. Nela, podemos observar que existem fatores previsíveis e recorrentes, o conjunto de luzes com robustez entre as associações, mas, existe uma infinidade de variáveis que é única. Como variável, você pode entender o contexto em que você percebeu um pão: na cozinha da sua tia, próximo ao pano amarelo e do copo azul e assim segue... (coisa toda impossível de descrever). Lembra que por aqui trabalhamos a ideia de que não conseguimos espelhar um objeto de modo isolado, ele sempre virá acompanhado de um contexto.

Bem, isso significa dizer que existem certos padrões que seguirão o previsto, mas, existe uma infinidade de combinações de luzes que não, pois não conseguimos prevê-las, em função da amplitude e complexidade que supera nossas possibilidades cognitivas. Resumindo, considero ser, atualmente, inviável prever o que vai acontecer, ou seja, prever todas as variáveis envolvidas e seus respectivos movimentos, para de fato prever o que vai acontecer.

Falando em padrões, podemos refletir sobre como temos a capacidade não apenas de espelhar e associar, como também de conduzir o nosso cérebro a fazer novas associações que

derivam, mas, independem do contexto externo - depois de estabelecidas. É o caso da criatividade! Por exemplo, imagine um pão. Agora, imagine um pão azul! Sabe a famosa Inteligência Artificial? Ela basicamente segue o padrão de movimentos do cérebro humano, mas transpõe a ideia de forma material.



Imagem 76. Pão Azul. Fonte: AI.

Tá bem, confessemos que um pão azul não é nada inovador, principalmente, quando o ramo de corantes alimentícios é algo tão “evoluído”. No entanto, o que devemos observar, por aqui, é a nossa capacidade de associar a ideia da cor azul com a ideia de pão.

A palavra criatividade tem origem no latim “creare” que significa criar, ou formar! E eu, particularmente, acredito que a palavra formar, deveria ser mais associada ao termo criar. Isso porque, ela acrescenta à ideia algo que demanda de ações conscientes e constantes. Por exemplo, para formar um estudante precisamos de dedicação, aperfeiçoamento e tempo! Assim como o artista precisa para criar uma obra.⁵³

Nesse caso, podemos dizer que a criatividade consiste em formar algo fora dos eventuais padrões. São os criativos que costumam fazer associações inusitadas - os loucos, como vimos, também, mas em um nível mais acentuado! E o sentido, independentemente do sentido, vai ser esse caminho que traçamos até chegar a um “pão azul” ou até mesmo a um objetivo digamos, mais “material”. Mas, será que esse movimento seria um padrão que se aplica tanto ao plano “Mental” e “Material”? Mera coincidência? Ou meu cérebro tentando unir com a lógica tudo o que ele encontra?

Os encaixes de realidade

Quando eu fiz a disciplina de Filosofia da Linguagem, foi-me apresentado as seguintes proposições do *Tratado Lógico Filosófico*:

⁵³ Talvez, tal relação acabaria ajustando a ideia que muitos possam ter de criação como um ato de espontaneidade que faz surgir, assim, “do nada” e passam a vida sofrendo com a espera de que “Deus” de um jeito em seus problemas, sem ter a mínima consciência e protagonismo na resolução deles.

2. 012 - *Na lógica, nada é casual: se a coisa pode aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar prejudgada na coisa.*

3.02 - *O pensamento contém a possibilidade da situação que ele pensa. O que é pensável é também possível.*

Em outras palavras, o que entendo que o Wittgenstein está desejando dizer aqui, é que tudo o que pensamos, podemos, de alguma forma, transpor para o plano material. É como se o mental fosse um “predecessor” do material. Eu confesso que, na época, achei aquilo um pouco absurdo demais! Por exemplo, seja criativo e imagine algo bem fora de nossos padrões de realidade! (imaginou?). E agora imagine que nisso existe a possibilidade dele se tornar “real” (vou deixar esse termo entre aspas, porque já aleguei que o mental faz parte do real, mas, enquanto não encontro um termo mais adequado, vamos usar o que temos – com as devidas ressalvas!).

O que eu notei com esse exercício é que, toda vez que eu fazia uma combinação inusitada ou criativa, na sequência, o meu cérebro começava a arquitetar modos de transpor a ideia para o plano material (talvez, seja pelo fato de eu ser arquiteta, mas, acredito que, no fundo, todo mundo é!).

Há coisas que no presente momento parecem impossíveis, mas, presumo que, se voltássemos há dois mil anos (em suposição, porque já vimos como isso não parece ser possível), e descrevêssemos sobre um *smartphone* (um telefone que funciona com o dedo!) para uma pessoa, defendendo a sua existência sem conseguir provar, iríamos, muito possivelmente, ser taxados como loucos e, quem sabe, até mesmo condenados a beber cicuta por espalhar a mentira e o caos!

Portanto, depois de refletir um bocadinho, estou com o Wittgenstein na ideia de que, se algo pode ser concebido na mente, ou no plano mental, também pode ser concebido no plano material. O detalhe que muita gente não entende é que para a **materialização** é preciso ação! (é por essas que a dita lei da atração se popularizou, porque deu esperança há um bando de preguiçoso e egocêntrico, que querem alimentar sua mentalidade consumista, ganhando dinheiro, assim, “do nada”, sem um propósito mais amplo e muito menos ação) – Graças a Deus, isso não vai funcionar!

Sabe o que é mais curioso? É que começamos esta teoria falando sobre a primeira etapa da percepção, ou seja, o sentir, e concluímos falando do sentido. Acredito que uma das considerações mais importantes que eu possa deixar para vocês é o quanto o sentir também se trata de um caminho, além de ser a base de nosso pensamento.

Eu dedico uma fração do meu dia a parar e sentir o meu corpo, movimento também conhecido como meditação. Esse simples exercício de sentir, aumenta os meus níveis de prazer, além de potencializar a empatia, a sensação de conexão, a criatividade e o raciocínio lógico. Isso é o que também comprovam os estudos⁵⁴, que por sua vez acabam contribuindo para a validação desta teoria.

Ao sentir, eu consigo perceber as minhas associações mais profundas, organizar-me, observar o que acontece dentro de mim, e essa teoria nada mais é que o espelhamento deste movimento. Sabe o que mais? A meditação amplia a minha conexão com o mundo, de tal modo

⁵⁴ Se quiser saber mais, você pode acessar um [vídeo](#) sobre.

que eu realmente me sinta parte dele, e há um momento especial do processo meditativo em que os limites deixam de existir.

É por essas que exaltar a razão, como movimento consciente, em detrimento do sentir não faz sentido, porque ela é apenas o que conseguimos “ver” de um processo muito “maior”. O mais divertido dessa teoria é pensar na possibilidade da ideia de que, de algum modo, aquilo que organiza a nossa mente, também organiza a matéria. E tal afirmação é potencializada pela ideia de sermos um só!

Cientistas, agora é com vocês, se divirtam investigando tudo isso! Eu, ficarei com a poesia!

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas.

(Olavo Bilac – Ora direis ouvir estrelas).

3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Bem, se você concorda com a teoria apresentada sobre o tempo, podemos dizer que nunca acaba quando termina. Reservei esse espaço para conectar algumas questões, de tal modo a fazer mais sentido! Ainda mais agora que temos uma noção do que o sentido signifique! E lá vamos nós para a historinha...

Em uma disciplina de filosofia, fomos apresentados a duas teorias quase que, digamos, antagônicas: de um lado, tínhamos, o meu velho amigo, Heráclito! Aquele cara que citei anteriormente, trazendo à tona a ideia de que não podemos nos banhar no mesmo rio duas vezes... para ele, tudo era movimento! (e de fato, é só olhar e ver!).

Colaborando com a tese de Heráclito, quando adotamos como referência o modo de funcionamento do cérebro humano, portanto, fundamentado numa relação espaço-temporal, vimos por aqui que faz muito sentido conceber a ideia de que tudo é movimento. Lembra? Ao estabelecer os limites, isolar objetos e traçar os referenciais, veremos que as coisas se movem!

Mas, do outro lado, tínhamos o senhor Parmênides! Que argumentava que o não-ser não existe, pois, se algo não existe, não pode ser pensado ou falado (Oi? Na época eu não entendi muita coisa...). Até que Parmênides ressurgiu no meu plano mental e algumas coisas começaram a fazer sentido. Ou seja, Parmênides parecia evidenciar o quanto o ser e o existir enquanto ser, estão limitados ao nosso sistema de linguagem. Na verdade, acabei de me dar conta que a expressão de Descartes “*cogito, ergo sum*” (penso logo sou, ou como traduzidos por muitos, existo) parece evidenciar o quanto o ser e o existir são derivações de nosso pensamento.

Porque, como vimos, pensar em algo consiste em focar e todo o foco é limitado, portanto, conceber a ideia do que algo é, o ser, consiste em limitar, resumindo: não penso logo

não sou; e o existir, é um produto do ser, logo, também não existo enquanto ser, pois transcendendo os limites espaço-temporais (virgem, espero que você tenha entendido alguma coisa dessa loucura toda!). É por essas, que faz sentido dizer que não se pode dizer o que Deus é! A não ser que você consiga conceber os limites de Deus.

Parmênides considerava que o movimento era impossível e toda realidade consistia em uma substância única, imóvel e imutável. Aristóteles também apresentava uma ideia semelhante, quando teorizava sobre o “motor imóvel”. Colaborando com a discussão, Parmênides alegou que o universo é um todo unificado, onde tudo está conectado e não pode ser dividido em partes separadas.

Eu confesso que passei um par de dias tentando entender como algo poderia ser imóvel, repito: era só olhar e ver as coisas se mexendo! Até que eu olhei uma borracha e pensei, como ela poderia não se mover? A resposta veio a duras custas: a borracha não se move se o referencial que temos para ela, é ela mesma! (estupidamente óbvio, mas, complexo). O que isso quer dizer? Bem, se compreendermos o universo como tudo o que existe, não podemos adotar nada além, como referencial, portanto, ele é o seu próprio referencial, ou seja, imóvel - o universo com relação a ele mesmo não se move. Mas, poderíamos dizer que o universo é “tudo” ou o seu próprio referencial, sendo que tais relações estão implicadas na ideia espaço-tempo?

Bem, você há de convir comigo que se espaço e tempo podem ser descritos como limitações de nosso sistema cognitivo e de linguagem, também não faz sentido existir o movimento, pois sem espaço e tempo, não é possível conceber referenciais, e sem referenciais não há como alegar que algo se move. O porém aqui é que quando pensamos em algo atemporal e ilimitado, não conseguimos estabelecer uma associação precisa de algo que o represente em nosso cotidiano, podemos até observar que a nossa mente parece se sentir perdida com essas ideias. Ao contrário de imóvel, que no meu caso, remete a ideia de uma pessoa parada, esse é o equívoco. Imóvel não é o oposto daquilo que se movimenta, talvez, repouso possa ser, assim como atemporal não é parar o tempo e ilimitado não é parar o espaço. O prefixo “I” nesse caso deveria transmitir a ideia de negação, que resume bem a noção de não existir.

Agora, vamos fazer uma pausa na física e tratar especificamente da ideia de Deus. O que me chama atenção nessa ideia é a sua permanência ao longo da história da humanidade. Os ritos, o místico, o simbólico, a referência a algo maior, se encontram na espiritualidade dos povos, reverberado em diferentes narrativas, mas com, aparentemente, um mesmo pano de fundo. Foi justamente essa curiosidade que me despertou para querer compreender mais sobre Deus.

Mas, para isso acontecer, eu precisei desconstruir muito do que eu aprendi que Deus é, um paradoxo, porque como vimos, Deus não pode ser. Isso porque, a ideia que eu tinha dele, era um ser a parte, que morava no céu (lá em cima) e detalhe, ele parecia ser um homem! Eu também fui obrigada a acreditar em narrativas que pra mim, mesmo quando criança, não faziam nenhum sentido, engolindo, porque duvidar era pecaminoso e desrespeitoso. Até que um dia, depois de adulta, eu aceitei a ideia de que eu não conseguia acreditar naquela ideia de Deus, que para mim, não fazia sentido algum, e me afastei.

Acrescido a isso eu comecei a observar os movimentos humanos, não saudáveis, que giravam em torno da ideia. Como por exemplo, colocar “Deus acima de tudo”, quando em verdade, alguns humanos “se colocavam acima de todos”, defendendo a sua forma de ver e de

pensar como “a verdade”, inferiorizando e até mesmo maltratando pessoas que pensavam diferente. O movimento se repetia, quando passamos a colocar o “ser humano acima dos demais seres” - ou o predileto de Deus⁵⁵ - e com isso justificar a sua forma desrespeitosa de tratar o que sobra da dita “hierarquia”. O porém, é que eu comecei a observar que pessoas que não acreditavam em Deus faziam o mesmo movimento ao acreditar em um “ideal” e justificar qualquer atrocidade em nome desse ideal. Aí eu me toquei que, talvez, esse movimento não se tratava especificamente de Deus, mas, provavelmente do ser humano. Eis os perigos de tentar conceber o ilimitado, por um ser limitado!

Aproveitando o assunto, julgo ainda inapropriado aplicarmos a inexistência espaço-temporal a vida humana. Isso porque, como vimos, os limites fazem parte de nosso sistema de linguagem, e quando bem empregados, podem ser uma fonte de bem-estar. Para deixar as coisas bem claras: não saia por aí se apropriando do que não é seu com a ideia de “somos todos um”! Mas, isso não significa que não precisaremos rever o modo como concebemos os nossos limites. O que só poderá ser feito com diálogo e, o mais importante, uma consciência conectada ou harmonizada e, portanto, verdadeiramente respeitosa.

O curioso de observar é a possível oposição entre a palavra símbolo, que como vimos, significa algo como “lançar junto”, e denota a ideia de conexão ou união; com a palavra diabo, que é originária do grego e tem por significado “lançar através de”, como um ato de ruptura, de corte, de quebra. E ao olhar esses movimentos de oposição extremados, que independentemente do lado, acabam criando ruptura, eu não posso deixar de refletir o quanto isso gera sofrimento, sendo portanto, criação do diabo! Mas, espera!!! Vamos definir melhor esse último: não, eu não acredito que diabo seja um ente vermelho com guampinhas que gosta de fogo e mora no inferno.

E sim, eu acredito que o diabo é um movimento de separação, que resulta em um bloqueio da nossa capacidade de respeitar e compreender o outro, que pode evoluir para um comportamento nocivo e passar a habitar o nosso próprio coração. Pode até ser compreendido como uma força “externa”, mas nada místico e sim, algo cultural, que só nos seduz quando carentes de discernimento.

É a mesma ruptura que a gente encontra, por exemplo, entre a ciência e a religião, ou quando duas religiões brigam pela verdade, ao invés de se unir em prol dela. (Gente, vocês acham mesmo que se, por exemplo, Buda e Jesus Cristo se reunissem para conversar, eles ficariam discutindo quem é o dono da verdade? Ou se unindo para compreender como esses ensinamentos poderiam tornar melhor a vida de todos os seres?).⁵⁶

Falando em separação e espiritualidade, considero com muito ímpeto que uma das piores coisas que poderia ter acontecido à humanidade foi, justamente, essa separação: ou seja, enxergar Deus como um ser a parte de nós (ou aquele cara no céu, conforme descrevi anteriormente). Porque “ele está no meio de nós”, ou seja, substância que une e “o nosso coração está em Deus”! (considero que o “nosso” aqui deveria representar todos os seres) percebam como, nessa frase, Deus parece espelhar a ideia de um “conjunto maior”.

⁵⁵ “Deus fez o “homem” a sua imagem e semelhança”, reflitamos: se tudo é criação de Deus, assim como uma mãe e um pai passam seus genes aos filhos, podemos refletir que na substância da criatura há a substância do criador. Portanto tudo será a imagem e semelhança de Deus, em diferentes arranjos. E assim como uma mãe ama todos os seus filhos, também acredito que Deus ama todas as suas criações, sem prediletos.

⁵⁶ Dica: sempre que você possuir algum empecilho moral, escolha uma figura de referência para você, e pense em como ela agiria em determinado contexto, isso pode ajudar a acalmar os ânimos e lhe fazer tomar uma decisão mais harmônica.

E sabe o que mais vive na espiritualidade humana? A ideia de eternidade, que está diretamente associada a esta teoria em sua atemporalidade. Mas, não, não considero que será a sua forma padrão que será eterna e, sim, o padrão que está por trás da sua forma, o que Platão teoriza como a alma do mundo. Como nos lembra os ensinamentos Budistas, o apego é fonte de sofrimento e se apegar a sua forma ou ao seu corpo, lhe fará sofrer – portanto, aceitar a transformação da vida, o libertará. Ou, como dizem os Cristãos, “conheça a verdade, e a verdade os libertará” (detalhe, a verdade parece ser a unidade, a unidade não pode ser concebida com ruptura – portanto, se a sua verdade está sendo utilizada para desagregar, ofender ou discriminar, alguma coisa de errado não está certa!).

Uma das coisas que me consolam, quando as pessoas partem, é compreender que parte delas ainda vive em mim. E de fato, vive mesmo, se formos pensar nos genes que herdamos e nas conexões que estabelecemos pelo movimento de espelhamento, a base de nossas memórias. Ademais, ter convicção que ela se transformará, quimicamente falando, me faz buscar olhar com zelo e atenção a todas as coisas do universo, porque elas foram e serão parte das pessoas que amamos: “*na natureza nada se cria nada se perde tudo se transforma*” Lavoisier.

Para “finalizar”, eu gostaria de evidenciar o quanto esse caminho da dúvida, quando orientado por uma vontade genuína de conhecer e de querer tornar o mundo um lugar melhor, fizera-me reestabelecer a minha conexão com Deus. É esse movimento que eu considero saudável. Pois é a uma conexão genuína que renunciamos toda vez que engolimos, sem nos questionar, se uma ideia realmente faz sentido para nós, por que se não sentirmos isso, fica praticamente impossível vive-la e aplica-la em nossa vida. Como diria Buda, “*Sê a tua própria luz*”.

Até essa altura, e com as minhas “Confissões da Ana”, você já deve ter percebido que eu me relacionado com as ideias de Deus e Universo, como se fossem uma só, sem separar, inclusive, o mundo sensível, matéria, do inteligível, mente. E, com isso, também quis aproximar ciência, filosofia e espiritualidade. Mas, como diria uma música que eu gosto muito, “*se não faz sentido, discorde comigo, não há nada demais!*”⁵⁷ desde que você faça isso com respeito e discernimento!

“Finalizando” as nossas reflexões, gostaria de salientar que ao meio de minhas atribuições rotineiras, crises existenciais e projetos de arquitetura, (essa é para você que acha que vida de filósofa é fácil) passei outro par de dias quebrando a cabeça e refletindo se poderíamos dizer que o universo pode ser simbolizado como uni - uno - um. E a minha resposta: não. O lado interessante da palavra é que ela acaba sendo favorável ao simbolismo, pois, transmite bem o movimento que une, importante de ser refletido e sentido por nós humanos, por outro lado “um” também contém a ideia de forma.

É por essas que eu particularmente prefiro a representação do Universo ou Deus, através do número zero. O zero é o nosso portal da imobilidade, da atemporalidade, do não ser, o nosso buraco negro e o melhor ainda é perceber que a representação do zero é ilimitada, não tem começo nem fim, é um ciclo, um círculo interconectado que pode também refletir a ideia de unidade ou melhor zerodade!

⁵⁷ [Não olhe para trás](#), Capital Inicial!

Mas, ainda assim, é limitado pela relação espaço-temporal, ou seja, é uma forma, portanto, talvez se aproxime, mas, não pode ser. Inclusive, tudo o que você encontrou por aqui “entre aspas” é porque se refere ao espaço-tempo, mas, que é questionável de um ponto de vista transcendental, como, por exemplo, os termos: “expandir”, “contrair”, “dentro”, “fora” “aumentar”, “início”, “fim” “acrescentar” e etc.

Diante do exposto, seria interessante nos questionar se poderia existir alguma palavra que se aproxime de tudo o que conversamos até aqui. Algo que represente a atemporalidade, o ilimitado e imóvel e portanto, algo que quando pensando nos faz não pensar, não limitar, não seguir um caminho. Pense na palavra que é o cerne desta teoria e que te faz pensar em nada.

“O resto é mar, é tudo o que eu não sei contar”(Tom Jobim)

Espero mesmo que você tenha feito um “ahhh” no final e principalmente, entendido alguma coisa. Mas, por aqui eu aleguei que nunca acaba quando termina, é por essas que eu sigo escrevendo! Em função disso, compartilho com vocês a minha intenção de dar continuidade as reflexões sobre a percepção, “expandindo” os ramos de investigação. Quer um *spoiler*? A próxima parada é compreender como os nossos pensamentos influenciam o nosso corpo e onde se encaixam as emoções nessa história! Seguiremos com a nossa abordagem “à moda louca”, repleta de associações inusitadas, estorinhas de Amarildo, crítica bem-humorada e cúrcuma, porque dizem que faz bem!

Se ficar com saudades de mim e não conseguir esperar o próximo trabalho, você poderá me encontrar no YouTube, Instagram ou no Spotify em “Diálogos da Ana”!

Muito obrigada por passar este “tempo” comigo!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

ARISTÓTELES. *Historia Animalium* (História dos Animais). Cambridge University Press. 2002.

BACON, Francis. *Novum Organum*. Nova Cultural, 2000.

BARROS, Clovis; CALABREZ, Pedro. **Em busca de nós mesmos**. Citadel. 2017.

BBC NEWS. **Por que civilizações antigas não reconheciam a cor azul?** Disponível em [*](#)
Acessado dia 29.11.2023.

BILAC, Olavo. **Ora Direis Ouvir Estrelas**. Poema.

BORODITSKY, Lera. **Como a linguagem molda o nosso modo de pensar**. TED. 2017.
Disponível em:
https://www.ted.com/talks/lera_boroditsky_how_language_shapes_the_way_we_think/transcript?language=pt Acessado dia 29.11.2023.

BUDA. **Dhammapada: Os ensinamentos de Buda**. Mantra. 2021

GOLEMAN, Daniel. **Foco: A atenção e seu papel fundamental para o sucesso**. Objetiva. 2014.

GOLEMAN, Daniel. **Liderança: A inteligência emocional na formação de líder de sucesso**.
Objetiva. 2023.

HEBB, Donald. **The Organization of Behavior: A Neuropsychological Theory**. Psychology Press, 2002.

HOLIDAY, Ryan. **O ego é seu inimigo: Como dominar o seu pior adversário**. Intrínseca: 2017.

JESUS. **A Bíblia Sagrada**. Ave Maria. 1999.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Objetiva. 2012.

KAHNEMAN, Daniel; SIBONY, Olivier. **Ruído: uma falha no julgamento humano**. Objetiva. 2011.

KISHIMI, Ichiro; KOGA, Fumitake. **A coragem de não agradar**. Editora Sextante. 2018.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Perspectiva. 2017.

LAMEIRAL, Allan; GAWRYSZEWSKII, Luiz; PEREIRA, Antônio. **Neurônios Espelhos**. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000400007> Acessado dia 29.11.2023.

LEE, Rita; DUNCAN, Zélia. **Pagu**. Universal Music. 2000.

MATÉ, Gabor; MATÉ, Daniel. **O mito do normal**: Trauma, saúde e cura em um mundo doente. Sextante. 2023.

MILL, John. **O Utilitarismo**. Iluminuras. 2022.

MOGI, Ken. **Ikigai**: os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser feliz. Astral Cultural. 2018.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Penguin-Companhia. 2016.

SUPERINTERESSANTE. **A matemática foi descoberta ou inventada?** Disponível em <https://super.abril.com.br/especiais/a-matematica-foi-descoberta-ou-inventada> Acessado dia 29.11.2023.

TALEB, Nassim. Antifragil: **Coisas que se beneficiam com o caos**. Objetiva. 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Edusp. 2017.